

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Dissertação de Mestrado

CLÁUDIO HEINRICHS JR.

**A PRESENÇA DA ANTIGÜIDADE CLÁSSICA
EM AUGUSTE COMTE**

Dissertação apresentada
como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre
em História.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Marshall

Porto Alegre, Agosto de 2001

À memória Friedrich Nietzsche

AGRADECIMENTOS

Agradeço profundamente todos os brasileiros que contribuíram com meus estudos até aqui, na graduação e no mestrado, em especial à ajuda que me concederam através de um ano de bolsa do CNPQ.

À minha segunda casa chamada UFRGS pela acolhida de mãe que me foi dada durante anos.

Ao Programa de Pós-Graduação em História e seus professores.

Agradeço ao meu orientador, Francisco Marshall, por toda sua paciência, ajuda e compreensão.

Durante este estudo recebi apoio e incentivo de muita gente em conversas, em tardes na redença e em encontros de estudo, essa gente é minha família escolhida: Ramiro Bicca, Rafael Rosa, Carina Lauffer, Múcio Lorandi, Tibério Xavier, Édison Cruxen e Daniel Conte.

Agradeço à Carla Vescovi, minha namorada, que me deu paciência e muito bom humor por seu carinho inesgotável.

Agradeço a meus maravilhosos pais, Cláudio e Neli, ao meu inigualável irmão, Vinícius, e a minha irmã Karen amiga, sincera e companheira, que é a pessoa que mais acompanha minhas lamúrias diárias de cansaço e alegria.

Positivismo (1933)

Noel Rosa e Orestes Barbosa

*A verdade, meu amor, mora num poço
É Pilatos, lá na Bíblia, quem nos diz
E também faleceu por ter pescoço
O autor da guilhotina de Paris*

*Vai, orgulhosa, querida
Mas aceita esta lição.
No câmbio incerto da vida
A libra sempre é o coração*

*O amor vem por princípio, a ordem por base,
O progresso é o que deve vir por fim
Desprezaste esta lei de Augusto COMTE
E foste ser feliz longe de mim
(...)*

RESUMO

Para Augusto COMTE, a História fornece vínculos explicativos decisivos e sustenta um projeto de futuro relacionado à evolução continuada da humanidade. Este filósofo realizou uma leitura original e abrangente da História da humanidade, com relações causais entre os diferentes estágios, o que significa a atribuição de valores às diferentes etapas e culturas, entre as quais, com grande destaque, as culturas da antigüidade. Neste estudo da vinculação histórica em COMTE, privilegiou-se a percepção do clássico greco-romano, uma referência muito importante no contexto histórico em que COMTE viveu, demonstrando quais as imagens produzidas e funções atribuídas a este momento da História, dentro dos escopos da doutrina positivista.

SUMMARY

This paper intends to realize how did Auguste COMTE detached from his tenets the several demands of historical meanings necessary to his explanation of the present to his projects for the humankind. It is clear on the work of this philosopher his major concerning about History, provider of elucidative and ultimate bonds, and sustaining of a future project related to continuous evolution. COMTE fulfilled an original and exhibited interpretation of the Humanity History, with casual relationships among distinct levels, what means attribution of value to different stages and cultures, among which, vividly, to ancient cultures. To make viable this work about historical bounding in COMTE, the Greek-Roman perception of the classic was privileged, establishing which images and functions this historical stage had, in the design of the positivistic doctrine.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	3
RESUMO	5
SUMMARY	6
SUMÁRIO	7
INTRODUÇÃO	8
1. CLÁSSICO COMO MODELO	15
2. O PENSAMENTO DE AUGUSTE COMTE: FORMAÇÃO E DOCTRINA	27
3. ESTÁTICA E DINÂMICA NA HISTÓRIA	61
3.1 O PROGRESSO E O ILUMINISMO: CONDORCET	73
3.2. A ORDEM E O CONSERVADORISMO: JOSEPH DE MAISTRE	85
4. O CLÁSSICO EM AUGUSTE COMTE	98
4.1. A VISÃO SOBRE A GRÉCIA: <i>L'INTELLIGENCE AU-DESSUS DE TOUT</i>	100
4.2. A VISÃO SOBRE ROMA: <i>L'ACTIVITÉ GUERRIÈRE</i>	113
CONCLUSÃO	125
BIBLIOGRAFIA	133
ANEXOS	138

INTRODUÇÃO

Paul VEYNE (1987:13) iniciou o texto "Acreditaram os Gregos nos seus Mitos?" com a seguinte pergunta: "os gregos acreditavam na sua mitologia?", e terminou com a seguinte resposta: "claro que acreditavam nos seus mitos!". O final do livro pode parecer um tanto óbvio, pois se os gregos não acreditassem, não haveria razão para justificar a existência dos mitos entre os gregos. O importante, entretanto, não foi a pergunta ou a resposta, mas a exposição de VEYNE sobre como se articulou a existência da crença nos mitos e, ainda, o significado de "acreditar" entre os antigos.

A reflexão de VEYNE encaminha uma questão de fundo: existiriam na antigüidade aqueles que não acreditavam nos mitos? Sim, diz o autor, poderiam existir, mas a própria descrença possuía um tipo de característica própria daquela época. Se para os gregos o mito podia cumprir uma função referencial, ordenando a compreensão da realidade, em outras épocas e contextos sempre se afirmou a necessidade de se apresentarem visões do tempo, da natureza e da cultura, por meio de explicações que muitas vezes repetem as condições e estruturas próprias do mito.

Para tanto, produziram-se diferentes soluções explicativas, em busca da verdade e de esclarecimentos sobre o presente, remetendo a imagens do passado. Nesse movimento, foram estruturadas “modalidades de crença que remetem para os modos de posse da verdade” (VEYNE, 1987:43). Essas modalidades de crença gestaram-se no seio de contextos específicos que consolidaram suas percepções de mundo de modo singular, unicamente possíveis devido a elementos sociais interrelacionados em cada contexto. Por esse motivo, as diferentes interpretações do mundo congregam os sentidos de seu contexto, a forma de apropriação da verdade e o modo como o passado foi interpretado.

O passado possui uma determinação dependente daquela em que o seu intérprete está submerso. Na necessidade de mostrar a conformação do passado, o intérprete atua

perante as idéias, ou melhor, perante os conceitos que utilizam os homens de uma época, fornecendo-lhes um conteúdo próprio dessa época, a tarefa do historiador da idéias é, portanto, a de ‘substituir a busca de uma determinação pela de uma função’, função essa que só pode ser apreendida se for considerado globalmente o sistema ideológico da época considerada.(CHARTIER, 1994:49-50)

Evidencia-se, assim, a preocupação com a percepção da trama histórica que é entendida como “remontável” no trabalho do historiador. O tema da trama, também, aparece no pensamento de VEYNE (1995:28) quando entende que

os fatos não existem isoladamente, nesse sentido de que o tecido da história é o que

chamaremos de uma trama, de uma mistura muito humana e muito pouco 'científica' de causas materiais, de fins e de acasos (VEYNE , 1995:28).

Nesta medida, VEYNE sustenta a natureza lacunar da história, utilizando-se do exemplo de que quase nada se conhece sobre a história política do final da república romana, mas se conhece bem a história da sociedade, e tal situação, se fosse inversa, nada teria de anormal para a disciplina de História. Sua visão aprofunda-se na afirmativa de que "...as lacunas da História fecham-se espontaneamente a nossos olhos e só as discernimos com esforço, tanto são vagas as nossas idéias sobre o que devemos, a priori, esperar encontrar na história..." (VEYNE, 1995:18). Assim, a História para VEYNE faz sentido apenas para o presente que a pensa; a História é, portanto, caracterizada pelas diferenças do olhar sobre o mesmo passado, sobre uma mesma época. A aproximação com o presentismo de Benedetto CROCE é perceptível no momento em que afirma que:

um fato é histórico apenas na medida em que é pensado, e como não existe nada fora do pensamento, a questão de saber quais os fatos que são históricos e quais o que não o são, não tem sentido algum (CROCE, 1915:16).

Para VEYNE, tudo é histórico e naturalmente lacunar. Contudo, a visão de CROCE contribui para destacar que o trabalho do historiador é que confere existência ao passado. A questão que fica patente, nesse momento, é se esse tipo de característica compromete a cientificidade da história. Considerando a particularidade que deriva dos objetos singulares que analisa, inseridos em espaços e tempos irreproduzíveis, não há a

possibilidade de experimentação. O desafio que se afirma é a necessidade de o historiador adequar as soluções metodológicas ao estudo do tema ou período histórico que se a propõe pesquisar, face às especificidades das fontes.

É nessa perspectiva que este trabalho está calcado, visando a perceber como Auguste COMTE reinterpretou o passado greco-romano, destacando de suas doutrinas as diversas demandas de significado histórico necessárias a sua explicação do presente e aos seus projetos para a humanidade. Está claro na obra deste filósofo sua grande preocupação com a História, fornecedora de vínculos explicativos decisivos e sustentadora de um projeto de futuro relacionado à evolução continuada. COMTE realizou uma leitura original e ostensiva da história da humanidade, com relações causais entre os diferentes estágios, o que significa a atribuição de valores às diferentes etapas e culturas, entre as quais, com grande relevo, as culturas da antigüidade.

Para viabilizar este estudo da vinculação histórica em COMTE, privilegiou-se a percepção do clássico greco-romano por COMTE, demonstrando quais imagens e funções que este momento da história cumpriu, dentro dos escopos da doutrina positivista. A tradição clássica teve um papel destacado na conformação da modernidade européia, especialmente desde a renascença e com muito vigor no Iluminismo. A Revolução Francesa consagrou esta relevância, recuperando da tradição romana muitas referências políticas, jurídicas e simbólicas. Assim, busca-se perceber como COMTE, um representante da Europa da Restauração,

reagiu a este contexto e articulou a compreensão do clássico em seu sistema filosófico e em seu conseqüente projeto político.

Não foram encontrados trabalhos que visassem a perceber especificamente a recepção do Clássico em Auguste COMTE, tampouco que tivessem o mesmo objetivo em relação à primeira metade do século XIX. Já no que tange os filósofos do Iluminismo e a Revolução Francesa, existem muito trabalhos, dentre os quais, destaca-se o livro *The Enlightenment: an interpretation – The rise of modern paganism* (GAY, 1966) em que Peter GAY esclarece como o paganismo ofereceu modelos para que os filósofos iluministas pensassem alternativas de sociedade. Entre historiadores brasileiros, embora publicado em francês, destaca-se o trabalho do historiador José Antônio Dabdab TRABULSI, que na obra *Religion Grecque et Politique Française au XIX^e Siècle: Dionysos et Marianne* estudou profundamente o diálogo do passado clássico com a cultura européia, analisando obras de diversos autores da época relativas à religião grega.

Assim, até onde pudemos perceber, este trabalho não possui correlatos, o que dificultou bastante a pesquisa, devido ao vazio de fontes referenciais. isto agravou a insegurança de um pesquisador neófito, que se viu frente a uma enorme bibliografia que não se relacionava diretamente com o tema, mas que apenas o circunscrevia.

Para compreendermos nossa temática, será necessário apresentar sucintamente as principais visões sobre o clássico em torno do período revolucionário francês. Isto está presente no primeiro

capítulo, chamado "Clássico como Modelo", em que se busca expor algumas leituras do clássico durante o período que circundou a Revolução Francesa, assim como suas correlações com o racionalismo filosófico e com a gestação do pensamento de Auguste COMTE em particular.

Também será necessário reconstituir aspectos da formação do pensamento de COMTE, expressos através da sua produção intelectual. O segundo capítulo, "O Pensamento de Auguste COMTE: Formação e Doutrina", apresentará esta reconstituição, considerando alguns momentos da trajetória do filósofo, tendo como critério aqueles que se percebem importantes para compreensão do tema proposto, assim como expondo aspectos gerais da doutrina do pensador, necessários para a compreensão dos temas que foram abordados.

O capítulo chamado "Estática e Dinâmica na História" terá o objetivo de esclarecer os conceitos de ordem e progresso, para que seja possível inserir conceitualmente a antigüidade como elemento essencial da visão da evolução social que o filósofo formulou. O pensamento de CONDORCET e de Joseph de MAISTRE serão destacados em sua influência na formação da Doutrina Positivista de Auguste COMTE; ambos apresentam visões próprias da antigüidade, oscilando entre avaliações progressistas e conservadoras.

No capítulo "O Clássico em Auguste COMTE" será exposta a percepção da antigüidade pelo filósofo e a função que este momento da história tem dentro da Doutrina Positivista. Isto será visto de acordo com a classificação teológica atribuída para Grécia e Roma, assim como no

estudo do estatuto dos autores clássicos, muito citados na obra de COMTE.

Serão utilizadas obras do filósofo que encaminham estas problemáticas, em uma amostragem determinada pelo prazo exíguo e pela disponibilidade restrita de obras. As principais obras utilizadas foram o *Cours de Philosophie Positive* e o *Système de Politique Positive*. Embora estas obras sejam bem conhecidas e exista uma grande tradição positivista no Rio Grande do Sul, elas jamais foram traduzidas para o português, tal como a obra de CONDORCET, que foi muito apropriada por Auguste COMTE, chamada *Esquisse d'un Tableau Historique des Progrès de l'Esprit Humains*. Na mesma situação, está a obra *Considérations sur la France* de Joseph de MAISTRE. A tradução destas obras poderia facilitar estudos sobre estes autores, os quais são muito importantes para compreender a história brasileira, tão influenciada pelo positivismo de Auguste COMTE.

1. CLÁSSICO COMO MODELO

Neste capítulo pretende-se expor os matizes que atribuíram ao *clássico* a condição de modelo como fonte de inspiração e de transformação da sociedade. É inegável a importância dos antigos para as formulações políticas e sistemas filosóficos europeus.

Mesmo depois de desaparecerem enquanto organizações políticas, Grécia e Roma tiveram sua cultura como referência originária para o desenvolvimento das idéias europeias, sendo apontados como os genitores do legado cultural da produção filosófica, histórica.

Muitas análises sobre a presença do clássico na cultura europeia ressaltam que a renascença foi a época em que existiu uma ruptura radical com a Idade Média, entendendo que o pensamento moderno inaugurou-se a partir da busca de idéias e virtudes greco-romanas, em um momento em que houve um grande interesse pelos autores da antigüidade. O intérprete mais conhecido desta tese foi Jakob

BURCKHARDT¹, em *A Cultura da Renascença na Itália*, que pintou um quadro idílico do Renascimento, como momento de reafirmação do homem no mundo Ocidental, ocorrido com o aparecimento da idéia de indivíduo, o retorno ao estudo dos textos clássicos, a apreensão do mundo mediante a observação e a rejeição das idéias teocêntricas do período medieval.

Contudo, NISBET (1985:113-4), entendeu que o Renascimento constituiu-se em uma continuidade da Idade Média em relação aos pensadores da antigüidade. Pois teve como premissa que a tradição dos antigos sempre se manteve presente na cultura do medievo, embora apareça de modo distinto do classicismo renascentista. Esta tese é evidenciada com total clareza por SEZNEC (1953), que desconstrói a noção de um Renascimento marcado por ruptura e inovação. Por esse motivo, não se pode afirmar que o renascimento simplesmente retomou concepções da antigüidade.

Em linhas gerais, foi depois do século XII que a filosofia medieval retomou os textos clássicos e a filosofia helênica. Principalmente, pela influência do mundo islâmico, o que gerou o incremento da leitura de Aristóteles em universidades européias (Paris, Oxford, Bolonha, Salamanca).

¹ "A noção de que existiria um fratura radical entre a Idade Média e o Renascimento, e é em suma a noção básica de Burckhart, tende a ser superada em grande parte da moderna historiografia pela imagem de uma continuidade ininterrupta. Mas precisamente a teoria da continuidade vem reforçar a importância desses momentos que se diriam crepusculares, momentos, no caso, em que a tese da produtividade inexaurível, quase orgiástica, do homem e da Natureza

Aristóteles foi um grande inspirador, detonador da renovação intelectual do século XIII², sobretudo, baseada em suas idéias sobre física e cosmologia. A concepção de natureza acentuava que tudo tinha seu lugar predeterminado. Como uma pedra que, quando atirada para cima, voltava ao chão, pois ali era sua posição natural, precisando, portanto, de uma causa externa para ser retirada do lugar natural. A filosofia aristotélica teve muita importância para Tomás de Aquino quando analisou a Bíblia e objetivou provar a existência de Deus. Nesse momento, estava sob o pressuposto da teoria das causas de Aristóteles³, a qual era utilizada para provar que a causa da existência física do universo repousava na concepção de que para existir um movimento qualquer há a necessidade de um primeiro motor⁴, que Tomás de Aquino encontrava em Deus. O homem estava no seu lugar natural, portanto. Nesta medida, a utilização do pensamento aristotélico significava a apropriação da filosofia helênica pelo pensamento cristão medieval⁵.

é ainda, ou já é, sofreada por hesitações e titubeios" (HOLANDA, 2000:231)

² "A partir du XIII^e siècle, Aristote, complètement connu et traduit en latin, fut adopté par l'Église et devint comme son vicaire laïque. Elle le considéra et, je crois, avec raison, comme le moins dangereux pour elle des penseurs grecs et comme celui à que l'on pouvait laisser tout l'enseignement scientifique en se réservant tout l'enseignement religieux." (FAGUET, 1913:64)

³ "Como há, em toda a natureza, algo que é a matéria para cada gênero (que é em potência todos estes objetos) e **algo distinto que é a causa** e o elemento produtor, pelo fato de produzir todos os objetos, como a arte em relação ao seu material, é necessário que estas diferenças ocorram também na alma" (De Anima, III, 5-11)

⁴ "... par le l'existence du mouvement et la nécessité d'un premier moteur" (FAGUET, 1913:65)

⁵ Também foi exemplo Santo Agostinho na sua obra Cidade de Deus ao dividir a história em seis etapas, iniciadas com a existência de Adão e Eva. Assim, apareceram na história períodos determinados que indicavam avanço com o decorrer do tempo. Algo que foi apontado por Nisbet (1985:76) como semelhante a Aristóteles "em sua Política, nos oferece o panorama da polis evoluindo vagarosamente desde a sua origem na família, passando pelas federações de famílias, pelas

Embora esse tipo de concepção tenha tido muita importância para as formulações cristãs, o Bispo de Paris condenou a utilização das idéias de Aristóteles em 1277, pois entendia que o pensamento aristotélico abalava a fé cristã no momento que o universo era concebido como eterno, contrapondo-se à crença de que a criação era devida à obra de Deus, segundo a Igreja (HARMAN, 1995:10).

Elementos clássicos, como a filosofia, nunca deixaram de aparecer na cultura européia. Ainda que fossem em trabalhos literários ou em fenômenos de justificação política que visavam ao encontro das dinastias mais antigas⁶. Por este exemplo, nota-se que é muito difícil aceitar que o período medieval estivesse completamente afastado do pensamento clássico.

Deste modo, em relação ao período que se denomina Renascença ou Renascimento, a inovação não foi apenas a retomada de textos da antigüidade, pois isto já ocorria. O Renascimento pareceu mais ser um reencontro com a tradição, marcado por preocupações diferenciadas, amparadas por modelos de mundo antigos. Assim, apareceram expressões intelectuais na sociedade moderna, entre os séculos XV e XVII, preocupadas em superar um passado próximo

aldeias, pelas federações de aldeias, até alcançar o tipo de entidade política em que vivia...”, concluindo “é isso justamente que Santo Agostinho estava tentando, ou seja, uma ‘periodização da educação da raça humana’ em ‘épocas ou idade’ que caracterizem o avanço humano...”.

⁶ Sobre este tema: BORST, A. Der Turmbau von Babel: Geschichte der Meinungen über Ursprung und Vielfalt der Sprachen und Völker. Stuttgart: Al Hiersemann, 1957-63.

dominado por instituições eclesiásticas; o respeito ao passado trasladou-se para o antigo, com a seguinte visão:

“...os gregos que criaram a civilização” e que “os romanos a fizeram prosperar. Depois veio a queda de Roma, causada pelos bárbaros surgidos das florestas germânicas e pelos cristãos em Roma” (NISBET, 1985:115).

A partir desta lógica, para os renascentistas o medievo gestou centenas de anos de estagnação científica e ignorância intelectual.

Este período foi marcado por uma série de transformações econômicas e religiosas, que abalaram as formas tradicionais de domínio do poder espiritual, do clero católico em particular, sobre a sociedade. Neste ambiente, emergiram idéias que buscaram a antigüidade para o seu tempo, reafirmando a busca por referências racionais constituídas na tradição clássica. Essa busca produziu uma mescla dos elementos antigos e modernos, e significou várias formas de releitura da tradição histórica, filosófica, artística e literária clássica.

Contudo, esta transformação não visava à negação da existência de Deus, mas sim a uma tentativa de compreensão da natureza de um mundo criado por ele. Neste processo, a alquimia e a cosmologia emergiam como mecanismos de compreensão do mundo. Os textos *herméticos*⁷, que datavam do século II e III d.C., eram entendidos como provenientes do período em que os hebreus estavam exilados no Egito e que inspiraram os autores (HARMAN, 1995:13). O objetivo era identificar a filosofia helênica, em sua expressão mística, com as raízes

do pensamento cristão. O importante nos textos herméticos foi a forma de compreensão da natureza, que se dava via magia, para perceber as leis e os poderes ocultos da natureza; esta tradição impregnou a visão do clássico, especialmente do neoplatonismo antigo, com conteúdos místicos e religiosos, ajudando a conformar uma outra faceta das tradições antigas em época moderna: o paganismo moderno, hermético.

O século XVII é representado pela produção das obras de BACON, NEWTON e DESCARTES, autores que contribuíram para a fundamentação do pensamento científico em um campo alheio à religiosidade. Seu racionalismo bebia em muitas fontes clássicas, ao mesmo tempo em que minava as formas de autoridade do poder clerical. BACON e DESCARTES, em particular, tiveram notada influência sobre o pensamento de COMTE⁸.

No pensamento de Francis BACON (1561-1626), o homem passou a estar no centro das preocupações e a compreensão do mundo realizada a partir de métodos experimentais. Este era o meio de acesso ao conhecimento da realidade/natureza. Para desenvolver o conhecimento era necessário fazer um levantamento enciclopédico, mediante a comparação daquilo que já havia sido pesquisado sobre o mundo natural. Isto foi o que colocou BACON como o moderno inaugurador da investigação empírica, do raciocínio indutivo e da ciência

⁷ Textos atribuídos a Hermes Trimegisto.

⁸ "Nous avons ainsi réalisé une évolution individuelle conforme à l'évolution collective, que l'on peut maintenant, sans aucun grave inconvénient, se borner à considérer ici à partir de l'impulsion décisive imprimée par la double action, philosophique et scientifique, de Bacon et de Descartes..." (COMTE, 1895:571).

experimental. Por esse motivo, para GAY (1995:12), MONTESQUIEU e VOLTAIRE foram seguidores de BACON, utilizando o pensamento do filósofo inglês para a racionalização da filosofia francesa.

Segundo BACON (1973:11), os estudiosos modernos deveriam ser como os filósofos gregos que “perseveraram em seus propósitos e não se afastaram da procura dos segredos da natureza”. Definiu o seu método do seguinte modo:

Consiste no estabelecer os graus de certeza, determinar o alcance exato dos sentidos e rejeitar, na maior parte dos casos, o labor da mente, calcado muito de perto sobre aqueles, abrindo e promovendo, assim, a nova e certa **via** [possui o mesmo sentido que **método**] da mente, que, de resto, provém das próprias percepções sensíveis. (BACON, 1973:12)

Este método de análise da realidade proposto por BACON valora as informações conseguidas a partir da experiência sensível como forma de conhecimento. A realidade existe além da vontade humana, que também é verdadeira, pois existe na natureza. Assim, no primeiro Aforismo da obra *Novum Organum*, BACON afirmou que

O homem, ministro e intérprete da natureza, faz e entende tanto quanto constata pela observação dos fatos ou pelo trabalho da mente, sobre a ordem da natureza; não sabe nem pode mais (BACON, 1973:20).

Portanto, ao homem resta compreender, através da observação, a natureza que existe além do homem; percebendo os fatos para interpretar a natureza. Por essa razão, COMTE (1894:4) considerou que depois de BACON o conhecimento real repousa nos fatos observáveis.

O filósofo francês René DESCARTES (1596-1650), considerou ser possível chegar à verdade do universo através do raciocínio lógico. Na sua obra O Discurso do Método (1651), asseverou que no mundo não há nada que

...esteja inteiramente em nosso poder, exceto os nossos pensamentos, de sorte que, depois de termos feito o melhor possível no tocante às coisas que nos são exteriores, tudo em que deixamos de nos sair bem é, em relação a nós, absolutamente impossível. (Descartes, 1962:61)

Assim, a razão ganha força, com o homem podendo pensar por si mesmo e descobrir as leis naturais que regem o universo, descobertas pela razão e suficientes para explicar os fenômenos físicos. Deste modo, o arbítrio de pensar passa a ser humano, ao adquirir liberdade de pensamento (FAGUET, 1913:93).

No pensamento de DESCARTES a realidade é composta por duas substâncias complementares e necessárias, apresentadas como espírito e matéria; a natureza destas duas substâncias é diversa, sendo que o que uma contém a outra não possui. Este pensamento foi determinante para que DESCARTES fosse considerado por COMTE como o filósofo que fez a separação entre o abstrato e o concreto, dando-lhe motivo para propor a relação necessária entre ambos. Isto sustentou filosoficamente a abrangência da Doutrina Positivista a todas as áreas da existência, do subjetivo às leis mecânicas do universo⁹.

⁹ Este tema foi tratado na *Appréciation finale de la méthode positive* nas últimas páginas do tomo VI do Cours.

As posturas de BACON e DESCARTES contribuíram para o triunfo da perspectiva racionalista na filosofia, a qual contestava a religião estabelecida, assim como também os postulados tradicionais de poder sedimentados pela História, ora minados pela fé na razão e na ciência (ROUANET, 1993:101).

Esta inversão de princípios determinou a afluência do pensamento laico entre os filósofos do Iluminismo, segregando a religião cristã. Disso criou-se um ambiente propício para o ressurgimento de visões da religiosidade alternativas face ao cristianismo, sobretudo o paganismo greco-romano.

Neste contexto, a tradição greco-romana habilitou-se como um modelo com valor emancipatório face ao pensamento cristão. No período que antecede a Revolução Francesa, volta-se o olhar para Atenas e Esparta e logo depois para Roma. Os modelos e experiências de tais cidades contemplaram interesses variados; VOLTAIRE optou pelo modelo de Atenas, já ROUSSEAU preferiu Esparta. O historiador Peter GAY (1995:177) defende que o movimento de rememoração de uma história que atingiu a “perfeição” – a grega e romana – caracterizaria um neo-paganismo, propiciando a afirmação do modelo clássico, o qual se estabeleceu como um instrumento de luta contra a sociedade política e o cristianismo em particular. Por esse motivo, foram traçadas as relações entre o cristianismo e o poder imperial (absolutista), os quais foram alvo de críticas históricas vigorosas, em um assalto municiado pela força

referencial dos modelos antigos que foram tomados como alternativas viáveis.

Além disso, o relativo enfraquecimento da Igreja Católica decorreu dos descontentamentos originados por seus privilégios e pelas abusivas cobranças de taxas clericais. Este processo tem seu início com as reformas religiosas do século XVI e seu apogeu no ano de 1789, quando a Igreja Católica teve seus bens nacionalizados pelo Estado revolucionário francês e foi-lhe retirado o estatuto de religião oficial do Estado.

No decorrer do processo revolucionário, os signos de poder sofreram severa reformulação, com o abandono das referências cristãs para a sustentação do regime político. Os filósofos e políticos intensificaram o embate com a Igreja, sempre ressaltando as referências do passado greco-romano, trazidas ao centro das discussões para a busca de modelos políticos mais adequados para a nova situação de poder. Esta mudança favoreceu o ressurgimento do paganismo como instrumento político contra o absolutismo e supremacia religiosa da Igreja Católica¹⁰. Durante o período revolucionário da República, estas referências estavam sempre presentes, e deixaram marcas indeléveis no tecido jurídico e político francês.

O governo napoleônico não radicalizou estas reformas nem, por outro lado, reanimou as esperanças políticas do catolicismo. O ano

¹⁰ Sobre este tema especificamente ver: VOVILLE, Michel. A Revolução Francesa contra a Igreja: Da Razão ao Ser Supremo. RJ: Jorge Zahar

marcante das relações de Napoleão contra a Igreja Católica foi o de 1801. Neste ano, o general francês fez um acordo com o papa Pio VI, que estabelecia a nomeação de bispos pelo Consulado e a liberdade de culto em todo o território da nação francesa. Ao lado disso, ocorreu o reconhecimento de que a maioria da população francesa era católica, e ao mesmo passo o Estado foi declarado laico. Isso determinou a perda definitiva da supremacia do poder espiritual sobre o temporal, já afirmada pela Revolução. As atividades que antes eram delegadas para o controle da Igreja continuaram sendo secularizadas pelo Estado durante o governo de Napoleão, período em que se promoveu, deve-se notar, a identificação do Império Francês com o período de César.

O fascínio com o clássico atingiu, ao longo do século XVIII, diversos campos da experiência histórica, tocando diretamente na sociedade política, mas envolvendo fortemente a filosofia, as artes e a literatura, eventualmente, também a religião e os costumes. A educação era ainda baseada em textos clássicos, uma condição acolhida pelos revolucionários como favorável à nova ordem histórica. Veja-se, por exemplo, a ênfase dada por CONDORCET, em sua proposta de reforma do ensino, na necessidade de estudo das línguas antigas, uma proposta depois reaproveitada por Napoleão (VIDAL-NAQUET, 1993:150). Esta presença do clássico, porém, tem um complemento perigoso no âmbito da religiosidade, também questionada ao longo dos períodos pré e pós revolucionários. Assim, pode-se compreender como se articulam de modo

ambíguo as categorias de paganismo e classicismo no pensamento de Augusto COMTE, o primeiro referido de modo negativo como politeísmo, localizado como característica da limitação cultural da civilização antiga. Por outro lado, o sentido modelar das tradições antigas adquire relevo, não apenas pelo recorrente recurso a autores clássicos em sua escrita como também pelo reconhecimento de sua importância na sucessão histórica.

2. O PENSAMENTO DE AUGUSTE COMTE: FORMAÇÃO E DOUTRINA

Isidore Auguste Marie François Xavier COMTE, tradicionalmente conhecido como Auguste COMTE, nasceu em 1798 no dia 20 de janeiro, em Montpellier (França). Sua ascendência era Louis-Auguste COMTE e Rosalie Boyer.

Tornou-se interno do Liceu de Montpellier, onde iniciou seus estudos secundários em 1806. Depois de sete anos, saiu do Liceu (1813) para ingressar na Escola Politécnica de Paris, na qual foi admitido em 1814. Sua estada na Escola durou até 1816, ano em que esta foi fechada pelo governo de restauração monarquista, um ato justificado pela consideração de que a Escola Politécnica era propagadora e incentivadora dos pressupostos revolucionários burgueses e divulgadora de idéias republicanas. Nessa época (1816), Auguste COMTE começou a sua produção intelectual, escrevendo *Mês Réflexions – Humanité, Verité, Justice, Liberté, Patrie – Rapprochements entre le régime de 1793 et*

*celui de 1816, adressés au peuple français*¹¹. Neste trabalho, criticou o novo governo por este estar imbuído do espírito de restauração do Congresso de Viena. Tratou das perseguições a defensores da revolução e a partidários de Bonaparte, o que ficou conhecido como o “terror branco”. Sem alternativas imediatas do que fazer em Paris, depois do fechamento da escola, voltou para Montpellier, onde se tornou secretário da associação dos politécnicos dispersados. Entretanto, sua estada fora da cidade não perdurou por demais, retornou para a capital no final do mesmo ano, para ensinar matemática em aulas particulares.

Depois do retorno, conheceu SAINT-SIMON (1760-1825) e empregou-se como seu secretário em substituição a Augustin Thierry. Esse momento de aproximação com SAINT-SIMON revelou-se fundamental para Auguste COMTE, quando começou a se preocupar com questões que envolviam as condições necessárias para a reorganização social através do retorno da ordem à sociedade, basicamente assuntos que tratavam da política de sua época. Sua principal influência nesse período foi do filósofo contra-revolucionário Joseph de MAISTRE e, em caráter secundário, do jurista DU BONALD.

Seu primeiro opúsculo, que não foi publicado na época¹², escrito em 1819, chamou-se *Separação Geral entre Opiniões e Desejos*. Nele condenou os governantes pela incapacidade de “possuir opinião

¹¹ Minhas Reflexões - Humanidade, Verdade, Justiça, Liberdade, Pátria - Comparações entre o regime de 1793 e este de 1816, endereçadas ao povo francês.

¹² Embora esse texto apareça referido em biografias do autor como tendo sido publicado, COMTE escreveu no apêndice do 4º tomo de

justa e elevada sobre a política geral” (COMTE, 1972:2). Afirmou, ainda, que existiam condições “industriais”¹³ e científicas para que uma nova ordem política se instaurasse. Por isso condenou a política atrasada pós-Viena que visava a restauração de um sistema superado.

O segundo opúsculo escrito por COMTE foi publicado com a assinatura de SAINT-SIMON, em 1820 com o título *Sommaire Appréciation de l'Ensemble du Passé Moderne*, que apresentava o desenvolvimento da sociedade em termos de “conflito de sistemas”. Neste opúsculo afirmou que

O sistema social, que a marcha da civilização nos leva a substituir, era formado pela combinação do poder espiritual, ou papal e teológico, com o poder temporal, feudal e militar. (COMTE, 1972:13)

A partir dessa concepção, COMTE estruturou a sua doutrina acerca do progresso da civilização, que para continuar progredindo deveria possuir poderes de acordo com as demandas da sociedade. Sendo assim, apontou para um avanço sem retrocessos, exatamente o contrário do que acontecia no âmbito da política francesa daquele momento. Desse modo, COMTE identificou no *Sommaire Appréciation de l'Ensemble du Passé Moderne* as seguintes noções de progresso:

Entendemos por progressos civis do novo sistema seu desenvolvimento próprio, considerado independentemente de todas as

Systeme de Politique Positive que o texto foi enviado e aceito para publicação, mas não se efetivou.

¹³ Saint-Simon foi o primeiro a utilizar o termo. Segundo Petitfils (1977:56), industriais não está ligada ao que entendemos hoje como industrialização, “industriais não são exclusivamente os proprietários dos meios de produção, mas todos os que concorrem para o enriquecimento material do país”

relações com o antigo sistema, e, por progressos políticos, a influência que o antigo sistema deixou o novo tomar na formação do plano político geral ... (1972:35)

Apresentou, assim, a política como influenciada pelo antigo sistema, enquanto a sociedade (progressos civis) desenvolveu-se de modo independente. Portanto, a situação política francesa mostrava-se inconciliável com a situação social, pois o governo da Restauração contrariava o progresso social produzido após a Revolução. Nessa medida, o filósofo desenvolveu a teoria sobre o conjunto de fatores que contribuíram para tal disparidade e as leis fundamentais pelas quais a civilização deveria se guiar para reorganizar a sociedade. Tais idéias foram desenvolvidas no terceiro opúsculo chamado *Plan des Travaux Scientifiques Nécessaires pour Réorganiser la Société* publicado no jornal *Du Système Industriel*, que era dirigido por Saint-Simon, em maio de 1822. Este texto foi marcante para o pensamento de COMTE; nele, o pensador aprofundou as considerações existentes no opúsculo publicado em 1820 (*Sommaire...*), considerando que "a civilização progrediu continuamente em todos os pontos de vista" (1972:93). Contudo, as ações políticas nem sempre foram apropriadas ao ponto de contribuir para o progresso da civilização, principalmente nos momentos de decadência dos sistemas:

... épocas em que a principal ação política foi combinada em sentido inteiramente estacionário: foram em geral, as decadência dos sistemas, como, por exemplo, as do Imperador Juliano, de Felipe II e dos Jesuítas, e, finalmente, a de Bonaparte (COMTE, 1972:93)

Mesmo com as ações políticas não correspondendo à marcha da civilização, permanece atuando uma lei básica de contínuo progresso natural devido “a uma tendência instintiva da espécie humana para aperfeiçoar-se” (1972:96). Por esse motivo, a ação política não deveria ter a função de fazer marchar a civilização humana, mas adaptar-se ao seu desenvolvimento natural regido pelas leis que regem o desenvolvimento dos sistemas sociais. Neste propósito, COMTE enunciou pela primeira vez no opúsculo de 1822 (*Plan des Travaux Scientifiques Nécessaires pour Réorganiser la Société*) a “descoberta” de suas duas leis fundamentais: a lei da evolução e a lei da classificação das séries de ciências (COMTE, 1972:53-136).

A lei da evolução refere-se ao desenvolvimento do pensamento humano (ou abstração intelectual) como uma sucessão de “três estados”, tornando-se conhecida posteriormente como a “lei dos três estados” ou “lei da filiação”.

Compreender a *Lei dos Três Estados* significa inventariar o entendimento que COMTE teve sobre a História. Esta foi dividida em três estados de explicação do mundo, quando um sistema social explicativo supera o outro em esclarecimentos sobre a realidade.

A lei dos *três estados* concebe:

Um sistema social que se extingue e outro que atinge sua completa maturidade, estando em via de constituir-se, eis o caráter fundamental assinalado à nossa época pela marcha geral da civilização. De conformidade com este estado de coisas, dois movimentos de natureza diferente agitam hoje a sociedade: um de

desorganização e outro de reorganização.
(1972:55)

O filósofo elaborou o seu pensamento julgando a sociedade como baseada na existência de um sistema que se supera, desorganizando-se e reorganizando-se, alcança a maturidade e é substituído por outro.

Em um primeiro momento, há a tendência de se analisar simplificadamente o pensamento comtiano, reduzindo-se os três estados a uma evolução alheia aos contextos históricos em que se desenvolveram. Contudo, COMTE atribui significados a cada um dos *estados* tendo em consideração a História, explicando as características das fases e as dinâmicas próprias de cada uma delas. Em seu sistema, COMTE privilegiou a justificação de suas idéias por meio da exposição histórica. Não é sem razão que no opúsculo *Plan des Travaux Scientifiques Nécessaires pour Réorganiser la Société* foi empreendida uma consistente análise do Congresso de Viena, de 1815, iniciado depois da primeira derrota de Napoleão, que levou a França à restauração da antiga dinastia nobre representada por Luís XVIII, retomando o princípio de legitimidade dinástica. COMTE entendeu como um

... erro cometido pelos reis [...], para eles, a reorganização da sociedade consiste na restauração pura e simples do sistema feudal e teológico, em toda sua plenitude. A seus olhos, não há outro meio de fazer cessar a anarquia, resultante da decadência desse sistema.
(1972:56)

Sendo assim, compreendeu que a restauração não possibilitaria o estabelecimento da ordem (ou superação da anarquia), pois a

superação do sistema teológico é alheia à vontade dos reis. Assim, “não bastaria, portanto, para restabelecer o antigo sistema, fazer retrogradar a sociedade até a época em que a crise atual começou a pronunciar-se” (1972:56). A diretiva do Congresso de Viena visava a restabelecer a situação política anterior a 1789, o que, para o pensamento de COMTE, era completamente inviável. O filósofo inquiriu a situação histórica em busca daquilo que determinaria a superação do sistema.

Assim como justificou a formulação da lei da evolução a partir da História, COMTE mapeou o desenvolvimento científico com o fim de fundamentar a sua segunda lei: a da classificação das séries de ciências. Tratou da hierarquia das ciências, atribuindo a elas um caráter de evolução correlato ao da sociedade. Neste campo, considerou que as ciências em estado teológico ou metafísico “tinham a predominância da imaginação sobre a observação” (COMTE, 1972:86). Já as ciências positivas mostravam uma ordem contrária: a observação preponderando sobre a imaginação. Desse modo, a lei da classificação das séries das ciências solidificou a idéia da necessidade de reorganizar a sociedade, atribuindo aos cientistas a responsabilidade para tanto. Há, assim, uma ligação estreita das duas leis que tiveram importância decisiva para a formulação do pensamento comtiano, como foi afirmado, muito posteriormente, pelo filósofo:

É assim que eu fui conduzido, em 1822, a descobrir e publicar as duas leis sociológicas cuja cominação íntima, anunciada por sua concepção simultânea, constituiu diretamente o princípio fundamental do positivismo,

irrevogavelmente desenvolvido em meu tratado filosófico (COMTE, 1883a:616)¹⁴

Para que a política evoluísse rumo ao estado positivo era, para COMTE, absolutamente necessária a combinação das duas leis, do mesmo modo como já havia ocorrido com as ciências astronômica e química. Assim, a humanidade deveria recorrer a critérios científicos (positivos) na promoção da reorganização social¹⁵, o que seria possível quando a política superasse o estado teológico-metafísico, chegando ao estado positivo. Para tal,

a sociedade necessita de trabalhos teóricos, é reconhecido que é à classe correspondente de sábios que deve dirigir-se; portanto, o conjunto do corpo científico é que é convocado para dirigir os trabalhos teóricos gerais cuja necessidade acaba de ser verificada. (COMTE, 1972:77)

Desse modo, estabeleceu que, para efetivar a reorganização da sociedade e a superação do estado teológico-metafísico, os cientistas deveriam ser os elementos-chave. Seria a partir deles que ocorreria o desenvolvimento teórico suficiente para executar as transformações

14 É assim que eu fui conduzido, em 1822, a descobrir e publicar as duas leis sociológicas cuja combinação íntima, anunciada por sua concepção simultânea, constituiu diretamente o princípio fundamental do positivismo, irrevogavelmente desenvolvido em meu tratado filosófico (1883a:616)

¹⁵ Para COMTE existiam dois caminhos de propostas para a reorganização da sociedade (depois da restauração do regime monárquico). Contudo, ambos caminhos são inviáveis: "a verdadeira atividade, quer numa, quer noutra direção, acha-se atualmente fora do poder e fora da sociedade. Servem-se ambos, na prática, da opinião retrógrada ou da opinião crítica, de maneira essencialmente passiva, isto é, como aparelho defensivo. Empregam mesmo, sucessivamente, uma e outra opinião, e quase no mesmo grau, com uma única diferença compreensível: como meio de raciocínio, os povos estão ainda ligados à doutrina crítica, porque experimentam mais completamente a necessidade de desprezar o antigo sistema; e os reis se prendem à doutrina retrógrada, porque sentem mais profundamente a necessidade de uma ordem social, seja qual for." (COMTE, 1972:72)

práticas, o que demonstra a sua confiança no trabalho científico da época. Portanto, o *Plan des Travaux Scientifiques Nécessaires pour Réorganiser la Société* estabeleceu que a sociedade deveria ser dirigida e influenciada por cientistas.

Em 1824, COMTE publicou novamente o *Plan des Travaux Scientifiques Nécessaires pour Réorganiser la Société*, com alguns retoques, sob o título de *Système de politique positive*. Também o reedita, com algumas correções, em 1854, no tomo IV do *Système de Politique Positive*, no Apêndice geral III. Chamou este texto, no prefácio da mesma obra, de "fundamental" para a formação de sua doutrina positiva (1883c:1). Desse modo, foi crescente a preocupação de COMTE em executar reflexões mais gerais, expondo os sistemas científicos necessários para reorganizar a sociedade.

A partir desse momento, COMTE instituiu o termo "filosofia positiva". Até então, em seus trabalhos, poucas vezes a palavra "filosofia" havia aparecido; no *Sommaire Appréciation de l'Ensemble du Passé Moderne* (1820), chamou de "filosofia natural" o que no *Plan des Travaux Scientifiques Nécessaires pour Réorganiser la Société* (1822) viria a ser definido como a "filosofia positiva". Foi nas suas correspondências com Gustave D'Eichtal (dezembro de 1824) que o termo "politique" foi utilizado juntamente com o termo "philosophie" devido a uma necessidade prática de aplicação da filosofia na sociedade (PETIT, 1998:17).

Em novembro de 1825, publicou *Considérations 'philosophiques' sur la science et les savants*, no periódico *Le producteur*; neste texto, estabeleceu uma nova prioridade para seus estudos. As questões relacionadas à política e à sociedade foram substituídas (embora não totalmente) por temas relacionados ao desenvolvimento intelectual do espírito humano, explicando a fundamentação científica da nova filosofia e definindo os elementos que, a partir daquele momento, iriam compor suas grandes obras (o *Cours* e o *Système*). COMTE escreveu claramente sobre a lei encontrada na sociedade, que delineou todo o seu trabalho futuro:

Esta lei consiste em que o sistema intelectual do homem, considerado em todas as suas partes, tomou sucessivamente três caracteres distintos: o teológico, o metafísico e, finalmente, o positivo ou físico. (COMTE, 1972:139)

As três fases distintas foram então elencadas de forma muito simples. A intenção foi provar que as transformações sofridas pelas sociedades humanas seguem um desenvolvimento determinado por leis determináveis; assim, dá-se a inevitabilidade da superação dos sistemas, que era uma certeza pouco definida até a época do *Sommaire Appréciation de l'Ensemble du Passé Moderne*, mas doravante tornou-se, para COMTE, uma lei. No mesmo passo, entendia COMTE, as ciências seguiram o rigor da lei evolutiva histórica, ou seja, um desenvolvimento gradativo em direção ao aprimoramento positivo. A sociedade se dirigiu, de acordo com esta lei, para o estágio em que o homem tem melhor capacidade de compreender o mundo: o estado positivo.

Ainda no opúsculo *Considérations 'philosophiques' sur la science et les savants*, COMTE reafirmou sua inteira confiança em que o “método positivo é o mais seguro em sua marcha, e mesmo o único” (1972:142). Além disso, é a primeira vez que o sintagma filosofia positiva aparece com definição precisa, afirmando que

A filosofia positiva é, portanto, o estado definitivo do homem, e não deve cessar senão com a atividade de nossa inteligência. O atrativo que ela nos inspira, sua perfeita adaptação à natureza de nossas necessidades espirituais são de tal ordem que, logo que começa a formar-se pela descoberta de algumas grandes leis, os espíritos mais fortes renunciam, com singular facilidade, sobre os pontos correspondentes, às esperanças tão sedutoras da ciência sublime e absoluta, que lhes davam a teologia e a metafísica, para procurar, com o ardor, a pura satisfação intelectual inerente aos conhecimentos reais e precisos. (COMTE, 1972:147)

A definição de “filosofia positiva” foi dogmática, apresentando certeza e confiança naquele novo sistema que acreditava estar em formação – embora carecesse de aperfeiçoamentos. A filosofia positiva revelou-se, para COMTE, como inquestionável, pois entendeu que o desenvolvimento do espírito humano seria alavancado pelo método positivo. Desse modo, afirmou que a filosofia positiva era definitiva e perfeita, porque a natureza poderia ser plenamente analisada pelo sistema de conhecimentos humanos. Assim, ele chegou ao ponto de considerar que a evolução do espírito humano deveria ser inspirada nela, por sua vez fundamentada na ciência.

Junto à definição de “filosofia positiva”, este opúsculo também demonstrou o significado do conceito de “física social”, como

... a ciência que tem por objeto próprio o estudo dos fenômenos sociais considerados com o mesmo espírito que os fenômenos astronômicos, físicos, químicos e fisiológicos, isto é, sujeitos a leis naturais invariáveis, cuja descoberta é o objetivo especial de sua pesquisas (COMTE, 1975:151-2).

Desta forma, foi descrito o objetivo da ciência, destinada a explicar o desenvolvimento do espírito humano através das leis, as quais seguiram um caminho de evolução que apresentou encadeamentos e transformações sucessivas baseadas na superação de sistemas no decorrer da história. No estudo profundo do passado, a nova ciência buscava formas de explicação do presente e a manifestação possível de futuro, do seguinte modo:

Considerando sempre os fatos sociais, não como objetos de admiração ou de crítica, mas como assuntos de observação, preocupa-se unicamente em estabelecer suas relações mútuas, e em apreender a influência exercida por cada um deles sobre o conjunto do desenvolvimento humano. Em suas relações com a prática, afastando das diversas instituições qualquer idéia absoluta de bem ou de mal, considera-as como constantemente relativas a determinado estado da sociedade e variáveis com ele... (COMTE, 1975:152)

A "física social" configurou-se como um método de inquérito do passado que tem como elemento fundamental a observação no intento de procurar as leis. COMTE tentou, através de uma visão contextualizada, identificar os elementos próprios de cada época. Entretanto, considerou que a Europa do século XIX estava prestes a chegar ao Estado Positivo, evidenciando que as características próprias (pressupostos do método) eram baseadas na busca de explicação para o presente que viveu.

A utilização prática da “física social” ocorreria quando as políticas de organização do Estado estivessem baseadas nela. O filósofo entendeu que seria possível se fazer uso das leis descobertas pela nova ciência para encontrar soluções para as crises ou, quando possível, evitá-las. Tal visão de Auguste COMTE foi uma tentativa de se resolver o dilema enfrentado no período pós-revolucionário europeu: a falta de propostas e de políticas viáveis de reorganização da Europa, fora dos pressupostos conservadores da Restauração. Esta aplicação da “física social” tem o objetivo de renovação, mas também demonstra uma forte tendência de propiciar o reencontro com a ordem, que considera absolutamente necessária para o progresso.

Assim, depois de fundamentar as idéias que marcariam sua obra, COMTE publicou, em 1826, o texto *Considérations sur le pouvoir spirituel*, no periódico *Le productuer*, que tratava da divisão dos poderes espiritual e temporal na sociedade, fazendo uma sistematização de como no decorrer da História o poder espiritual se manifestou até chegar ao momento moderno em que “a ação do poder temporal decresce continuamente, e deve ser menor no novo estado social do que em todos os anteriores” (COMTE, 1972:203).

Esta questão foi muito importante pois determinou as preocupações do filósofo com a religião, o poder espiritual, ao ponto de julgá-la prioridade, tanto que fundou a Religião Positivista. Contudo, tal religião corrigiu as falhas do poder espiritual ascendente:

o positivismo está mais apto do que o catolicismo a utilizar profundamente as tendências espontâneas do povo e das mulheres para a instituição final do poder espiritual. (COMTE, 1988:44)

Nesse mesmo ano de 1826, COMTE abriu um curso de filosofia positiva em seu apartamento, logo interrompido em virtude de ser internado na clínica psiquiátrica Esquirol. Após meses internado, depois de sair, COMTE tentou suicidar-se no Rio Sena (abril de 1827).

Sua vida intelectual foi retomada em 1828, ao publicar alguns artigos (pouco relevantes na carreira intelectual do filósofo) no *Nouveau Journal de Paris et des Départements*.

Na política francesa, o período de 1824 até 1830 foi caracterizado pelo reacionarismo implantado por Carlos X. Houve supressão da liberdade de imprensa e reformas no sistema eleitoral. As medidas tinham o sentido de diminuir a votação dos não monarquistas, além de ter fechado a assembléia, caracterizando um reacionarismo agudo. Quando da Revolução de 1830, Carlos X foi derrubado e Luís Felipe ocupou o seu lugar como monarca; novamente, a República não foi implantada, apesar das fortes manifestações republicanas.

Nesse período, a produção intelectual do filósofo deixou de ter como prioridade analisar o âmbito político-social, passando a privilegiar assuntos de caráter científico. Decepcionado com os rumos da política, COMTE deixou de confiar na transformação através de mecanismos políticos. Além disso, nunca concordou com o uso de golpes ou atos revolucionários para transformar a sociedade, em virtude da desordem

que causam. Seu pensamento foi formado em termos de superação de sistemas pelo seu próprio esgotamento; nunca pela imposição deles. O que restava ao homem, naquele momento, era aprimorar o “sistema de pensamento” de então em direção ao estado positivo. Para tanto, o caminho era o processo educativo.

A ação do poder espiritual consiste essencialmente em estabelecer, pela **educação**, as opiniões e os hábitos que devem dirigir os homens na vida ativa, e, em seguida, manter, por um influência moral, regular e contínua, exercida sobre os indivíduos, quer sobre as classes, a observação prática dessas regras fundamentais (COMTE, 1972:204).

Assim, compreende-se o caráter próprio do *Cours de Philosophie Positive*: oferecer cursos de formação sobre a filosofia positiva que congregava o desenvolvimento intelectual da humanidade (desenvolvimento da abstração) através do desenvolvimento das ciências e, ainda, expor a nova ciência denominada, naquele momento, *física social*¹⁶ e a última ciência denominada de *Moral*.

Em janeiro de 1829, cerca de três anos após o início do seu curso de exposição da filosofia positiva, que fora interrompido em 1826, COMTE retomou novamente o projeto de oferecer cursos de filosofia positiva. Esta fase foi marcante por ser o momento em que o filósofo empenhou-se com dedicação extrema à efetivação de sua primeira

¹⁶ Ver Anexo IV: o programa do Curso de Filosofia Positiva divulgado em 1926 por COMTE.

grande obra: *Cours de Philosophie Positive*. Em julho de 1830 publicou o primeiro tomo e em 1842 o sexto e último¹⁷.

O primeiro tomo foi dedicado a considerações acerca da natureza e importância da filosofia positiva, a exposição geral da hierarquia das ciências e a ciência matemática. Essa última, segundo COMTE, apresentou um alto grau de desenvolvimento positivo, sendo ela a raiz dos atributos lógicos da ciência como um todo (1894:30, tomo I)

O filósofo terminou o segundo tomo em abril de 1835. As ciências abordadas foram Astronomia e Física. A Astronomia foi entendida pelo filósofo como completamente liberta de influências teológicas e metafísicas, sendo uma ciência que retira o caráter quimérico dos astros¹⁸ e, por essa razão, responsável irrevogável pela libertação do espírito humano (COMTE, 1894:242, tomo I). Em relação à física, considerou que ela tinha o caráter positivo menos desenvolvido do que a astronomia em virtude de sua complexidade e pela falta de pureza teórica. Contudo, a física adquiriu um caráter de ciência positiva com as contribuições de Bacon e Descartes (COMTE, 1894:243, tomo I).

COMTE produziu o terceiro tomo do *Cours* entre setembro de 1835 e setembro de 1837, sendo publicado em março de 1838. O tomo foi composto pela análise das ciências química e biológica. A química foi vista como a ciência que desvinculou o homem da concepção teológica e

¹⁷ O primeiro tomo foi publicado em 1830, o segundo em 1835, o terceiro em 1838, o quarto em 1839, o quinto em 1841 e o sexto em 1842.

¹⁸ Caráter quimérico dos astros era uma característica da etapa teológica e especificamente da fase politéica

metafísica, pois contribuiu para que os homens deixassem de considerar todos os fenômenos naturais como análogos à vida, ensejando a análise de todos os fenômenos, por mais complicados que fossem, de forma positiva e analítica (1894:326-8, tomo I). Apesar disso, COMTE não julgou possível considerá-la uma ciência tão desenvolvida como a astronomia, pois avaliou que o desenvolvimento principal recaía na análise metódica e completa (1894:347-8, tomo I). Quanto à biologia, sua evolução científica foi no sentido de não ter mais como ponto de partida o mundo exterior – um organismo dependente do meio externo; o que prende-se à mesma lógica que considera que o homem é subordinado ao mundo exterior, concepção característica do estado teológico (COMTE, 1894:404, tomo I), anterior ao positivo. COMTE (1894:424, tomo I) compreendeu que os organismos são compostos por dois meios ambientais, meio interno e meio externo, que possibilitam as trocas bioquímicas. Além disso, mostrou outra inovação da biologia, de caráter positivo: a aplicação do método comparativo para chegar a conclusões sobre a hierarquia de complexidade dos seres vivos.

Os tomos I ao III referiam-se às cinco primeiras ciências; neles, COMTE supôs ter feito apenas uma “elaboração que consistiu unicamente em expor os progressos completos de cada ciência”¹⁹.

Já no quarto tomo, COMTE esforçou-se por fundamentar a nova ciência, chamada “física social”, que tinha o objetivo de estudar o homem coletivamente. Contudo, ela deixou de ser denominada “física social”,

utilizando-se doravante um novo termo: "sociologia", resultado da junção de terminologia latina e grega, assim como ocorria com o termo biologia. Tem-se que levar em consideração que a troca do termo era uma forma de diferenciação de outros usos do sintagma, como, *e.g.*, no caso do estudioso Jacques Quetelet (1796-1874), que começou a utilizar a expressão "física social" para referir-se a aquisições de fatos demográficos, tendo publicado o livro "Do sistema social e das leis que o regem" em 1848 (SOARES, 1998:56). Segundo PETIT (1998:32), a adoção do termo sociologia "não só enfatiza as conexões entre ciências dos seres organizados , como traduz o interesse cada vez maior de COMTE pelos modelos biológicos". Nesse contexto, o filósofo apresentou a divisão da sociologia em "estática social" e "dinâmica social".

A "sociologia" tinha o objetivo de corresponder a necessidade de aprimoramento teórico do mundo a partir de um ponto de vista estritamente científico. Isso foi fruto da consideração de que o mundo estava mergulhado em uma anarquia intelectual cuja origem encontrava-se, em primeiro lugar, na anarquia moral e depois a anarquia política (1894:2, II).

Com tais prerrogativas, a percepção comtiana de mundo chegou a uma transformação fulcral: ocorreu uma mudança conceitual em relação à natureza. Sobre este tema, asseverou que nas etapas teológica e metafísica a natureza era interpretada a partir do homem; ao contrário da filosofia positiva, nesta o homem deveria ser interpretado

¹⁹ "...mom élaboration a consisté uniquement à exposer les progrès

pelas mesmas leis e princípios atribuídas ao funcionamento do mundo, as mesmas aplicadas à natureza.

O tomo V, escrito no período de 21 de abril de 1840 a 20 de fevereiro de 1841, do *Cours*, apresentou os estados teológico e metafísico, examinando o passado humano. Auguste COMTE (1990:4) expôs seu pensamento sobre o espírito fundamental da sociedade humana, tendo como premissa o que é lógico e o que é científico na perspectiva histórica. As teorias científicas são expressões do que é lógico em um dado momento da história. Segundo FAGUET (1913: 159), por esse motivo, para compreender a história humana o filósofo sugere a observação dos fatos lógicos de acordo com a situação contextual, o que caracteriza o âmago da sua filosofia da História. Para tanto, fez um inquérito da História para compreender como o homem evoluiu em direção ao Estado Positivo, quando formulou a Lei dos Três Estados, a Grande Lei de evolução da sociedade.

Tal evolução foi manifesta com a busca das linhas que nortearam o desenvolvimento intelectual da humanidade, o que também pode ser dito como o avanço do nível de abstração dela. Esta foi uma forma de exposição sobre a qual o filósofo afirmou:

...nós devemos evitar confundir a pesquisa abstrata das leis da sociabilidade com as histórias concretas das diversas sociedades humanas, cuja explicação somente pode resultar de uma (pesquisa) já muito avançada do conjunto destas leis. Nosso emprego da história nesta pesquisa deve ser, portanto, essencialmente abstrato: deveria ser da

história sem nomes de homens ou mesmo de povos, se não fosse preferível evitar a pueril afetação que haveria em se privar do uso de denominações que podem esclarecer nossa exposição ou consolidar nosso pensamento.²⁰(COMTE, 1895:204)

Neste passo, afirmou a precedência dos estágios e suas leis como caracterizadores das épocas históricas, acima da individualidade humana. Esta solução de exposição reafirmou a concepção de COMTE em relação às suas considerações sobre a inevitável lei de evolução, percebida devido à filosofia positiva. Deste modo, pensa COMTE, o homem não evoluiu por si só; seria mais pertinente asseverar que a humanidade evoluiu em direção ao estado positivo, afora a vontade dos homens que se colocam a favor ou contra a torrente da evolução. Nesta medida, a forma preferida de COMTE para demonstrar a evolução humana não depende diretamente das pessoas ou dos povos. A História transcorre com o mundo, do qual o homem faz parte. Embora, paradoxalmente, os homens exemplares de suas respectivas épocas devam ser destacados, por sua grandeza como expressão da época e liderança para a humanidade²¹.

Pelo critério de crescente abstração, a história da humanidade foi dividida em três estados, descritos na lei de evolução como teológico,

²⁰ "...nous devons éviter de confondre la recherche abstraite des lois de la sociabilité avec les histoires concrètes des diverses sociétés humaines, dont l'explication ne peut résulter que d'une déjà très avancée de l'ensemble de ces lois. Notre emploi de l'histoire en cette recherche doit donc être essentiellement abstrait: elle devrait être de l'histoire sans noms d'hommes ou même de peuples, s'il n'était pas préférable d'éviter la puérile affectation qu'il y aurait à se priver de l'usage de dénominations que peuvent éclairer notre exposition ou consolider notre pensée."

²¹ No calendário positivista Auguste COMTE indica esta assertiva. Ver anexo VIII.

metafísico e positivo (passar citação para o texto) ²². Estes estados foram analisados detalhadamente pelo filósofo, de modo a mostrar como o homem interpretou o mundo em cada grande época.

O primeiro estado, o Estado Teológico, consistiu no momento em que o homem manifestou “uma predileção característica pelas questões mais insolúveis, sobre assuntos mais radicalmente inacessíveis a qualquer investigação decisiva.”(COMTE,1990:5). Um momento em que o homem não estava em condições de responder questões simples sobre a ordem do mundo, pelo fato de não possuir desenvolvimento científico consistente. Por esse motivo, o homem procurava as causas absolutas – a origem de tudo – do mundo para tentar resolver as questões mais insolúveis. Havia, segundo o filósofo,

...tendência a transportar por toda parte o tipo humano, assimilando todos os fenômenos, quaisquer que sejam eles, àqueles que nós mesmos produzimos... (COMTE, 1990:5)

Assim, as respostas que o homem alcançava sempre indicavam que todos os fenômenos, independentemente da natureza, eram associados aos fenômenos produzidos por eles próprios, ou seja, qualquer manifestação natural era relacionada com as ações humanas.

O Estado Teológico foi subdividido por Auguste COMTE em três fases: o fetichismo, o politeísmo e o monoteísmo²³. As fases demonstram

²² “La loi d'évolution lie, sans doute, les principales phases historiques à l'état correspondant, théologique, métaphysique ou positif...” (COMTE, 1895:206)

²³ Em resumo, estas três fases foram detalhadamente analisadas por Auguste COMTE no Cours de Philosophie Positive (tomo IV e V) e no Système de Politique Positive (tomo II e III).

o avanço da interpretação do mundo dentro da lógica teológica, revelando um avanço sucessivo do nível de abstração.

O fetichismo é a primeira fase do Estado teológico, fase que:

Permetia o livre exercício desta tendência de nossa natureza em virtude da qual o homem concebe todos os corpos exteriores como animados de uma vida análoga à sua.²⁴ (COMTE, 1895:207).

Na maior parte da vezes, COMTE considerou que esse tipo de abstração tendia a considerar o que era fetichizado, corpos exteriores, como algo superior. Esse nível de fetiche ligava o homem a um estado de dependência a um corpo exterior, mas que não deixava de ser análogo ao humano. O último momento da fase do Fetichismo consistia no culto aos astros, denominada de astrolatria (COMTE, 1895:215). O filósofo definiu que todas as sociedades passaram por esta etapa da história intelectual; contudo, tal forma de abstração não é mais evidente do que outras formas de abstração, senão em uma pequena parcela das sociedades. Cabe considerar que esta periodização não supõe uma homogeneidade histórica para a humanidade, uma vez que mesmo sociedade contemporâneas de COMTE poderiam caracterizar-se como fetichistas. Tal foi o caso, por exemplo, da visão do Marechal Rondon sobre os índios brasileiros, a quem desejava conduzir da fase fetichista ao estado positivo (PEZAT, 1997).

²⁴ "permettait le libre exercice de cette tendance de notre nature en vertu de laquelle l'homme conçoit tous les corps extérieurs comme animés d'une vie analogue à la sienne."

Na escala de evolução da sociedade, o Politeísmo é a segunda fase do Estado Teológico, sendo classificada como a principal e mais duradoura²⁵, constituindo-se como

o primeiro e o maior esforço de atividade especulativa. O progresso foi uma indispensável preparação sem ele a concepção de invariabilidade seria impossível.²⁶ (COMTE, 1895:236)

Na fase política, como no Fetichismo, os homens permaneceram preocupando-se com questões insolúveis. A mudança está na forma como o mundo exterior foi percebido. O politeísmo caracterizou-se como mais elevado do que o fetichismo porque nele se constituiu "*le premier et le plus grand effort de l'activité spéculative*" (COMTE, 1895:236). Deste modo, revelou-se patente o progresso quando o homem começou a compreender a existência de leis naturais invariáveis, o que se tornou muito importante para compreender a essência da vida e a que deveu-se a existência.

Quando todos os corpos deixaram de ter uma suposta natureza divina, os detalhes secundários dos fenômenos, livres de toda a mistura teológica, começaram a ser acessíveis à observação, e a concepção religiosa se tornou relativa a um ser distinto dos corpos e residente em outro lugar.²⁷ (COMTE, 1895:236)

²⁵ "A pesar das aparências que o politeísmo, observado no conjunto de sua duração, constitui a principal forma do sistema teológico." (COMTE, 1895:233)

²⁶ "...le premier et le plus grand effort de l'activité spéculative. Ce progrès [...] fut une indispensable préparation sans laquelle la conception de l'invariabilité des lois naturelles serait demeurée impossible..."

²⁷ "Lorsque tous les corps cessèrent d'être supposés d'une nature divine, les détails secondaires des phénomènes, libres de tout mélange théologique, commencèrent à être accessibles à l'observation et la conception religieuse fut relative à un être distinct du corps et résidant ailleurs."

Assim, a forma de percepção do mundo substituiu definitivamente as teorias humanas que se calcavam no sentimento e no instinto, esta fase apresentou uma elaboração intelectual que abstraiu da experiência concreta do homem. Quando da fase fetichica, os corpos exteriores adorados tinham uma vida análoga à nossa, no Politeísmo a vida deixou de aparecer em manifestações concretas (percepção sensível) para ser relacionada a seres fictícios, os quais são invisíveis e tornam-se responsáveis pela existência dos fenômenos humanos gerados pela intervenção direta destes seres sobre o mundo. Isto representa o

Princípio ulterior da invariabilidade das leis naturais, subordinado às inumeráveis vontades de suas divindades a quaisquer regras constantes, ainda que profundamente obscuras.²⁸ (COMTE, 1895: 237).

Desta maneira, a identificação no exterior do(s) agente (s) que rege(m) a vida do homem, ficou apresentado o princípio da percepção da existência de leis naturais que a sociologia consolidaria como leis claras e como prerrogativas para análise dos fenômenos sociais.

Ainda no tomo V, COMTE analisou a última fase do Estado Teológico: o monoteísmo. Para examinar esta fase, COMTE (1895:288) se deteve no catolicismo romano por ter sido a expressão monotéica mais importante para a Europa ocidental²⁹. Nesta fase, entendeu que o estado

²⁸ "...principe ultérieur de l'invariabilité des lois naturelles, en subordonnant les innombrables volontés de ses divinités à quelques règles constantes, quoique profondément obscures."

²⁹ Este aspecto poderia demonstrar-se viável para perceber o tipo de percepção que Auguste COMTE possuía em relação ao catolicismo e o cristianismo, além de ser possível indicar a forma como o filósofo inseriu-se nos questionamentos do século XIX, em relação ao poder da igreja. Entretanto, estas temáticas não são objetos deste trabalho.

teológico estava em decadência, quando a razão tornou-se um limitador da imaginação, que era a característica marcante tanto da fase fetíctica como da política, transformação ocorrida no momento em que surgiu a idéia (ou sentimento universal) de que os fenômenos naturais dependiam de leis invariáveis. A estruturação dessa fase baseou-se sobretudo no poder espiritual, o que originou a característica associação entre moral e política; daí, a razão da falta de correspondência entre as ações políticas e as tendências dos fenômenos sociais. Tal organização, embora fosse favorável à ordem, impedia o progresso do espírito humano, do qual dependida o desenvolvimento de um poder temporal capaz de adequar o mundo às exigências políticas (COMTE, 1895:293-8).

O Estado Metafísico foi visto por COMTE como um estado transitório da humanidade, que não tinha capacidade para se manter como o nível de abstração definitivo do homem. Já na primeira lição do *Cours* (tomo-I), a sua idéia pode ser percebida:

A inteligência humana, lenta na sua marcha, não podia ir subitamente da filosofia teológica à filosofia positiva. Estes dois estados são tão radicalmente opostos que um sistema intermediário foi necessário para tornar possível a transição e é facilitando esta passagem que as concepções metafísicas tiveram uma utilidade, qualquer que seja.³⁰ (COMTE, 1893:5)

³⁰ "L'intelligence humaine, lente dans sa marche, ne pouvait aller tout d'un coup de la philosophie théologique à la philosophie positive. Ces deux états sont si radicalement opposés qu'un système intermédiaire a été nécessaire pour rendre possible la transition et c'est en facilitant ce passage que les conceptions métaphisiques eurent une utilité quelconque."

O sexto (e último) tomo foi redigido de 17 de junho de 1841 a 19 de julho de 1842, sendo dedicado ao estado positivo da sociedade, no qual existiria pleno desenvolvimento das ciências e o poder temporal consolidado juntamente com a moral.

Com o término desta grande obra, ficou pronto o primeiro grande tratado positivista. O *Cours de Philosophie Positive* expressou o desenvolvimento da humanidade sob a égide de observações da História calcadas na lei dos três estados e na hierarquia da ciências. Teve a intenção de demonstrar que através da história dos conhecimentos – hierarquia das ciências – era possível traçar o desenvolvimento histórico e a evolução dos “sistemas de pensamento”; entendeu que as ciências desenvolveram-se tal qual a sociedade, das mais simples às mais abstratas (complexas) e com generalidades decrescentes: 1. Matemática; 2. Astronomia; 3. Física; 4. Química; 5. Biologia; 6. Sociologia; 7. Moral³¹.

Tal classificação supõe uma evolução encadeada; para demonstrá-lo, COMTE escreveu o *Cours* expondo em que aspectos metodológicos cada uma das ciências contribuiu em relação à outra. A matemática contribuiu como modelo para a análise e deduções lógicas; a astronomia, como a forma mais acabada de observação e utilização de hipóteses; a física destacou-se pelo rigor da experimentação; a química contribuiu com a aplicação de nomenclaturas racionais; a biologia desenvolveu o método comparativo; e a física social fez uso do método

³¹ Ver Anexo I

histórico de observação. (COMTE, 1932:169, tomo I). Há, assim, o invariável critério de evolução progressiva da ciência e da sociedade por meio da lei dos três estados. Desta forma, COMTE procurou demonstrar que a evolução científica e a evolução social possuem uma relação indissolúvel. Por esse motivo, a reorganização social só seria possível com os aperfeiçoamentos teórico-científicos propostos no *Cours*.

Para esse fim, o *Cours* contribuiu através de sua grande sistematização das ciências, denominada como hierarquia das ciências, consoante dois pontos de vista: um *ponto de vista dogmático*, baseado na sucessividade necessária de uma ciência que prepara a seguinte, ao mesmo tempo que se apoia na anterior; o outro *ponto de vista* é o *histórico*³², o qual apresenta as ciências no decorrer de sua formação em ordem cronológica. Os dois pontos de vista significam a evolução da compreensão do mundo pelo homem. Esse processo possui duas características: a independência decrescente entre as ciências e sua complexificação crescente³³.

A hierarquia das ciências foi dividida em três etapas, cada qual com sua determinação por área do conhecimento humano, a saber, a lógica (ciência do espaço) representada pela matemática; a física (ciência da terra) composta pela astronomia, física e química; e a moral (ciência da humanidade) formada pela biologia, sociologia e moral.

³² O esquema idealizado por Auguste COMTE que mostra os Pontos de Vista Dogmático e Histórico foi chamado "Hierarquia Teórica das Concepções Humanas ou Quadro Sintético da Ordem Universal Segundo uma Escala Enciclopédica de Cinco ou Sete Graus". Uma reprodução desse esquema encontra-se no Anexo V.

Durante os anos em que COMTE produziu o *Cours*, houve maior aceitação das suas idéias. Em 1837 prestou concurso para professor da Escola Politécnica, mas não foi escolhido. Somente conseguiu tornar-se professor da cadeira de "Análise Transcendental e Mecânica Racional" com a morte do professor que havia sido selecionado, do qual era suplente. Contudo, não permaneceu por muito tempo. Prestou concurso para a Academia de Ciências naquele mesmo ano, sem sucesso. Tornou-se, então, repetidor e examinador de candidatos da Escola Politécnica.

Até a conclusão do *Cours*, Auguste COMTE não era favorável a uma ação política direta. Percebendo, entretanto, por sua experiência biográfica, que era necessário agir para conseguir alçar a realização dos projetos, partiu para uma atuação política mais intensa. O marco de transformação da postura do filósofo deu-se em 1844, quando da publicação do *Traité philosophique d'astronomie populaire*. Este texto foi precedido pelo *Discours Préliminaire, sur l'esprit positif*. Inicialmente, esta obra tinha o objetivo de apresentar a filosofia positiva, no entanto, a importância dela a destacou como obra independente. No decorrer da exposição, o autor posicionou-se favoravelmente à ação sóciopolítica direta e iniciou o projeto de liderar a moral dos homens. Facilitando esta propaganda doutrinária, é interessante notar que o *Discours* foi uma obra para ser lida por aqueles que não quisessem ou não pudessem empreender-se na leitura do longo *Cours* (COMTE, 1990:XV).

³³ COMTE apresentou este quadro como: Preâmbulo Sintético: FILOSOFIA PRIMEIRA. Ver Anexo I.

Segundo PETIT (1998:37), o termo positivismo apareceu no *Cours* apenas duas vezes, sem receber definição rigorosa. Em uma carta a Stuart Mill, em 1841, COMTE afirmou:

...por toda a parte, o movimento comum de regeneração filosófica, quando positivismo tiver enfim cravado sua bandeira, ou melhor, seu final em meio à desordem e confusão do nosso século (COMTE apud PETIT, 1998:37).

Assim, o positivismo tomou força política como doutrina voltada à ação pelo restabelecimento da ordem, ao mesmo tempo em que marcou o início da afirmação da *escola positivista*, que tinha a característica de se opor às escolas retrógrada e revolucionária.

No ano de 1848, marcado por uma nova onda revolucionária na Europa, e especialmente na França, foi fundada a Sociedade Positivista, aprofundando o projeto de ação política. COMTE entendia que já era possível impor as condições enciclopédicas necessária para implantar a sociedade positiva (TACUSSEL, 1993:39). Então, apareceu o texto chamado *Discours sur l'ensemble du positivisme*, no qual COMTE dizia que:

O positivismo se compõe essencialmente duma filosofia e duma política, necessariamente inseparáveis, uma constituindo a base, a outra a meta dum mesmo sistema universal, onde inteligência e sociabilidade se encontram intimamente combinados (COMTE, 1988:43)

A partir deste momento, o positivismo passou a ser composto por duas partes, a filosofia positiva e a política; aliadas, teriam condições para efetuar a regeneração da sociedade, levando-a a sua destinação

final, positiva. A separação entre estas duas partes tem, por um lado, uma função universalizadora, pois almeja atingir a todos que fazem parte da sociedade. Por outro lado, visa a satisfazer as necessidades racionais – a inteligência – e as sentimentais – a sociabilidade. De acordo com COMTE (1988:47):

A verdadeira filosofia se propõe a sistematizar, tanto quanto possível, toda a existência humana, individual e sobretudo coletiva, contemplada ao mesmo tempo nas três ordens de fenômenos que a caracterizam, pensamentos, sentimentos e atos. (COMTE,1988:47)

Nisto encerra-se o âmago da Doutrina Positivista, que passou a objetivar a organização de uma nova sociedade, sendo esta a

missão fundamental do positivismo: generalizar a ciência real e sistematizar a arte social. Essas duas faces inseparáveis duma mesma concepção serão sucessivamente caracterizadas pelas duas partes deste discurso, indicando, primeiro o espírito geral da nova filosofia, e em seguida, sua conexão necessária com o conjunto da grande revolução de que ela dirigirá o término orgânico (COMTE, 1988:44)

A Sociedade Positivista teve como meta preocupar-se com o desenvolvimento da sociedade, propondo-se a transformá-la em um organismo em que todos os seus elementos carecem de preocupação e teorização, visando a convertê-la em um conjunto afetivo baseado no amor universal (COMTE, 1988:50). O objeto deste amor é a própria humanidade, que passou a possuir um caráter religioso. A partir daí começou a se solidificar a idéia de fundação de uma nova religião, positiva.

COMTE entendeu que a religião – *religare* – deveria ter a função de ligar duas vezes, com um caráter de “ligar o interior pelo amor e religá-lo ao exterior pela fé” (SOARES, 1998:79), ou seja, ligar o indivíduo à humanidade.

O *Calendrier Positiviste*³⁴, ou *Système Général de Commémoration Publique* - Calendário Positivista - foi publicado pela primeira vez em 1849, com um preâmbulo intitulado *Système de Commemoration*. Esta obra é o indício mais pertinente do reconhecimento da influência do passado sobre o futuro, que apresenta uma relação encadeada dos *grandes homens* que contribuíram na formação da filosofia positiva. Estes líderes receberam uma espécie de consagração religiosa, pois o culto a estes grandes homens cumpriria a meta de ligar o presente ao passado. Além disso, visava-se substituir o culto ao Deus Cristão pelo culto à Humanidade.

O calendário possui dois aspectos: o primeiro, caracteriza-se como um culto abstrato da Humanidade³⁵ que busca sedimentar os grandes momentos da existência privada, quando existe a relação de cada mês com um aspecto da sociabilização humana, *e.g.*, o primeiro mês com a Humanidade, o terceiro com a paternidade, o quarto com a filiação; o segundo aspecto se refere ao culto concreto da Humanidade.

Assim, visava estabelecer o culto sistemático da Humanidade e toda a sua evolução científica e cultural (ou intelectual e civilizacional). O ano de início do calendário foi estabelecido no primeiro ano da Revolução

Francesa. O calendário anual foi dividido em treze meses anuais, cada qual com 28 dias.

O culto concreto da humanidade³⁶ apresenta-se do seguinte modo no calendário: cada mês representa uma fase do desenvolvimento da abstração humana, dedicado àquele que COMTE julgou ser o representante mais significativo³⁷. Cada dia foi dedicado a uma ou duas expressões do tipo de conhecimento a que se referia o mês³⁸. Em todos os anos há um dia sobrando, o dia complementar, que era especialmente dedicado aos mortos (o que reafirma a questão da importância do passado sobre o presente). Já nos anos bissextos, há a sobra de mais um dia que foi dedicado às mulheres santas da Humanidade. Sendo assim, o Calendário Positivista define a forma diária de culto da humanidade em todos os seus aspectos, dos mais individuais àqueles relacionados ao coletivo

Em 1851, foi publicado o primeiro tomo do *Système de Politique Positive*, ou *Traité de Sociologie, instituant la Religion de l'Humanité*, o segundo em 1852, o terceiro em 1853 e o quarto, e último, em 1854. Nesta obra, reafirmando-se todos os postulados das obras anteriores, a instituição da religião alcança o *status* de preocupação essencial.

³⁴ Ver Anexo VIII

³⁵ Uma reprodução deste tipo de celebração está em Anexo IX.

³⁶ Ver Anexo VIII

³⁷ E.g., o Primeiro Mês dedicado a Moisés representou a Teocracia Inicial e o Quarto Mês dedicado a Arquimedes representou a Ciência Antiga.

³⁸ E.g., O primeiro dia da primeira semana do primeiro mês foi dedicado a Prometeu e o segundo a Hércules.

O *Catéchisme Positiviste ou sommaire exposition de la Religion de l'Humanité en treize entretiens systématiques entre une femme et un prêtre de l'Humanité* (Catecismo Positivista), publicado em 1852, é uma obra de teve o objetivo de divulgar a Religião da Humanidade. O texto apresenta o diálogo de um sacerdote positivista e uma mulher católica, no qual o sacerdote tenta demonstrar para a mulher a superioridade da Religião da Humanidade em relação ao catolicismo. O *Catéchisme...* foi dividido didaticamente em três partes principais: a explicação do *culto*, do *dogma* e do *regime*.

Em 1855, COMTE publicou o *Appel aux Conservateurs*, em que continua a afirmar o seu projeto de levar a sociedade ao estado positivo, com a instituição de uma doutrina universal. Neste texto, o filósofo postou-se favorável à desocupação da Argélia, em favor da restituição do território aos Árabes. Isto demonstra a sua crescente preocupação em expandir o projeto de reforma social. Nesta mesma linha, o *Appel...* também tinha o objetivo de persuadir os conservadores – em sua maioria monarquistas – de suas propostas sociais e políticas. Nesta época, o filósofo compreendeu que a sua principal arma a favor da transformação da sociedade seria a religião positivista; por esse motivo, considerou no *Appel aux Conservateurs*:

Tais edifícios permitirão ao sacerdócio positivo desenvolver regularmente a eficácia moral e política da religião da humanidade, profundamente ligada ao sistema de

comemoração, em que consiste hoje seu início.³⁹ (COMTE, 1827:119)

Isto demonstra a sua imensa preocupação com a divulgação do ideário positivista.

Isidore Auguste Marie François Xavier COMTE morreu em Paris no dia 5 de setembro de 1857 vitimado por icterícia, mas sua obra difundiu-se pelo mundo, através da assim chamada doutrina positivista, influenciando diretamente a História de diversas nações, com especial destaque para o Brasil, a Turquia e a Dinamarca. No Brasil, o positivismo afirmou-se como doutrina social e política de boa parte da elite republicana, no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro, em particular, influenciando decisivamente o curso histórico regional e nacional. Desse modo, o estudo da doutrina positivista, sua formação e desenvolvimento, permite sempre iluminar a compreensão dos princípios constitutivos de nossa experiência histórica.

³⁹ "De tels édifices permettront au sacerdoce positif de développer régulièrement l'efficacité morale et politique de la religion de l'humanité, profondément liée au système de commémoration, où consiste aujourd'hui son début."

3. ESTÁTICA E DINÂMICA NA HISTÓRIA⁴⁰

Auguste COMTE (1957:1) compreendeu a história como composta por duas partes essenciais: "uma, **estática**, concerne à natureza fundamental do grande organismo; a outra, **dinâmica**, se reporta à sua evolução necessária"⁴¹.

A partir das palavras de COMTE, BOUTROUX afirmou que

A estática estuda o consensus ou organismo social nas suas relações com suas condições de existência, e faz a teoria da ordem. A dinâmica reduz em lei o fenômeno humano por excelência, o progresso.⁴² (BOUTROUX, 1908:45)

A parte **statique** da sociedade foi chamada no *Cours* de "Estática social ou teoria da ordem espontânea das sociedades humanas"⁴³, sendo associada à questão da *ordem social*, sem a qual não é possível ocorrer o desenvolvimento e aprimoramento da sociedade. Por isso, o propósito fundamental da teoria comtiana, que era reorganizar a

⁴⁰ Neste capítulo a maioria das citações serão do *Système de Politique Positive*; contudo, será utilizada a obra *Sociologie: texte choisis* (1957), que possui os textos do *Système*. Não ocorrendo, portanto, qualquer perda de originalidade do texto.

⁴¹ "l'une, **statique**, concerne la nature fondamentale du grand organisme; l'autre, **dynamique**, se rapporte à son évolution nécessaire."

⁴² "La statique étudie le consensus ou organisme social dans ses rapports avec ses conditions d'existence, et fait la théorie de l'ordre. La dynamique réduit en loi le phénomène humain par excellence, le progrès."

sociedade até chegar à *etapa positiva*, não seria possível, para COMTE com a desordem originada do processo revolucionário francês. A questão da *ordem social* foi tributária de uma tradição que recebeu, de Auguste COMTE, a denominação de *escola retrógrada*, que também é chamada, modernamente, de *conservadorismo* ou *tradicionalismo*, consistindo em um pensamento que se formou como uma reação a Revolução Francesa, ressaltando os valores monárquicos como valorização da *ordem*, enquanto conceito, e tendo a *unidade* como princípio. Estes aspectos da teoria referem-se à compreensão daquilo que compõe a estrutura da sociedade. Neste campo, o pensador que teve maior importância para COMTE foi Joseph de MAISTRE.

A parte estrutural da Doutrina Positivista, a estática, é bem menos conhecida do que a dinâmica, nem por isso teve menor importância.

A estática configurou uma teoria das instituições que sempre estiveram presentes na história da sociedade. O objetivo desta teoria foi o de apresentar as estruturas sociais que favoreciam o consenso social, como a religião, a propriedade, a família e a língua, reafirmando a atuação do passado sobre o presente. A partir destas instituições, caracterizou as forças sociais e os poderes espiritual e temporal, buscando explicar a existência social⁴⁴.

⁴³ "Statique sociale ou théorie de l'ordre spontané des sociétés humaines."

⁴⁴ Trindade (1994:124) explicou do seguinte modo a estática social: "A estática social comporta a análise anatômica da estrutura da sociedade em um momento dado, como também a análise dos elementos que determinam o consenso social, isto é, tudo o que faz os

Na teoria comtiana, a religião possui um papel central na organização da ordem social, pois possibilita a harmonia plena, que é própria da existência humana, tanto para o coletivo como para o individual (COMTE, 1957:3). Mesmo que as religiões sejam muito variadas, elas cumpriram e cumprem a mesma função; o que se modifica são os graus de realização.

É possível fazer uma distinção interna em relação a religião acerca de dois modos diferentes da existência humana.

Assim, consiste em um momento reger cada existência pessoal, e em outro a conciliar as diversas individualidades. A pesar disso, a importância desta distinção não deve jamais fazer desconhecer a ligação fundamental destas duas aptidões.⁴⁵ (COMTE, 1957:4)

Desse modo, a religião possui dois aspectos dentro de sua função: primeiro, *ordenar (régler)* a existência pessoal; segundo, *conciliar (rallier)* as diversas individualidades⁴⁶. Estes dois elementos combinados compõem o âmago da teoria positiva da religião pois configuram a destinação humana, ou seja, o objetivo da vida. Com efeito, "a fim de constituir uma harmonia completa e duradoura, é preciso o

indivíduos ou famílias constituírem um coletividade, da pluralidade de instituições de um sociedade."

⁴⁵ "...consiste ainsi, tantôt à régler chaque existence personnelle, tantôt à rallier les diverses individualités. Néanmoins, l'importance de cette distinction ne doit jamais faire méconnaître la liaison fondamentale de ces deux aptitudes."

⁴⁶ Concepção também afirmada por COMTE (1988:85) na Primeira Conferência do Catecismo Positivista: "a religião consiste, pois, em regular cada natureza individual e em congregar todas as individualidades; o que constitui apenas dois casos distintos de um problema único. Porquanto todo homem difere sucessivamente de si mesmo tanto quanto difere simultaneamente dos outros; de maneira que a fixidez e a comunidade seguem leis idênticas."

ligar o inteiro pelo amor e o *religar* ao exterior pela fé” (COMTE, 1988:87), para que se torne possível o progresso social (dinâmica social).

A teoria positiva é a forma ideal da religião circumspecta. Também existem maneiras diferenciadas da religião se articular, dependendo da etapa histórica. No que tange o politeísmo, o filósofo afirmou (COMTE, 1957:4): “O politeísmo reunirá muito mais do que o regravará, enquanto que o monoteísmo podia unir somente muito pouco regravando”⁴⁷. Significa que o politeísmo foi uma fase superada, mas que não deixou de ser uma instituição pertencente à estática social e, portanto, pertinente naquele estado evolutivo.

A religião enquanto instituição é constituída por duas influências espontâneas: “...um objetivo, essencialmente intelectual; e outro subjetivo, puramente moral.”⁴⁸ (COMTE, 1957:4). Estas influências estão vinculadas à razão e ao sentimento, os quais isoladamente não podem estabelecer a unidade social, tanto a individual como a coletiva. Por um lado, a inteligência é que interfere em se conceber no exterior uma autoridade exterior; por outro, é indispensável que a humanidade possua uma afeição interna capaz de unificar habitualmente as pessoas. Assim,

Estas duas condições fundamentais tendem naturalmente a se combinar, uma vez que a submissão exterior segue necessariamente a

⁴⁷ “Le polythéisme rallia beaucoup plus qu’il ne régle, tandis que le monothéisme ne pouvait guère rallier qu’en réglant.”

⁴⁸ “l’une objective, essentiellement intellectuelle; l’autre subjective, purement morale”

disciplina interior, que, por sua vez, nela se dispõe espontaneamente.⁴⁹ (COMTE, 1957:5)

O filósofo estabeleceu que existe algo exterior ao homem, assim, a constituição da religião não dependeria individualmente dele, mas haveria a necessidade da reelaboração interna dos sentimentos humanos. Segundo a doutrina de COMTE, isto deveria ser realizado de forma racional, de modo que ocorresse a relação do sentimento com a razão, e deveria se constituir de forma gradual, sistemática ou espontânea, para regularizar a atividade humana. Para isso, seria necessário

A harmonia moral se estabelece subordinando o egoísmo ao altruísmo, a coerência mental repousa sobre a preponderância da ordem exterior.⁵⁰ (COMTE, 1957:5)

Para tanto, foi relacionada a unidade com a ordem exterior, também podendo ser compreendida como a forma do homem se relacionar com a natureza, bem como com aquilo exterior ao homem que possui regras próprias, às quais foi dada o estatuto de *lei*, a partir das quais deve-se promover o progresso da humanidade. Assim, COMTE percebeu que existem *leis* que necessitam ser descobertas a partir da observação dos fenômenos, sem levar em consideração as buscas das causas de sua existência. Com o fim de preparar internamente o homem para conviver espontaneamente com essas leis, foi pensada por COMTE a

⁴⁹ "Ces deux conditions fondamentales tendent naturellement à se combiner, puisque la soumission extérieure seconde nécessairement la discipline intérieure, qui, à son tour, y dispose spontanément."

⁵⁰ "...l'harmonie morale s'établir en subordonnant l'égoïsme à l'altruïsme, la cohérence mentale repose sur la prépondérance de l'ordre extérieur."

sétima ciência, chamada de *moral*⁵¹, e criada para mediar a relação do homem com a parte estática da sociedade (especificamente a instituição *religião*), sobretudo para possibilitar o avanço progressivo, pois possibilitaria a existência da dinâmica social, levando à articulação espontânea entre a *união* e as *regras*. Sendo assim, COMTE fundou *la religion positive*, em que tornou o homem e a humanidade o objeto de culto. A ordem social transfigurou-se em fim possível através desse culto da humanidade.

COMTE compreendeu que ao longo do tempo o homem constantemente foi se tornando independente materialmente e, ao mesmo tempo, dependente intelectualmente. Assim, os tempos e os locais tornaram-se cada vez mais importantes para que as opiniões e sentimentos individuais ficassem subordinados à ordem coletiva. Muito embora,

Cada um possa modificar muito mais suas afeições que seus pensamentos, ele reconhece facilmente a dominação que exerce sobre seu próprio estado moral a característica geral da sociabilidade correspondente.⁵² (COMTE, 1957:8)

Por esse motivo, sobre todos os aspectos, depois que as mutações sociais são bastante pronunciadas, o homem se sente subordinado à humanidade. A relação entre os homens é dada através da

⁵¹ Apresentada pela primeira vez no sexto tomo do Cours de Philosophie Positive, em 1942, com denominativo de ciência. Para ver a classificação da moral junto as outras ciências procurar no Anexo I.

⁵² "Chacun puisse modifier davantage ses affections que ses pensées, il reconnaît aisément la domination qu'exerce sur son propre état moral le caractère général de la sociabilité correspondante."

significação que a moral possui, pois esta foi entendida como algo que existe exterior ao homem e foge à vontade individual. Assim, as leis sociológicas, que devem ser descobertas, indicam a ordem social que liga os indivíduos entre si.

Para que o homem suporte a ordem social, deve existir o culto da Humanidade que se fez através do culto do *le Grand-Être* (o grande ser). No culto do dia 1º de Moisés de 182⁵³, foi proferido, na Igreja Positivista do Brasil, o culto da Humanidade, no qual a oração afirmou:

Glorificar a Humanidade, em sua plena realidade, como vivendo na Terra, envolta pelo Espaço, tal o objeto desta festa. Como toda a concepção científica, baseada, como deve, na observação de fenômenos naturais, esta teve também que surgir espontânea mais ou menos vaga. (MORAES, 1982:8)

Deste modo, o objetivo da religião positivista era *glorificar a Humanidade* de acordo com as condições existentes na realidade. O estatuto desta religião é de concepção científica, formulada, como todas as outras ciências, da observação dos fenômenos naturais. Deste modo, o culto da Humanidade suprimiu a adoração de elementos que não podem ser provados a partir da ciência, mas incorpora o rito da manifestação religiosa, que foi entendido como provedora da ordem social, proporcionando a unidade através do altruísmo. Assim, *Le Grand-Être*

⁵³ Esta data corresponde ao dia 1º de Janeiro de 1970. A contagem do calendário positivista iniciou no em primeiro de janeiro de 1789, o ano da queda da Bastilha que marcou o princípio da Revolução Francesa. Ver no anexo VIII o Calendário Positivista.

sobrepassa evidentemente toda força humana, mesmo coletiva, esta constituição necessária e sua própria destinação lhe tornam altamente simpático para todos os seus servidores.⁵⁴ (COMTE, 1957:10)

A partir disso, pode ser possível ao homem aplicar a fórmula sagrada dos positivistas: "O Amor por princípio, a ordem por base, e o progresso por fim"⁵⁵ (COMTE, 1957:14), que foi adotada como forma de sintetizar a função da existência religiosa da humanidade. Segundo COMTE, esta formulação tripla engendrou-se na doutrina positivista do seguinte modo:

...O amor busca a ordem e impulsiona ao progresso; a ordem consolida o amor e dirige o progresso: enfim, o progresso desenvolve a ordem e reconduz ao amor.⁵⁶ (COMTE, 1957:14)

Destarte, a religião positivista articula-se de modo a organizar os elementos estáticos da sociedade resgatando o princípio universalista do amor que tem a função de solidificar a coesão social.

A parte **dynamique**, componente da sociedade, foi apresentada no *Cours* como "Dinâmica Social ou teoria do progresso natural da sociedade"⁵⁷. Nesta parte da teoria, há a vinculação com a questão do progresso, sendo este o elemento que se manifesta na necessidade de existir o avanço constante da sociedade para chegar ao

⁵⁴ "surpasse évidemment toute force humaine, même collective, sa constitution nécessaire et sa propre destinée le rendent éminemment sympathique envers tous ses serviteurs"

⁵⁵ "L'Amour pour principe, l'Ordre pour base, et le Progrès pour but."

⁵⁶ "...l'amour cherche l'ordre et pousse au progrès; l'ordre consolide l'amour et dirige le progrès; enfin le progrès développe l'ordre et ramène à l'amour."

⁵⁷ "Dynamique sociale ou théorie du progrès naturel de l'humanité"

estado positivo⁵⁸. O progresso foi visto como natural e chegou ao estatuto de lei histórica, sendo chamado de lei de evolução (avanço constante da sociedade), não como uma formulação original de Auguste COMTE, mas como reelaboração de um conceito que já havia muito que estava sendo discutida por intelectuais, sobretudo entre os filósofos que compuseram o Iluminismo, sobretudo CONDORCET⁵⁹.

A dinâmica social tornou-se conhecida como a filosofia da história, sendo composta fundamentalmente pela lei dos três estados (teológico, metafísico e positivo). Entretanto, para explicar o aspecto dinâmico da sociedade, o mais importante é salientar que esta parte da doutrina consolida as leis de evolução encontradas a partir de sua inquirição da história.

Este estudo toma por objeto os fatos humanos coletivos, aqueles que sejam observáveis de fora, aqueles que sejam fatos, no sentido exato do termo; e da consideração de seus fatos, ela coloca em evidência os traços gerais que caracterizam as diferentes épocas.⁶⁰
(BOUTROUX, 1908:45)

Essas três diferentes épocas, possíveis de se classificar com a observação dos fenômenos sociais (ou fatos humanos), apresentaram uma evolução sendo regidas por duas leis essenciais: a lei de evolução intelectual e a lei de evolução das formas de atividade.

⁵⁸ Este avanço histórico está exposto no Tableau de l'Histoire de l'Humanité, o qual pode ser encontrado no Anexo VII.

⁵⁹ A relação de Auguste COMTE com o filósofo Iluminista CONDORCET será analisada no subcapítulo 2.1.1.

⁶⁰ "Cette étude prend pour objet les faits humains collectifs, les seuls qui soient observables du dehors, les seuls que soient des faits, au sens précis du mot; et de la considération de ses faits, elle dégage les traits généraux que caractérisent les différentes époques."

Leis dinâmicas parecem dever ser ao número de três, a fim de corresponder exatamente aos diversos elementos estáticos da natureza humana, o sentimento, a inteligência e a atividade. Mas é necessário primeiro reconhecer que elas se reduzem necessariamente a duas, uma para a evolução teórica, outra para o impulso prático.⁶¹ (COMTE, 1957:78)

A lei da evolução intelectual consiste na passagem necessária de todas as teorias humanas pelas três etapas sucessivas. A primeira teológica, ou fictícia, sempre provisória; a segunda, metafísica, ou abstrata, puramente transitória; e a terceira, positiva ou científica, é definitiva (COMTE, 1883a:28).

A lei das formas de atividade possui a função de reger a sucessão geral da destinação prática da humanidade, vinculando-se às exigências materiais, não aquelas ligadas à satisfação individual, mas ao trabalho útil para a sociedade (COMTE, 1883a:56)

Estas duas leis, entretanto, para serem aplicadas, deveriam estar subordinadas à teoria estática da unidade, pois o elemento teórico e o prático não possuem capacidade de guiar a articulação do elemento moral necessário. Assim, a evolução caracteriza-se pelo desenvolvimento da unidade humana, que tinha no sentimento a fonte da harmonia, a partir disso a parte dinâmica articula-se com a estática do seguinte modo:

⁶¹ "Lois dynamiques semblent devoir être au nombre de trois, afin de correspondre exactement aux divers éléments statiques de la nature humaine, le sentiment, l'intelligence et l'activité. Mais il faut d'abord reconnaître qu'elles se réduisent nécessairement à deux, l'une pour **l'évolution théorique**, l'autre envers l'essor **pratique**."

Este último complemento de minha teoria dinâmica consiste em reconhecer, em relação ao sentimento, três estados sucessivos, dos quais a correspondência espontânea com dois da inteligência e da atividade se tornam aqui a consequência necessária de uma tal conexão.⁶² (COMTE, 1957:88)

Desta maneira, também há uma evolução afetiva, que é componente da teoria fundamental de evolução humana que se relaciona diretamente com a filosofia da história, pois é encontrada uma lógica multicausal para o avanço da humanidade. Isto determina uma progressão geral tanto individual como coletiva, como progresso é um simples desenvolvimento da ordem (COMTE, 1883a:72).

Na doutrina de COMTE, a estática e a dinâmica representaram duas partes complementares, compreendendo que o pensamento de CONDORCET fora completado pelo do filósofo conservador DE MAISTRE (COMTE, 1988:67).

A partir dessa ligação, sucedeu a associação da estática com a *ordem* e da dinâmica com o *progresso*, sendo ambas associações necessárias para que a sociedade se desenvolva e passe pela lei dos três estados. Explica-se aí a conhecida associação das palavras “ordem e progresso”, característica da bandeira nacional brasileira.

Assim, a Ordem e o Progresso são fundamentais para da compreensão da Sociologia.

⁶² “Cet extrême complément de ma théorie dynamique consiste à reconnaître, envers le sentiment, trois états successifs, dont la correspondance spontanée avec deux de l’intelligence et de l’activité devient ici la suite nécessaire d’une telle connexité.”

A ordem e o progresso, que a antigüidade encarava como inconciliáveis, pela natureza da civilização moderna, duas condições indispensáveis; e sua combinação é ao mesmo tempo a grande dificuldade e o principal recurso de todo verdadeiro sistema político. Nenhuma ordem real pode se estabelecer, e ainda menos durar, se não é plenamente compatível com o progresso, e nenhum grande progresso pode se cumprir, se não tende à consolidação da ordem.⁶³ (COMTE, 1894:3-4)

De fato, as duas partes da doutrina comtiana são interdependentes. Assim, foi formulado um método que residia na ênfase da leitura histórica da sociedade. A partir das duas partes da teoria (dinâmica e estática), COMTE visava o estudo positivo da humanidade, tendo como objetivo acompanhar o desenvolvimento histórico do relacionamento dos dois elementos (a ordem e o progresso) nos diversos sistemas em que os homens viveram no passado, de modo que ficasse reservado ao futuro a articulação ideal do aspecto *estático* e do *dinâmico* através da conformação do estado positivo.

Esta relação íntima das duas partes foi exposta em separado na obra do filósofo. Entendeu que era possível detectar, por meio do estudo da evolução da sociedade, permanências que favoreciam a unidade e transformações que significavam a superação de sistemas. A *estática* era composta pelos aspectos que permaneciam do passado, pois eram elementos necessários para a harmonia da evolução. Enquanto a

⁶³ "L'ordre et le progrès, que l'antiquité regardait comme inconciliables, par la nature de la civilisation moderne, deux conditions indispensables; et leur combinaison est à la fois la grande difficulté et la principale ressource de tout véritable système politique. Aucun ordre réel ne peut s'établir, et encore moins durer, s'il n'est pas pleinement compatible avec le progrès, et aucun grand progrès ne peut s'accomplir, s'il ne tend pas à la consolidation de l'ordre."

dinâmica era a transformação que levava ao *progresso* natural da humanidade, garantindo que a sociedade evoluísse com harmonia. Além disso, é possível perceber que COMTE sistematizou em sua obra duas linhas de pensamento fortalecidas no século XVIII: a liberal e a conservadora, a liberal representada pelo aspecto dinâmico e a conservadora pelo estático (TRINDADE, 1994:119).

3.1 O Progresso e o Iluminismo: Condorcet

*Igualmente emancipados em religião e em política, esses poderosos pensadores [do século XVIII] tendiam necessariamente para uma reorganização total e direta, por mais confusa que devesse ser então a noção de semelhante reforma. Todos eles abraçariam hoje a única doutrina que, fundando o futuro sobre o passado, assenta, enfim, as bases inabaláveis da regeneração ocidental, é de uma tal escola que me honrarei sempre de descender imediatamente, por intermédio de meu precursor essencial, o eminente **CONDORCET**. (COMTE, 1988:67)*

Auguste COMTE escreveu no *Système de Politique Positive*:

O século atual será principalmente caracterizado pela irrevogável preponderância da História, na filosofia, na política, e mesmo na poesia. Esta supremacia universal do ponto de vista histórico constitui ao mesmo tempo o princípio essencial do positivismo e seu resultado geral.⁶⁴ (COMTE, 1883a:1)

⁶⁴ "Le siècle actuel sera principalement caractérisé par l'irrévocable prépondérance de l'histoire, en philosophie, en

Entre os anos de 1750 e 1900, o progresso foi pensado enquanto uma grande lei importantíssima para a concepção comtiana de dinâmica social, surgida de preocupações relacionadas com a liberdade individual, a qual avançaria com o progresso do conhecimento humano e o aumento do seu domínio da natureza. Desse modo, à ciência foi atribuída grande importância para melhorar a dinâmica de um mundo em que a liberdade de cada um tornar-se-ia a liberdade de todos. Mas, para a afirmação do progresso como meio de desenvolvimento da liberdade, era necessária a liberdade de pensamento e de criação, um movimento que determinava que quanto maior fosse o progresso, maior seria a liberdade instituída.

Tais concepções apareceram no chamado pensamento Iluminista durante o século XVIII. Muitas foram as denominações: "*le siècle des lumières*", "*Enlightenment*", "*Aufklärung*", "*I Lumi*" e o "*el siglo de las luces*". Apesar disso, não constituiu um movimento unificado de pensamento (RUDÉ, 1982:231), mas um fenômeno de renovação em diversos campos (física, botânica, psicologia, química e filosofia) mais ou menos no mesmo período⁶⁵.

politique, et même en poésie. Cette universelle suprématie du point de vue historique constitue à la fois le principe essentiel du positivisme et son résultat général."

⁶⁵ Alguns exemplos: nas ciências físicas pode-se ver Newton em *Principia*; na química Joseph Black descobriu o calor latente, Cavendish o hidrogênio (1760), Priestley o oxigênio (1774), Lavoisier, as propriedades do ar e da água (1789); na botânica, Lineu escreveu *Sistema naturae* (1735), Buffon *Histoire naturelle* (1778); na psicologia, Diderot escreveu *Lettre sur les aveugles* (1749), Candillac o *Traité des Sensations* (1754), Helvétius o *De l'esprit* (1758); na filosofia, Hume escreveu *Teatrise on Human Nature* (1740), Voltaire o *Dictionnaire philosophique* (1764); Kant produziu *Metafísica da Moral* (1775), *Crítica da Razão Pura* (1788), *Crítica da Razão Prática* (1788), *Crítica do Juízo* (1790). Para ver

Neste momento, a idéia de avanço de conhecimento sobre o mundo se consolidou por meio dos trabalhos dos *philosophes*, como eram chamados os pensadores do Iluminismo. Os franceses foram os mais influentes naquele momento. Pode-se citar nomes como MONTESQUIEU, VOLTAIRE, ROUSSEAU, DIDEROT, D'ALAMBERT, TURGOT, CONDORCET, CANDILLAC, RAYNAL, HOLBACH, BUFFON E HELVÉTIUS para exemplificar.

Esses *philosophes*, como já foi afirmado, "não tinham em comum nenhum programa ou manifesto" (RUDÉ, 1988:231). Além disso, muitas vezes discordaram com diferenças marcantes em seus pontos de vista.⁶⁶ Como projeto coletivo, destacou-se a *Encyclopédie – Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*, que visava a vulgarização do avanço científico e filosófico da época. O primeiro volume da *Encyclopédie* saiu em 1751 e o último em 1772, o que totalizou 17 volumes sob a coordenação de DIDEROT e D'ALAMBERT. Contudo, a *Ilustração* não teve como prerrogativa uma unidade intelectual, mas uma unidade em torno da razão, que via na ciência a sua manifestação legítima⁶⁷.

O racionalismo, o individualismo e o universalismo foram sistematizados pelo aprofundamento nos estudos sobre história, cuja utilização era a de construir, do estudo sobre o passado, uma experiência

com mais detalhes: CASSIER, Ernest. *A Filosofia no Iluminismo*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.; RUDÉ, Georges. *A Europa do Século XVIII*. Lisboa: Gragiva, 1982.

⁶⁶ MONTESQUIEU e VICO perceberam a história de uma percepção gradualista e evolucionista; ROUSSEAU compreendia que o processo de socialização tornava o homem degenerado e era necessário o retorno ao natural; TURGOT e CONDORCET privilegiaram nos seus temas o progresso humano e constante.

para que fossem formuladas novas alternativas de futuro que proovessem melhor bem-estar, iniciando o aprofundamento da idéia de “lei do progresso”, que levava em consideração os avanços científicos constantes e o aumento da complexidade social, cultural e moral.

A concepção de progresso desenvolvida de forma mais acabada e influente foi a de CONDORCET (1743-1795), que preocupou-se em apresentar a “lei” do desenvolvimento do espírito humano como a “lei do progresso”. Este intelectual era um nobre francês, membro da Academia de Ciências e o único *philosophe* proeminente que participou diretamente na Revolução francesa. Condorcet foi muito ativo no período pré-revolucionário, fazendo campanha pela liberdade econômica, tolerância religiosa e a abolição de escravidão, o que o levou a ser eleito para a Assembléia Legislativa em 1791. Já durante a Convenção Nacional, fez oposição por ser contra a penalidade de morte, o que o conduziu a votar contra a execução de Louis XVI em 1792/93.

A concepção sobre “lei de progresso” de CONDORCET deveu inspiração a TURGOT (1727-1781), através do livro *Tableau Philosophique des Progrès Successifs de L'Esprit Humain*⁶⁸, apresentado em forma de conferência em 1750. Segundo NISBET (1985:189), “os historiadores concordam unanimemente que esta conferência de TURGOT tenha sido a primeira formulação – sistemática, secular e naturalista – da idéia ‘moderna’ de progresso”. Nesta conferência, dispôs as épocas da história

⁶⁷ Sobre este assunto: CASSIRER, Ernest. La Philosophie des Lumières. Paris: Fayard, 1970.

vividas pelo homem em três etapas: caça e pastoreio, agricultura e urbano-comercial. Também considerou que a liberdade individual em todas as ordens (para mulheres, escravos e servos, que ainda existiam como resquício do feudalismo) era necessária para que se desenvolvesse o processo criativo em todos os campos, pois só isso garantiria o progresso, principalmente nas artes e nas ciências. Compreender a história tornou-se uma experiência necessária para organizar a sociedade.

O próprio título da obra de TURGOT revela a relação com o pensamento de CONDORCET, mas o núcleo teórico essencial foi a separação do progresso da sociedade do pensamento religioso por meio da demonstração da leis do progresso e do avanço científico pelo qual passava a sociedade⁶⁹.

A obra em que CONDORCET abordou o tema de forma rigorosa foi *Esquisse d'un Tableau Historique des Progrès de L'Esprit Humain*⁷⁰, redigido entre 1793 e 1794 e publicada em 1795, quando, por iniciativa dos partidários da Convenção no 13 Germinal do ano III, decidiu-se adquirir três mil exemplares para distribuir entre os seus membros⁷¹.

⁶⁸ "Quadro filosófico dos progressos sucessivos do espírito humano." Esta obra, difícil de ser encontrada, está presente na seguinte coletânea: TURGOT. Oeuvres - tomo I. Alcan: G. Schelle, 1913.

⁶⁹ "...verificamos que na filosofia e nas ciências sociais um sistema atrás do outro preocupava-se primariamente com a demonstração da realidade 'científica' do progresso humano e com as leis e princípios que tornam o progresso necessário" (NISBET, 1985:182)

⁷⁰ "Esboço de um Quadro Histórico do Progresso do Espírito Humano"

⁷¹ CONDORCET. Oeuvres - Tomo VI. Paris: CONDORCET O'Connor, 1847, pp. 3-5.

Contudo, não foi no século XVIII que CONDORCET teve maior influência, e sim no século XIX, quando SAINT-SIMON e COMTE compreenderam que CONDORCET “estabeleceu pela primeira vez o progresso como uma das leis vitais do estudo da humanidade.” (NISBET, 1985:215) e se apropriaram de seus postulados.

No *Esquisse*, CONDORCET compreendeu a humanidade a partir do espírito próprio do homem, do seguinte modo:

O homem nasce com a faculdade de receber as sensações, de perceber e de distinguir as sensações [...], de retê-las, de reconhecê-las, de combiná-las; de comparar entre elas estas combinações; de separar o que elas têm de comum e o que as distingue; de associar alguns signos a todos estes objetos, para reconhecê-los melhor, e facilitar algumas combinações novas.⁷² (CONDORCET, 1822:1)

Tais faculdades naturais do homem se expressaram, através da História, com o desenvolvimento da organização social, produzindo um progresso constante através do desenvolvimento das idéias abstratas, filosóficas, racionais e morais.

Este progresso é submetido às mesmas leis gerais que se observam no desenvolvimento das faculdades nos indivíduos, uma vez que é resultante deste desenvolvimento, considerado ao mesmo tempo num grande número de indivíduos reunidos em sociedade.⁷³ (CONDORCET, 1822:3)

⁷² “L’homme naît avec la faculté de recevoir des sensations; d’apercevoir et de distinguer les sensations [...], de les retenir, de les reconnaître, de les combiner; de comparer entre elles ces combinaisons; de saisir ce qu’elles ont de commun et ce qui les distingue; d’attacher des signes à tour ces objets, pour les reconnaître mieux, et faciliter des combinaisons nouvelles.”

⁷³ “Ce progrès est soumis aux mêmes **lois générales** qui s’observent dans le développement des facultés chez les individus, puisqu’il est

O progresso deu sustentação para que a ciência fosse se desenvolvendo nos diversos momentos da história humana, a tal ponto que ela, na concepção de CONDORCET, torna-se responsável por levar a humanidade ao futuro perfeito e final e à igualdade entre os homens (CONDORCET, 1822: 231). A ciência do homem formaria o vínculo essencial entre avanço científico e progresso moral. Também tentou demonstrar a emancipação progressiva do homem da dominação arbitrária absolutista, ficando evidente sua relação com o pensamento Iluminista, somando-se ao seu partidarismo pela Revolução Francesa.

Isso configura, de fato, a crença na ciência como força capaz de libertar o homem dos grilhões do absolutismo e do pensamento vinculado ao clero e à Igreja, um elemento filosófico de CONDORCET plenamente apropriado por Auguste COMTE. A ciência era a verdadeira forma de se promover o progresso social e a responsável pela compreensão das leis da sociedade. Deste modo, poder-se-ia estabelecer regras de convivência social no *progrès futurs* para CONDORCET e no Estado Positivo para COMTE, sendo ambos momentos do desenvolvimento histórico condicionados pelo pleno desenvolvimento das ciências.

Existe, porém, uma diferença essencial de pensamento entre os dois autores. Segundo CONDORCET (1822:209), para que no *progrès futurs* o homem chegasse à felicidade completa, era necessário que o sentimento religioso deixasse de existir, enquanto para COMTE, a religião era a saída para que a unidade do futuro, mesmo que estivesse sob as

regras da ciência, se consolidasse como um princípio estático; este caminho foi encontrado com a fundação da *religião positivista*.

Afora a diferença de CONDORCET e de COMTE em relação a religião, é importante notar que a religião de COMTE tem o objetivo de reorganizar a sociedade como um organismo eterno, portanto permanente (COMTE, 1957:14), aproximando-se de CONDORCET, pois esse imaginava, igualmente, um progresso futuro e definitivo. Do mesmo modo, Comte aproxima-se de CONDORCET (1822:5) ao entender que os homens, ao longo do tempo – ou melhor, com o progresso – têm as suas relações morais mais complexificadas e multiplicadas. Todavia, para o positivista, o avanço sem um princípio estático tende para a desordem social e a falta de união entre as pessoas. Assim, este problema necessitava ser “corrigido”, daí a formulação da Religião Positivista, que tinha como principal objetivo unir a sociedade em torno de uma moral que interferisse no sentimento de cada um individualmente.

O partidarismo de CONDORCET com a Revolução Francesa ressaltou a atitude anticlerical (FORTES, 1989:43), em seu embate com os absolutistas, perseguindo-se a supremacia definitiva dos poderes temporais da sociedade sobre os poderes espirituais. Neste aspecto, COMTE se diferenciou, na medida em que propôs que o progresso político deveria estar necessariamente associado a um poder espiritual, mas não o mesmo poder dos partidários do absolutismo (a Igreja Católica), apenas o mesmo tipo de instituição, a religião.

No seu *Esquisse d'un Tableau Historique des Progrès de L'Esprit Humain*, em que expressa sua concepção de progresso, a história foi dividida em dez épocas de progresso, elencadas de acordo com o avanço científico ao longo da história⁷⁴.

A divisão das épocas da história é importante pois evidencia a classificação dos estágios de progresso, tentando defender a idéia de avanço da sociedade até a décima época, reservada para o futuro; "*Des progrès futurs de l'esprit humain*" é a época que representaria o futuro sem futuro, tempo em que se concatenariam os avanços científicos e em que a liberdade se consolidaria definitivamente.

Auguste COMTE, no opúsculo *Plan des Travaux Scientifiques Nécessaires pour Réorganiser la Société* de 1822 (1972:53-136) já havia analisado a obra de CONDORCET. Nesta obras, COMTE considerou que a obra de CONDORCET, o *Esquisse...*, significava um avanço por ter sido o primeiro a elevar a política à classe de ciência de observação, isso por ter observado

...claramente estar a civilização sujeita a uma marcha progressiva, na qual todos os passos

⁷⁴ A primeira época foi chamada "Les hommes sont réunis en peuplades"; a segunda, "Les peuples pasteurs. Passage de cet état à celui des peuples agriculteurs"; a terceira, "Progrès des peuples agriculteurs, jusqu'à l'invention de l'écriture alphabétique"; a quarta, "Progrès de L'esprit humain dans la Grèce, jusqu'au temps de la division des sciences, vers le siècle d'Alexandre"; a quinta, "Progrès des sciences depuis leur division jusqu'à leur décadence"; a sexta, "Décadence des lumières, jusqu'à leur restauration, vers le temps des croisades"; a sétima, "Depuis les premiers progrès des sciences, lors de leur restauration dans l'Occident, jusqu'à l'invention de l'imprimerie"; a oitava, "Depuis l'invention de l'imprimerie jusqu'au temps où les sciences et philosophie secouèrent le joug de l'autorité"; a nona, "Depuis Descartes jusqu'à la formation de la république française"; e a décima, "Des progrès futurs de l'esprit humain".

são rigorosamente encadeados uns aos outros, segundo leis naturais, que a observação filosófica do passado pode descobrir, e determinam, para cada época, de maneira inteiramente positiva, os aperfeiçoamentos que o estado social deve experimentar, quer em sua partes, quer em seu conjunto.(COMTE, 1972:111)

Embora CONDORCET tenha representado este avanço, COMTE considerou que o filósofo não deu caráter positivo à política. A primeira discordância é acerca do sistema de classificação em dez épocas. COMTE, tendo a premissa de que a classificação correta era o mais essencial em um trabalho, discordou de CONDORCET, pois este não apresentou uma série homogênea. Notadamente, por não ter feito uma disposição filosófica das épocas, o que o levou a tomar quase ao acaso o início e o fim de cada época de acordo com os eventos políticos, não formando, portanto, um encadeamento real. COMTE compreendeu que os avanços não eram medidos pelo tempo simplesmente, mas pelo nível de abstração, de modo que é possível existir povos na fase fetichica na África enquanto a Europa já estava por entrar na etapa positiva de progresso⁷⁵.

As diversas épocas da civilização, por conseguinte, em vez de serem distribuídas sem ordem, segundo acontecimentos mais ou menos importantes, como fez CONDORCET, devem ser dispostas de conformidade com o princípio filosófico já reconhecido por todos os cientistas como devendo presidir a quaisquer classificações. (COMTE, 1972:113)

⁷⁵ Aspecto muito comum na Europa do século XIX, no que tange o juízo de valor que a Europa encontrava-se no estado mais avançado do mundo. Ver: IGLÉSIAS, F. *Natureza e Ideologia do Clonialismo no Século XIX. História e Ideologia*. SP: Perspectiva, 1971.

No entanto, a disposição tal como executou foi muito importante para organizar o método de classificação das ciências e para a organização do papel futuro da filosofia positiva, que fora sistematizado com a ordenação das ciências que compõem a sociedade, bem como a história da Humanidade, classificada de acordo com os níveis de abstração correspondentes.

A sociedade, assim, de acordo com a forma de se organizar política e cientificamente, inseria-se nesta ou naquela etapa da história, não sendo uma classificação de acordo com a idade de sua existência, que fora o modo como COMTE considerou a classificação de CONDORCET.

Para tentar compreender a visão do clássico em COMTE, faz-se necessário expor preliminarmente a visão de CONDORCET sobre o tema, apresentada na quarta época chamada "*Progrès de L'esprit humain dans la Grèce, jusqu'au temps de la division des sciences, vers le siècle d'Alexandre*".

Uma vez que para CONDORCET (1822:32) a marcha humana jamais será retrógrada, é patente que todas as épocas correspondem a um progresso em relação àquela que a antecede. Entretanto, isto não impediu que o clássico tenha servido de modelo histórico, compreendendo que:

Quase não se encontraria nas repúblicas modernas, e mesmo nos planos traçados pelos filósofos, uma instituição que as repúblicas

gregas não tenham oferecido o modelo ou dado o exemplo.⁷⁶ (CONDORCET, 1822:133)

Assim, para CONDORCET, dificilmente as repúblicas modernas teriam características que não houvessem existido entre as repúblicas gregas, por terem servido de modelo para filósofos e políticos. Para VIDAL-NAQUET (1993:151), o exemplo para CONDORCET era Atenas, mesmo que o filósofo tenha se referido no plural para designar o modelo para as repúblicas modernas. Esta assertiva é plenamente justificável quando se lê em CONDORCET (1822:210) que Atenas era a cidade da Grécia Antiga em que os cidadãos possuíam plenos direitos políticos e de igualdade.

A Grécia, para CONDORCET, era a época da história em que

Quase todas as instituições dos Gregos supunham a existência da escravidão, e a possibilidade de reunir, em uma praça pública, a universalidade dos cidadãos; e para bem julgar seus efeitos principalmente para prever os que elas produzem nas grandes nações modernas, não se deve perder de vista estas duas diferenças tão importantes.⁷⁷ (CONDORCET, 1822:58)

Desta maneira, o pressuposto da escravidão e a possibilidade de que todos os cidadãos se reunissem em praça pública evidenciaram a diferença para com a modernidade.

⁷⁶ "On trouverait à peine dans les républiques modernes, et même dans les plans tracés par les philosophes, une institution dont les républiques grecques n'aient offert le modèle ou donné l'exemple."

⁷⁷ "Presque toutes les institutions des Grecs supposent l'existence de l'esclavage, et la possibilité de réunir, dans une place publique, l'universalité des citoyens; et pour bien juger de leurs effets surtout pour prévoir ceux qu'elles produiraient dans les grandes nations modernes, il ne faut pas perdre un instant de vue ces deux différences si importantes."

A escravidão moderna havia sido fortemente combatida por CONDORCET nas assembléias revolucionárias, pois ela se contrapunha à premissa do universalismo que previa a remoção das causas de conflito entre os homens (ROUANET, 1993:97).

A possibilidade de reunião dos cidadãos, compreendida como diferença entre a Grécia e as nações modernas, possui dois lados a serem considerados. O primeiro, e mais óbvio, se refere à impossibilidade de reunir todos os cidadãos de uma nação, por sua dimensão. O segundo, tem a ver com a emancipação individual que a sociedade moderna representa, pois enquanto a *polis* exibe uma cosmovisão comunitária, em que o homem tinha valor como participante do coletivo e sensível ao interesses do grupo (VERNANT, 1996:35), a Revolução Francesa promove uma ruptura, afirmando a individualidade.

3.2. A Ordem e o Conservadorismo: Joseph De Maistre

*Foi necessário que eu completasse CONDORCET com **DE MAISTRE**, de quem assimilei, logo no começo de minha carreira, todos os princípios essenciais, que não são mais agora apreciados senão na escola positiva. (COMTE, 1988:67)*

Em geral, as análises dos teóricos da História que se debruçaram sobre o pensamento comtiano privilegiaram os aspectos referentes às leis de evolução da sociedade representadas pela leis dos três estados, relacionando-as à idéia de evolução que ganhou força na segunda metade do século XIX. Contudo, é importante perceber como as

estruturas fundamentais – estática social – que são identificadas por Auguste COMTE na sociedade se relacionaram com o pensamento conservador gestado, principalmente, depois do processo revolucionário, quando “o pensamento liberal-intelectualista obrigou os conservadores a interpretar-se a si mesmos por meio de intelectuais” (MANNHEIM, 1952:216).

A principal fonte da noção de estática social de COMTE foi Joseph DE MAISTRE, utilizado como fonte para a apreciação do valor do passado, juntamente com CONDORCET.

Joseph DE MAISTRE (1753-1821) foi um pensador francês, nascido em Chambéry, na Savóia. Durante toda a sua carreira, postou-se contra o Iluminismo e a Revolução Francesa, atacando a idéia de benevolência, de bondade e de progresso. Devido a esta postura, foi compreendido como contrário aos procedimentos do pensamento racional, contrapondo-se aos filósofos do “esclarecimento”. As principais obras de DE MAISTRE foram *Etude sur la souveraineté, Du Pape* (1817), *Considérations sur la France* (1797), *Les soirées de Saint-Petersburg* (1821, *post-mortem*).

O pensamento de DE MAISTRE posicionou-se contra os filósofos revolucionários, negando a possibilidade de se conhecer a natureza em sua totalidade. Para ele, todas as espécies possuem uma natureza própria, somando-se com a consideração de que o homem possui idéias inatas, na mesma medida que os animais possuem seus instintos. Por

esse motivo, o homem não pode conhecer a natureza em sua essência⁷⁸, assim como os animais não possuem capacidade para conhecer os humanos. A humanidade também não é dada a conhecer as idéias de Deus e os seus mistérios; entretanto, Deus pode agir sobre o homem, pois ele é um ser superior; além disso, as causas da ação de Deus são inacessíveis aos homens.

A particularidade do homem em relação aos outros animais é que Deus inspirou a humanidade a ter idéias inatas sobre a noção de universal (*sic*) e noção de unidade. A realização destas idéias inatas está na tendência do homem em reunir-se em sociedade, que representa antes de tudo a unidade de uma pluralidade de indivíduos. A unidade manifestou-se durante a história através do religioso e do político, entretanto existe a supremacia do religioso sobre o político na resolução das questões sobre a sociedade, visto que o religioso está mais diretamente relacionado com o divino e a religião. Presente na parte estática da Doutrina Positivista, esta visão foi fonte inspiradora da noção de unidade de Augusto COMTE. No plano político, sua produção intelectual teve o intento de pronunciar (especialmente em *Du Pape*) a infalibilidade do poder papal e a legitimação do poder político por ele sancionado: a monarquia.

A transformação ocorrida durante a Revolução não criou, no pensamento de COMTE, uma imagem vinculada à participação ativa da Assembléia Constituinte, às reformas religiosas pagãs da Convenção ou à

⁷⁸ O que é chamado de causas pelos Iluministas.

força ditatorial de Danton; o que permaneceu para COMTE foi uma agitação política, quase incontrolável, que se baseava apenas no ímpeto de destruir o passado. Esta imagem calcou-se na consideração de que os revolucionários não poderiam ter negado a existência de uma estrutura social subjacente com leis próprias, a qual seria muito mais importante do que influências de políticos talentosos ou de decisões levadas pela irracionalidade em assembleias deliberativas. Para o conservadorismo, o "Iluminismo era vaporoso e sem um caráter concreto" (MANNHEIM, 1952:213). Para COMTE, o Iluminismo decretava a "morte" do passado, sem considerar as contribuições dos estágios anteriores, como as questões da autoridade, da ordem e a necessidade de consenso social. Enquanto o Iluminismo considerava que a grande tradição era, exatamente, a liberdade política ateniense e não a idéia de COMTE que vincula a essencial autoridade à figura cesariana.

COMTE, valendo-se de tais noções, professou que a ordem social era necessária para se chegar à unidade. Para que a idéia inata de unidade se consolidasse, a necessidade da autoridade política era inquestionável; para tanto seria necessária uma ditadura temporal.

...exigiria que a ditadura temporal tomasse uma nova energia no centro ocidental, até a chegada decisiva da religião final.⁷⁹ (COMTE, 1883a:602)

Esta visão de COMTE teve muita receptividade nos círculos intelectuais reacionários, pois nesse pensamento a autoridade absoluta

⁷⁹ "... exigeait que la dictature temporelle reprît une nouvelle énergie dans le centre occidental, jusqu'à l'avènement décisif de la religion finale."

era justificável e necessariamente hierárquica, pois compreendiam que só uma nova revolução sangrenta e autoritária poderia restabelecer a monarquia na França (DE MAISTRE, 1955:195)

Alem disso, como a origem divina (divindade católica) justificaria a infalibilidade para resolver os problemas políticos e sociais, pensamentos que divergissem dessa premissa não teriam consistência e nem sustentariam a ordem necessária para a unidade. Pensadores como ROUSSEAU, que afirmou o contrato social como necessário para convivência do homem em comunidade, ou MONTESQUIEU, que desenvolveu a idéia de que as leis devem ser auto-reguláveis sem a interferência de órgãos superiores ao homem, foram classificados por DE MAISTRE como sem importância, visto que propunham uma independência entre os homens que nunca havia existido. A pluralidade deveria existir em torno de uma unidade, senão ocorreria a desordem⁸⁰, como a que foi provocada pela Revolução de 1789.

Para o pensamento conservador há uma idéia inata de existência de uma ordem normal (MANNHEIM, 1952:213), a partir da qual seria possível manter a soberania política; também era necessária a existência de um executor da sociedade, visto como autoridade inquestionável, figurado no rei absoluto, este que muitas vezes foi odiado, mas que manteve a disciplina e foi responsável pelo estabelecimento da soberania e da ordem como instrumento de Deus, portanto, uma vontade infalível.

O pensamento revolucionário ressaltou que a democracia, a vontade humana, a justiça social, a ciência e o esclarecimento pessoal eram ideais. Todavia, esse pensamento era contra o organismo estatal inspirado pelo todo-poderoso, portanto, o Iluminismo tinha um conteúdo inverso do pensamento conservador maistreano. A prerrogativa conservadora da manutenção da ordem através da monarquia consolidaria a idéia inata de unidade, que o homem jamais alcançaria de forma independente, pois era pecador por natureza e deveria aderir àquilo que Deus inspirou (noção de universal e noção de unidade). Desse modo, MAISTRE aderiu ao absolutismo político e à ortodoxia religiosa para levar o homem à condição idílica da sociedade baseada na unidade.

Para tanto, MAISTRE defendeu que há a necessidade de observação, de acumulação de fatos e de informações da sociedade para se chegar a uma consideração sobre o fenômeno social (TRINDADE, 1994:141). Isto se fundou no valor positivo sempre atribuído ao passado, encarado como criador de valores positivos para o presente. O passado no pensamento conservador era vivenciado no presente, havendo uma união entre do presente com o futuro e passado (MANNHEIM, 1952:219). Sendo assim, pode-se perceber um prelúdio do que considerou COMTE, quanto à função da estática social na Doutrina Positivista.

A defesa da ciência de Auguste COMTE fundamentou-se na compreensão de que a Humanidade poderia entender o mundo, nesta perspectiva a sociologia serviria como forma dela compreender-se como

⁸⁰ Este é o sentido da História para Saint-Simon que pensava história

parte dele. A vontade humana e individual não é determinante, pois a existência possui uma ordem própria que necessita ser resgatada, essa percepção não considerou apenas a razão para planejar, se não o passado como meio de planejar. Do mesmo modo que o pensamento conservador, COMTE considerou o pensamento racional de VOLTAIRE E ROUSSEAU como detratores e provocadores de desordem, por isso classificou-os pejorativamente, afirmando que não tinham um projeto para reorganizar a sociedade:

julgavam poder derrubar o altar conservando o trono, ou vice-versa, estão irrevogavelmente decaídos, depois de terem dominado, segundo destino normal que lhes cabia, as duas gerações que prepararam e que levaram a termo a explosão revolucionária. (COMTE, 1988:67)

Estes dois expoentes do Iluminismo, ROUSSEAU e VOLTAIRE, não foram capazes de elaborar um projeto de sociedade, pois não haviam planejado o futuro, daí a inclinação de COMTE pelo pensamento conservador do século XIX, o que não significou puramente um retorno ao passado.

Sendo assim, restou para COMTE a reafirmação de valores e instituições do passado que havia conseguido ordenar a relação entre a política coletiva e o subjetivo humano. No entanto, os modelos de religião se distanciam entre COMTE e DE MAISTRE. Joseph DE MAISTRE defendeu a religião católica, enquanto COMTE estabeleceu a Religião de Humanidade com tendências cientificistas, o que não foi uma exceção, os saint-

em termos de ordem e de desordem, assim a sociedade avançaria. Cf. Saint-Simon. Essai sur l'organisation social. Pp.35.

simonianos fundaram uma religião dessa natureza, a partir de duas obras escritas por SAINT-SIMON: o *Catéchisme des Industriels* (1823-4) e *Le Nouveau Christianisme* (1825, poucas semanas após a sua morte).

A aspiração pela regeneração social positivista, que foi devida à identificação de uma anarquia intelectual, presente no sistema comtiano, do ponto de vista de GRUBER (1892:V), significava que a filosofia positiva configurou-se como um esforço de reformar o mundo que estava demasiadamente conturbado. Essa filosofia não tinha apenas um projeto da ordem de especulação, mas também demonstrava em ordem prática de ação sócio-política.

A aplicação da filosofia positiva, nesta medida, configurava o princípio do sistema social proposto por COMTE que tinha na ciência a base para a pacificação, a regeneração e a renovação social. Esse papel dado à ciência não consistia na busca de causas, fins e essências, mas a pesquisa da leis. Pode-se relacionar tal aspecto com o pensamento maistreano, no que tange à impossibilidade do homem compreender as causas íntimas do universo, pois Deus é que dirige a ação humana, além do que, o homem tendeu a projetar um mundo futuro com impossibilidade de aplicação e estruturação; enfim, sem conseguir ordem que provesse a unidade humana (MAISTRE, 1955:199). Sobre este aspecto, COMTE considerou que a filosofia positiva forneceu elementos para se verificar a marcha da humanidade através da história, concatenada através de leis pelas quais o homem esteve influenciado,

mas sem a definição delas, o que é muito diferente do que encontrar as causas e as razões de tais leis.

A questão da busca das leis científicas relacionou-se para COMTE com a forma prática de alcançar o melhor modo de reorganizar a ordem social, visto que, a sociedade conseguiria manter a sua necessária evolução, que afinal também foi formulada como uma lei natural invariável. O filósofo, porém, distanciou-se de Joseph DE MAISTRE quando pensou que a lei natural, e invariável, da evolução social excluía toda intervenção das vontades superiores. COMTE transmutou a idéia de DE MAISTRE (1955:127) em que Deus é o grande inspirador e provocador da unidade do homem, a tal ponto que superou todos o prognósticos da razão para afirmar que a evolução social é inevitável. Desse modo, COMTE estabeleceu a idéia de humanidade como algo a ser visto sem essência ou causa definidas, mas uma consideração foi peremptória: existem leis inquestionáveis no seio da humanidade, e essas leis, quando descobertas, devem ser elevadas a mecanismo de manutenção da ordem e de evolução (com o aprimoramento).

A Igreja Católica representou para DE MAISTRE a instituição que sancionou o regime de ordem da sociedade sob uma autoridade despótica legítima. Essa instituição possuiu, para COMTE, o mérito incomparável de ter constituído o cristianismo, sendo em dado momento da história grande responsável pela evolução social (última fase da etapa teológica: o monoteísmo), que proveu a terceira transição da Humanidade, que foi a moral. Entretanto, representava a etapa teológica que estava superada,

era passado, tendo em vista a forma como o mundo era exposto e interpretado pela Igreja Católica. Mas a autoridade espiritual, fundamentada por essa instituição, não poderia ser extinta, pois era indispensável para a viabilização da ordem social. Assim, para começar a era positiva, a filosofia positiva deveria basear-se em um novo poder espiritual. Por esse motivo, que Auguste COMTE fundamentou uma nova igreja : a Igreja Positivista.

No texto *Considérations sur la France* (1797), Joseph DE MAISTRE guiou-se por discurso doutrinário e raivoso acerca da tendência anti-religiosa da Revolução Francesa:

Há na Revolução francesa um caráter satânico que a distingue de tudo o que se tem visto e quiçá quanto se verá. (DE MAISTRE, 1955:123)

Este escrito revela a cruzada cristã levantada pelos pensadores conservadores contra o paganismo emergente dos revolucionários. Quando a antigüidade foi elevada a exemplo político, a raiz do pensamento antigo começou a penetrar na sociedade interferindo nas relações nas relações do Estado com a Igreja Católica. Pelo fato do paganismo não apresentar uma doutrina filosófica una, ao propor alternativas de escolhas intelectuais (GAY, 1995:224), desestruturou-se o princípio da doutrina cristã que se baseia em dogmas divinos para justificar preceitos que dão coerência para os escritos religiosos cristãos. Sendo assim, a ordem religiosa, e portanto social, estaria abalada pelo paganismo durante a Revolução. O principal alvo de detração foi Robespierre.

Recordemos as grandes sessões, o discurso de Robespierre contra o sacerdócio, a apostasia solene dos sacerdotes, a profanação dos objetos de culto, a fundação da deusa da Razão... (DE MAISTRE, 1955:123)

Foi arquitetada, assim, a contraposição do pensamento racional às instituições verdadeiramente divinas. Para DE MAISTRE, a apostasia ao cristianismo dessacralizava as instituições políticas e tornava as instituições fracas e efêmeras, em virtude da falta de unidade provocada pela filosofia, incapaz que lidar com quaisquer superstições. Por esse motivo, as instituições são fortes e duradouras quando divinizadas (DE MAISTRE, 1955:150)

O modelo constitucional da Grécia foi condenado por DE MAISTRE, pois entendia que as leis escritas não teriam força suficiente para que a sociedade pudesse manter-se em ordem:

... a multiplicidade de leis constitucionais escritas só prova a multiplicidade de conflitos e o perigo de uma destruição, porque a constituição mais vigorosa da antigüidade pagã foi a de Lacedemonia, em que ninguém escreveu nada. (MAISTRE, 1955:137)

Assim, denunciou o exemplo da antigüidade adotado pelos revolucionários no que tange à constitucionalidade, destacando o exemplo grego espartano, que se associou, em seu olhar, a um viés platônico de condenação às leis escritas. A miragem de um ideal calcou-se na força política de sua durabilidade. Apesar de ter condenado a postura religiosa de Robespierre, aderiu ao mesmo modelo de poder espartano que este adotava, reafirmado o valor positivo de disciplina em que a liberdade prudente e duradoura são, associado à Esparta de

Licurgo. Inaugurou-se, assim, o reacionarismo moderno que se alargou até a Alemanha Nazista, a partir de elogios divergentes dos revolucionários filiados ao paganismo, do seguinte modo:

O momento mais brilhante do gregos foi a época terrível da guerra do Peloponeso; o século de Augusto seguiu imediatamente da guerra civil e as proscições (DE MAISTRE, 1955:102)

Abandonou a visão filosófica da Grécia a fim de adotar os valores de autoridade mais comumente encontrados entre os romanos, especialmente em César. DE MAISTRE contrapôs-se principalmente a CONDORCET, pois entendia que este havia ressaltado apenas os sonhos filosóficos gregos (DE MAISTRE, 1955:103), agora o pensamento sobre a Grécia deveria se direcionar para os sacrifícios que a humanidade deveria passar para adquirir o direito de existência; para tanto, utilizou-se da tragédia grega *Orestes* de Eurípedes:

A beleza de Helena – disse Apolo – não foi mais do que um instrumento de que os deuses se serviram para enfrentar os gregos e troianos e fazer correr o sangue a fim de conter na terra a iniquidade dos homens, demasiado numerosa. (DE MAISTRE, 1955:103)

No pensamento de DE MAISTRE, a tragédia grega justificava o poder de autoridade ilimitada que os reis absolutistas detinham. Baseado na *República* (livro II) de Platão, julgou que o costume dos sacrifícios era proveitoso tanto para os vivos como para os mortos, assim, se Deus aceitasse tais sacrifícios, os males que ameaçavam a pátria poderiam desaparecer (DE MAISTRE, 1955:104).

Assim, o tom religioso de DE MAISTRE se estabeleceu sobre contra-exemplos à Revolução, ressaltando o embate entre o cristianismo e a filosofia revolucionária. No seu trabalho, DE MAISTRE condenou a falta absoluta de originalidade das novas instituições como valor negativo (DE MAISTRE, 1955:130), parecendo que realizava uma redescoberta, entretanto, o valor atribuído ao passado pela vertente cristã possui um valor positivo. Esta lógica justifica-se, pois imagina que o presente é a realização do verdadeiro passado, e não compreende como um passado não imediato pode ser retomado como modelo político, tal como fizeram os revolucionários com relação ao mundo antigo. Desse modo, ao reler o modelo de Esparta e reler o trágico, De Maistre utiliza-se das referências antigas para fustigar sua proeminência no cenário moderno, junto aos iluministas e revolucionários.

Com estas informações e valorações da História, DE MAISTRE forneceu a COMTE os paradigmas conservadores com que estruturar uma visão da história apta a preservar modelos e, desse modo, produzir a unidade histórica da civilização.

4. O CLÁSSICO EM AUGUSTE COMTE

A historização do passado de Auguste COMTE teve o objetivo de esclarecer a destinação histórica do Estado Positivo, para tanto formulou uma visão da História em que a humanidade havia passado por diversas etapas de aperfeiçoamento da abstração. Nesta perspectiva, COMTE traçou um encadeamento entre as etapas teológica, metafísica e positiva, dentro das quais foram apresentadas suas variações⁸¹, remontando às origens do passado Europeu, a partir de uma lógica ordenada. Isso sistematizou o desenvolvimento histórico, devido as leis de evolução e às instituições sociais permanentes.

O clássico no pensamento comtiano estava inserido dentro da etapa teológica, existindo uma distinção entre a Grécia e Roma quanto ao papel cumprido na evolução social. O passado greco-romano colocava-se de forma destacada dentro da etapa teológica, ora é necessário expô-la.

⁸¹ Ver Anexo VII.

A etapa teológica dividiu-se em dois tipos: fetichismo (mais espontâneo) e o teologismo propriamente dito (mais fictício); a evolução deste criou a distinção entre o politeísmo e o monoteísmo. Assim, foram classificadas as três fases da etapa teológica: fetichismo, politeísmo e monoteísmo. Destas três fases, a politeica foi considerada principal, ainda dividida entre politeísmo conservador ou sacerdotal, que se reportava às civilizações orientais, e politeísmo progressivo ou militar, que se referia à cultura greco-romana. Distinguiu-se ainda politeísmo intelectual, grego, e politeísmo social, romano.

O politeísmo intelectual, relacionado à Grécia, caracterizou-se como a primeira grande transição da História da humanidade para a fase intelectual. A transição para esta fase foi produzida a partir da observação dos fenômenos humanos, levando COMTE a formular a lei dinâmica da evolução intelectual (COMTE, 1883a:28). Já o politeísmo social, que se reportava a Roma, marca o momento em que ocorreu a segunda grande transição da História humana, o que gerou a descoberta da segunda lei dinâmica: a lei das formas de atividade⁸² (COMTE, 1883a:56).

Essas duas relações apresentam a importância fulcral da antigüidade clássica na cadeia de evolução histórica comtiana. Especialmente, por COMTE ter avaliado que a Grécia e Roma foram a vertente pela qual a evolução teve continuidade, o que representa seu caráter de ruptura definitiva (Grécia intelectual e Roma de atividade),

enquanto a fase fetichica e o politeísmo conservador ou sacerdotal não tiveram continuidade na evolução histórica.

O monoteísmo, representado pela civilização católica-feudal, teve a mesma importância que o politeísmo intelectual e social, pois foi nele que a humanidade passou pela terceira transição: a afetiva.

4.1. A visão sobre a Grécia: *L'intelligence au-dessus de tout*

À Grécia foi atribuída uma imagem de "brilho imortal", no Catecismo Positivista (COMTE, 1988:251), onde é relacionada diretamente com a inteligência, pois foi nesse período que as ciências receberam o impulso fundamental: a sua separação, o mesmo tipo de consideração feita por CONDORCET (1822:47) e que já tinha sido pensada pelos Enciclopedistas, principalmente DIDEROT (GAY, 1995:183).

...através dessa separação que se realizaram todos os progressos ulteriores do espírito humano. As ciências, inteiramente isoladas, puderam desde então estender-se, subdividir-se, aperfeiçoar-se, tornado-se, pouco a pouco, positivas, de metafísicas que eram no começo desse período... (COMTE: 1972:168)

Desta maneira, a Grécia teve o papel fundamental de colaborar para o aprimoramento teórico da humanidade, e COMTE a colocou na importante posição de ter realizado a transição intelectual necessária para o estado positivo.

⁸² Estas duas leis possuem definição mais precisas no subcapítulo 2.2. Estática e Dinâmica da História.

A contrapartida do exemplo de inteligência grega, representada pela Grécia, foi a supremacia dada à especulação em relação à ação, isto determinou que:

O conjunto da história grega apresenta o doloroso espetáculo de uma nação sacrificada ao desenvolvimento decisivo do gênio especulativo em quaisquer órgãos privilegiados.⁸³ (COMTE, 1883a:270)

Esta especulação foi, ao mesmo tempo, decisiva para o desenvolvimento intelectual e determinante para sua derrocada; o princípio deste processo encontra-se na incompatibilidade das ciências e da filosofia com o sistema teológico, ocorrendo, assim, falta de aproximação da teologia com o físico, isto

...não tardou a revestir um caráter político e a pronunciar-se [...] como hostilidade fundamental entre o poder espiritual e a classe científica, primitivamente constituída fora do sistema social. (COMTE, 1972:169)

Esta consideração acabou por determinar o afastamento do poder espiritual da classe dos cientistas, criando um vácuo entre a relação dos cientistas com a humanidade; esta consideração é negativa em relação aos gregos, pois, segundo COMTE (1972:77), os cientistas e sábios teriam a função de aprimorar a sociedade⁸⁴, pois estes teriam plenas condições de estruturá-la, de modo que os homens e o mundo exterior teriam equilíbrio de acordo com as necessidades afetivas e com as leis naturais que regiam o mundo; porém, na Grécia foi inviável o

⁸³ "L'ensemble de l'histoire grecque présente le douloureux spectacle d'une nation sacrifiée au développement décisif du génie spéculatif chez quelques organes privilégiés."

⁸⁴ Esta é a mesma ótica de Saint-Simon.

desenvolvimento do poder político continuado, pois, julgou COMTE, o poder temporal não acompanhou o filosófico-científico. Esta avaliação é consistente face à predileção do pensamento político da época por um modelo republicano de inspiração romana, em franco desprezo à experiência da democracia grega. Preocupava a COMTE especialmente a transitoriedade das cidades gregas.

Essa questão apresenta contornos dúbios em COMTE, pois embora compartilhe da visão de PLATÃO sobre uma sociedade guiada por sábios, condena claramente este filósofo grego em sua obra, quando entendeu que este dificultava a separação das ciências e da filosofia e, por sua vez, dificultava o aprimoramento da Humanidade:

Platão proibia a entrada, em sua escola, a todos os estranhos à geometria, a única ciência que possuía, então, caráter pronunciado. Durante cerca de um século, seus discípulo tiveram grande papel no aperfeiçoamento deste ramo de nossos conhecimentos. Mas imperiosa necessidade manifestou logo plenamente a impossibilidade de conciliar tal ordem de pesquisas como os trabalhos filosóficos, que esta seita considerava justamente os mais importantes... (COMTE, 1972:169)

Assim, PLATÃO agia de forma imprópria ao desenvolvimento grego, a saber, a separação das ciências, de duas formas: a primeira porque impedia a emancipação da geometria, travando seu desenvolvimento próprio; a segunda, em virtude do privilégio dado à filosofia; como na Grécia, a filosofia estava dissociada do poder espiritual, a constituição da unidade social se afastava cada vez mais, assim, a

estrutura estática religiosa da Grécia ficou em segundo plano, devido ao seu progresso intelectual exemplar, sua dinâmica social.

A condenação de PLATÃO adquire outra faceta, na medida em que o filósofo grego compreendia que a autoridade, consolidada pela obediência (disciplina), deveria ser guiada unicamente através da persuasão (ARENDR, 1992:129), a partir de uma “extraordinária proeminência da palavra sobre todos os outros instrumentos de poder” (VERNANT, 1996:34), não aparecendo qualquer dependência de formas exteriores de autoridade. Para COMTE (1995:283), o envolvimento exclusivo da palavra, através da persuasão, não passa de lutas de retóricos e sofistas, inteiramente teatrais, inviabilizando a existência de uma sociedade que fosse controlada pelos ditames científicos⁸⁵.

Para sustentar a argumentação sobre a transição intelectual representada pelos helenos, COMTE negou filiações da ciência antiga com a formulação platônica, que julgava ser:

...pouco a pouco e para sempre, perfeitamente estranha ao movimento científico. Arquimedes, Apolônio, e Hiparco, os três Grandes matemáticos da antigüidade, não eram certamente adeptos de Platão (COMTE, 1972:169)

Apesar das discordância de COMTE em relação a PLATÃO, a este foi dedicado um dia do Calendário positivista, no mês consagrado a ARISTÓTELES, dedicado à Filosofia Antiga, reafirmando a vinculação histórica dos grandes pensadores da História humana.

⁸⁵ De retórico e sofistas também foi chamado ROUSSEAU, sobretudo pela afirmação da ineficácia de suas propostas (COMTE, 1895:403).

Peter GAY (1995:62) apontou PLATÃO como representante do classicismo, tendo se tornado o símbolo do misticismo religioso entre os filósofos do Iluminismo, especialmente devido ao prestígio do neoplatonismo tardo-antigo desde a Renascença. A apreciação deste filósofo tinha um caráter negativo entre os divulgadores do paganismo, pois o classicismo significa valores instituídos vinculados à boa educação nobre.

Para COMTE, a evolução grega passou por três fases de emancipação: a primeira foi a estética, nesta HOMERO foi o inaugurador; a segunda deu-se na filosofia, partindo de TALES e PITÁGORAS e chegando até ARISTÓTELES, como maior representante; e a terceira foi a ciência real representada por ARQUIMEDES (o principal), APOLÔNIO de Rodes e HIPARCO. (COMTE, 1988:251)

A HOMERO, ARISTÓTELES e ARQUIMEDES foram consagrados no Calendário Positivista, respectivamente, o segundo mês, dedicado à poesia antiga, o terceiro, à filosofia antiga, e o quarto, à ciência antiga⁸⁶. A propósito do calendário, cabe notar o destaque dado aos grandes homens, centrais na doutrina positivista, como expressões da inteligência de época e líderes históricos. Este reconhecimento do relevo histórico do grande homem permite que se destaquem vultos importantes mesmo em épocas de desenvolvimento incompleto. Isto indicia algo mais da visão de história de COMTE, que em sua visão etapista inscreve os grandes

⁸⁶ Ver Anexo VIII.

homens⁸⁷ da história grega como responsáveis por um aperfeiçoamento teórico que, continuado na tradição intelectual moderna, contribuiu para a fundamentação do Estado Positivo.

Em relação aos dois poemas de HOMERO, COMTE (1957:133), indicou-os como possuidores de uma missão com dignidade inigualáveis, pois fornecem ao "presente os mais sensatos conselhos e formulam os melhores pressentimentos de futuro"⁸⁸. Esta obra tornou-se exemplar da inteligência grega, pois foi a base da educação do homem grego, atuando, portanto, como fonte de coesão social, o que também foi admirado por CONDORCET (1822:59). COMTE identifica ainda duas outras características positivas particularmente importantes na HOMERO: a sua inclinação para a atividade pacífica, por ordenar a sociedade, e a proclamação da fraternidade geral, pela preocupação com o altruísmo (COMTE, 1957:133). Estas duas considerações apresentam duas características que conformam a Doutrina Positivista: a busca de ordem e o altruísmo. Não se pode deixar de notar a singularidade desta apreciação, domesticando a imagem daquele que foi o grande cantor de uma aristocracia guerreira, núncio de ideais altamente competitivos (agônicos), os quais se reproduziram por séculos na educação grega.

TALES, por ter eternizado a abstração geométrica, e Pitágoras por sua meta de regeneração social, fizeram avançar a filosofia grega e provocaram a elaboração prematura da transição monotéica (COMTE,

⁸⁷ Comte se refere a Arquimedes, em nota de rodapé, exatamente por "grande homem" no seu texto: "Considerações filosóficas sobre as ciência e cientistas" (COMTE, 1972:168)

1957:141). ARISTÓTELES foi compreendido por COMTE como detentor do espírito enciclopédico antecessor de DIDEROT (COMTE, 1883a:583), sendo por isso considerado um dos precursores diretos da sociologia, avançando no aprofundamento do aspecto dinâmico da sociedade, por incentivar a cooperação entre os indivíduos. Além disso, destacou-se como fundador da sociologia estática por ter-se preocupado em desenvolver racionalmente o que COMTE chamou de “estudos mentais”⁸⁹, temática que se insere na parte estática da História, pois é um componente permanente entre os homens. A fundação da estática social tem a sua importância por compor a filosofia positiva; assim, as formulações filosóficas de ARISTÓTELES seriam aproveitadas na Doutrina Positivista no sentido de apoiar a regeneração Ocidental, que é a destinação da Doutrina.

À ciência grega foi atribuída a origem da moderna, o exemplo mais marcante relaciona-se com a consideração da filiação que KEPLER e COPÉRNICO devem a HIPARCO no campo dos estudos astronômicos. Esta ciência, que foi a primeira a se tornar positiva entre todas, teve como principal expoente HIPARCO, apresentando superioridade dedutiva em relação aos modernos, que, por sua vez, possuíam proeminência indutiva. HIPARCO determinou o fim de todo teologismo na Astronomia, passando definitivamente a ciência astronômica para o estado positivo, pois o grego foi um dos cientistas que executou a elaboração total da inteligência (COMTE, 1957:139).

⁸⁸ “...présent les plus sages conseils et formulant les meilleurs pressentiments de l’avenir.” (COMTE, 1957:33)

Entretanto, sempre segundo COMTE, as formulações filosóficas gregas serviram para o desenvolvimento intelectual, deixando de lado o aperfeiçoamento da ordem social.

Porque, colocando a inteligência acima de tudo, este povo sofreu uma degradação sem exemplo, que até aqui não foi reparada; porque a falta de ordem foi nela compensada somente por um progresso ao qual sua massa não pôde jamais participar a não ser passivamente.⁹⁰ (COMTE, 1883a:270)

Dessa maneira, na Grécia o intelecto foi colocado como acima de tudo, o que na Doutrina Positivista representava o progresso, mas não favoreceria a ordem, que era o caminho para manter do consenso social, através da política.

Todavia, existiram recorrências da evolução grega:

As concepções humanas manifestam então sua grande característica de unidade de método e de homogeneidade de doutrina, que é o estado normal de nossa inteligência, e que jamais se igualará depois e não poderá ser enquanto a filosofia positiva não exercer, mas de uma maneira universal, a supremacia exercida pela filosofia teológica em seus melhores dias.⁹¹ (COMTE, 1895:337)

A consideração de COMTE acerca da unidade de método e doutrina foi resultado do estado normal de inteligência, a que os gregos

⁸⁹ COMTE se refere ao clássico *De Anima*, obra aristotélica que tradicionalmente é conhecido por apresentar "estudos psicológicos".

⁹⁰ "Car, en plaçant l'intelligence au-dessus, de tout, ce peuple subit une dégradation sans exemple, qui n'est point réparée jusqu'ici; parce que défaut d'ordre n'y fut compensé que par un progrès auquel sa masse ne put jamais participer que passivement."

⁹¹ Les conceptions humaines ont manifesté alors ce grand caractère d'unité de méthode et d'homogénéité de doctrine, que est l'état normal de notre intelligence, et que n'a jamais été égalé depuis et ne pourra l'être tant que la philosophie positive n'exercera pas,

já haviam chegado, mas não foi suficiente para atingir a filosofia positiva. Para tal seria necessário estender o avanço de forma universal, que nas palavras de COMTE (acima), dependem da forma de inter-relação dos poderes temporal e espiritual.

Contudo, a Grécia, embora tenha realizado a separação das ciências, tomou um caminho impróprio: depois de separadas as ciências e a filosofia, esta última deveria ter tendido "livremente para a reunião das diversas escolas em um teísmo comum" (COMTE, 1972:168), depois disso estaria pronta estabelecer-se um poder temporal, o que daria margem para uma nova organização social. Entretanto, isto não ocorreu devido a incompatibilidade entre a filosofia e a teologia, além da precariedade do sistema político, inconstante por natureza. Neste ponto, há clara aproximação com DE MAISTRE.

COMTE entendeu que a filosofia teológica

... era, em seus primeiros tempos, e foi mesmo até o presente, a única em condições de dirigir a sociedade. Por conseguinte, enquanto o poder temporal não foi mais do que uma derivação do espiritual, e enquanto mesmo, as teorias físicas e as doutrinas sociais não se separaram completamente, as primeiras não teriam podido sair do estado teológico sem destruir as bases da sociedade. (COMTE, 1972:165)

Portanto, a Grécia foi determinante para que a humanidade evoluísse do Estado Teológico, muito embora cronologicamente ela tenha aparecido antes do término deste dito Estado. Na Doutrina comtiana, o

mais d'une manière plus universelle, la suprématie exercée pour philosophie théologique en ses meilleurs jours.

passado é reafirmado como remanescente e atuante no presente, como expressão da doutrina da vinculação histórica, típica do pensamento conservador. Isto se evidencia especialmente quando é demonstrada a vinculação histórica do positivismo com a filosofia teológica, que reafirma a supremacia do poder espiritual sobre o temporal, na circunstância em que COMTE tentou reinstaurar uma religião de caráter universalista, de acordo com o preceito da noção de universal, defendido por DE MAISTRE, para consolidar o poder espiritual.

A proposta universalista de COMTE deparou-se com o problema de que grande parte da população mundial não se encontrava nem próximo do estado positivo. COMTE não entendia que se deveria esperar a evolução normal, tal como havia ocorrido na Europa, mas que se deveria encontrar meios para o aprimoramento teórico de todos, provocando uma aceleração artificial da evolução humana, o que permitiria que se passasse do fetichismo diretamente para o Estado Positivo (COMTE, 1883a:77). Isto permitiria conceber, inclusive, que a partir do politeísmo as possibilidades de superação da fase monoteísta seriam mais viáveis:

A passagem imediata do politeísmo ao positivismo se realizará freqüentemente na evolução pessoal, mesmo espontânea, quando a educação ocidental será dignamente reorganizada.⁹² (COMTE, 1883a:77)

Desse modo, os politeístas tinham condições de se tornarem positivos individualmente, mas haveria a necessidade de se impulsionar o coletivo a partir de programas educacionais. Esta concepção origina-se

na pressuposto comtiano de que uma das características essenciais do politeísmo era sua erudição (COMTE, 1883a:73), o que está ligado àquilo que foi chamado de classicismo, uma percepção do clássico que o compreendia “como um fenômeno positivo e não negativo” (ROBERTSON, 1968:20). Nesta apreciação, atribuíam-se valores de magnitude intelectual e de ideal estético ao clássico Greco-romano, tentando resgatar a origem do pensamento Ocidental. Esta concepção não foi abandonada, especialmente quando se percebe a determinação em apontar o crescimento intelectual entre os gregos.

Quando Auguste COMTE compreendeu que, a partir da teoria positiva, a religião possuía duas funções essenciais, a de reger e a de unificar para gerar a *unidade*, estava baseado na idéia de que a religião era constituída por duas influências espontâneas, uma essencialmente intelectual e a outra puramente moral. Ao ponto que, se houvesse uma influência muito pronunciada da influência intelectual ou da moral, não seria possível manter a unidade. Tendo tal concepção como pressuposto, compreendeu que na Grécia havia certa falta do sentido social agregador da religião e uma ênfase na área intelectual, o que não favorecia o consenso social. Paradoxalmente, a Grécia foi condenada por fazer o que também a distinguiu, ou seja, especulações em busca das causas de todas as manifestações da natureza. Neste aspecto, conta-se o fato de que a religião politeísta manifestava-se na tendência a executar ações terrenas, identificando as manifestações humanas com as do

⁹² “Le passage immédiat du polythéisme au positivisme se réalisera fréquemment dans l’évolution personnelle, même spontanée, quand

sobrenatural. A função da crença política era a busca de ajuda entre os deuses para propiciar a ordem humana. Portanto, os gregos agiam pela busca de causas que justificassem a existência divina entre os homens, completamente ao contrário do que propunha a crença da religião positivistas.

Considerando que as etapas deviam ser superadas para que a etapa positiva se consolidasse, COMTE atribuiu à Grécia o sentido de uma renovação intelectual, todavia com fortes tendências para a falta de unidade social e, distinguindo-se da experiência romana, com uma séria deficiência em relação à disciplina. Faltava ao gregos o desenvolvimento das formas de atividade, tal como prescritas nas leis dinâmicas, anteriormente descritas, o que os sentenciou a não ter passado pela segunda transição necessária da humanidade. O termo prático para designar o sucesso da segunda transição era possuir um sistema de conquistas, tal qual o romanos. Na Grécia, o exemplo mais positivo encontrado por COMTE foi o dos Lacedemônios, principalmente a figura de Licurgo, pela autoridade guerreira que representa.

Um legislador, mais respeitável que eminente, tentara fundar uma aristocracia guerreira sobre bases muito artificiais, na falta de ter sentido suficientemente a incompatibilidade da situação grega com qualquer sistema de conquistas.⁹³ (COMTE, 1957:131)

l'éducation occidentale sera dignement réorganisée."

⁹³ "Un législateur, plus respectable qu'éminent, avait tenté de fonder une aristocratie guerrière sur des bases trop factices, faute d'avoir assez senti l'incompatibilité de la situation grecque avec aucun système de conquêtes."

Mesmo a sociedade espartana, calcada na guerra e nas conquistas guerreiras, não foi suficiente para determinar a um sistema de conquistas sólido, pois não se consolidou entre os espartanos uma autoridade com força suficiente que decretasse sua permanência. O valor de autoridade atribuído a Esparta apareceu no pensamento de ROUSSEAU, aquele mesmo que havia sido condenado pela falta de propostas e que defendia Esparta pelo caráter de República “inquebrável”, ressaltando o valor da autoridade e firmeza que faria levar adiante uma transformação social abrupta (VIDAL-NAQUET, 1993:197). A diferença entre ROUSSEAU e COMTE encontra-se no momento em que o primeiro compreende a cidade como modelo reproduzível, enquanto o segundo encontra nela a vinculação histórica do avanço da Humanidade.

O debate sobre a constituição de contra-modelos de História contribuiu profundamente para a escolha de modelos políticos adotados ao longo do século XIX. Na historiografia do século XIX, nota-se que os historiadores alemães inclinaram-se para um modelo militar (espartano) e os franceses para um referencial letrado, de tipo ateniense (VIDAL-NAQUET, 1993:186)

Além disso, a Grécia foi evidenciada por COMTE como fonte de manifestação do pensamento anárquico:

a doutrina negativa firma diretamente seu princípio anárquico, proclamando o individualismo absoluto, e por isso mesmo ela atribui a cada um, sem nenhuma condição de competência, a decisão de todas as questões. Então toda autoridade espiritual extingue-se radicalmente. Os vivos insurgem-se completamente contra os mortos; como o

atesta uma cega reprovação do conjunto da Idade Média, mal compensada por uma irracional admiração pela Antigüidade. (COMTE, 1988: 257-8)

Como a Doutrina Positivista relaciona-se diretamente com o passado, tentando instituir o futuro a partir das experiências históricas, foi utilizada a imagem do predomínio dos mortos sobre os vivos; o contrário deveria ser rechaçado. Na citação acima, o autor identificou uma *doutrina negativa*, que no bojo da Doutrina Positivista, referia-se aos filósofos metafísicos (iluministas), que inspiravam-se no passado greco-romano (GAY, 1995).

COMTE baseou-se no passado grego para formular sua Doutrina utilizando-se das experiências do que chamou de “politeístas progressivos”, identificando a evolução tipicamente grega. De fato, COMTE não atribuiu aos gregos uma posição unicamente negativa, pois eles foram responsáveis pelo passo essencial da primeira transição necessária, a da Inteligência, colaborando para os avanços da humanidade.

4.2. A visão sobre Roma: *L'activité guerrière*

Uma das inquirições formuladas pela mulher ao sacerdote positivista, no Catecismo, continha a seguinte assertiva:

Quanto à preparação romana, sempre achei-a, meu pai, muito mais bem apreciável, em virtude do caráter homogêneo e saliente que distingue essa admirável ascensão gradativa

para um o domínio universal. (COMTE, 1988:252)

Aqui, Roma adquiriu um valor muito mais *apreciável* do que a Grécia, pois conseguiu universalizar o seu domínio. Este processo foi historicizado pela resposta do sacerdote, encontrando duas épocas principais na História romana: a republicana e a imperial.

Quanto à época republicana, compreendeu que a atividade guerreira foi dirigida pela casta senatorial influenciada pelo regime teocrático. Isto acabou gerando instabilidade e falta de ordem, em virtude da insatisfação dos plebeus, tendo fim quando os imperadores se tornaram os representantes do povo contra a tirania dos patrícios (COMTE, 1988:252).

A constante atividade guerreira acarretou a consolidação do extenso domínio territorial romano, que se estabelecia de forma a “não mais absorver a solicitude do povo” (COMTE, 1988:252). Essa atividade passou por três fases decisivas e essenciais:

A incorporação romana deve ser sociologicamente decomposta em três fases essenciais, seguindo no que ela se estende, a princípio, à Itália inteira, depois à Espanha, e enfim à Gália.⁹⁴ (COMTE, 1883a:378)

A incorporação romana foi completada pela conquista da Grécia e a assimilação subsequente da Ásia Menor e do Egito. Dentro do processo de incorporação territorial, destaca-se a conquista da Gália e da Grécia.

A Gália, por ter completado a assimilação do Ocidente propriamente dito e por ter sido o princípio do poder dos imperadores, após as campanhas de CESAR. Quanto à Grécia, COMTE pensa que significou para Roma um complemento indispensável, pela conquista e incorporação dos politeístas progressivos (COMTE, 1883a:379).

Para COMTE, a Grécia, apesar de ter obtido sucesso em atividades essencialmente intelectuais, não o conseguiu em concretizações de um governo temporal, o que conseqüentemente determinou a falta de ordem. Mas depois da incorporação dos politeístas progressivos (gregos) pelos romanos, foi possível existir a propagação uniforme da evolução grega através de um governo que conseguiu manter a unidade e primar por um projeto universalizante. Roma superou a Grécia incorporando seus avanços.

No período romano Imperial, a incorporação intelectual grega consolidou-se e os imperadores foram vistos como mediadores da ordem, ocorrendo seu desenvolvimento em três estágios, na seguinte forma:

a transformação ocidental se reparte naturalmente entre eles [os romanos], caracterizados respectivamente pelo prolongamento da ascensão militar, a conservação efetiva, e a decomposição espontânea.⁹⁵ (COMTE, 1957:392)

⁹⁴ "L'incorporation romaine doit être sociologiquement décomposée en trois phases essentielles, suivant qu'elle s'étende, d'abord à l'Italie entière, puis à Espagne, enfin à le Gaule."

⁹⁵ "...la transformation occidentale se répartit naturellement entre eux, en les caractérisant respectivement par le prolongement de l'ascension militaire, la conservation effective, et la décomposition spontanée".

COMTE apontou, assim, para um movimento duplo, um de progresso militar e outro de ordem, sendo seu fim determinado espontaneamente, em virtude da falta de altruísmo necessário. Somadas as experiências de Grécia e Roma, o mundo clássico cumpriu a função de preparação da Humanidade, tendo passado por duas das transições necessárias: a intelectual e a social.

O século XIV foi visto por COMTE como o princípio da revolução Ocidental em direção ao positivismo, e isto revelou uma tendência ao disciplinamento, vista de forma positiva. Para tanto, foi utilizado como modelo e medida comparativa o exemplo histórico vitorioso dos Romanos:

O Ocidente começava a realizar os pressentimentos demasiado precoces de César e Trajano a respeito de sua tendência a fazer irrevogavelmente prevalecer uma fé positiva e uma atividade pacífica. (COMTE, 1988:261)

A atividade pacífica, a que se refere COMTE, decorre dos valores de ordem e disciplina, especialmente ligados à figura política de CÉSAR, que foi para COMTE a maior expressão entre os romanos. A ele é consagrado o quinto mês do calendário positivista, dedicado à Civilização Militar⁹⁶.

Este destaque dado a CÉSAR não foi uma visão isolada do filósofo positivista, mas antes um valor social que se manifestou na tradição européia sua contemporânea, em que eram ressaltados os ideais de autoridade, ordem e disciplina (AMES, 2000a:7). CÉSAR exerceu um

fascínio muito grande nos séculos XIX e XX, sendo notado na História como um grande homem, possuidor de extraordinárias habilidades políticas e militares (MEIER, 1996:17).

A Antigüidade Clássica jamais deixou de ser estudada através de suas grandes expressões de pensamento, seja como forma de aprendizado das línguas antigas, seja como fonte de reflexões filosóficas ou modelo artístico e literário. A produção intelectual dos antigos manteve-se sempre entre as leituras de eruditos; no entanto, as razões de tais leituras foram se modificando de acordo com os temas mais oportunos em cada momento da História. A busca da resolução de demandas críticas e de problemáticas datadas acabaram por criar espaços de reflexão em que os antigos desempenham, na maior parte das vezes, uma posição de destaque. Isto não se deveu simplesmente a um saudosismo ingênuo, mas sim a um processo de ressignificação da tradição que a Antigüidade permanentemente sofre, pois sempre tem algo a oferecer à modernidade.

Norbert ELIAS, ao lançar seus estudos à procura da sociogênese da modernidade, dirigiu-se à Idade Média, tentando esclarecer quais foram os elementos tradicionais que se conjugaram no absolutismo. Entretanto, o fator determinante para a expansão dos europeus no século XII foi encontrado no passado greco-romano, segundo ELIAS:

Alguns autores falaram de uma "renascença do comércio" nos séculos XI e XII. Se isso significa que instituições da Antigüidade ganharam até certo ponto nova vida, a alegação é por certo

⁹⁶ Ver em Anexo VIII.

correta. Sem a herança da Antigüidade, os problemas que a sociedade enfrentou no curso de seu desenvolvimento certamente não poderiam ter sido superados com sucesso dessa maneira. (ELIAS, 1993:54)

ELIAS fez questão de esclarecer que não se tratava de uma mera apropriação, mas do reaproveitamento dos alicerces que foram consolidados pelos antigos (ELIAS, 1993:54); todavia, em que consistiam esses alicerces? Eram basicamente os valores da sociedade romana em relação a autoridade, militarismo e disciplina.

Esses valores, utilizados para explicar a modernidade encontram-se na política romana, especialmente nas formulações de CÉSAR encontradas no *Bello Gallico*⁹⁷ e no poema épico *Eneida* de VIRGÍLIO (AMES, 2000a:2). Estes dois autores romanos aparecem associados nas palavras de Auguste COMTE:

Virgílio caracterizou a política romana, personificada no incomparável César, no tempo mesmo em que este sistema experimentava, sem que o terno poeta tivesse disso consciência, essa transformação decisiva, primeiro sintoma de seu declínio necessário. (COMTE, 1988:252)

Tais autores sofreram um incremento de leitura nos estabelecimentos de ensino a partir do século XVI na Europa, chegando ao período de maior aceitação no decorrer do século XIX. Esta permanência era forte, pois – nas palavras de AMES – “ainda tinham algo que dizer, algo importante para a formação do homem moderno” (2000a:2)

⁹⁷ Texto escrito por CÉSAR durante a sua estada na Gália, em que explica a forma como conquistou aquela província anexando-a a Roma.

No século XIX, também, é importante notar o avanço do disciplinamento e da racionalidade no que tange às atitudes de controle social, sendo possível perceber a sua profundidade através das reflexões de Michel FOUCAULT em *Vigiar e Punir*, obra na qual o disciplinamento é apresentado como parte essencial da formação do homem moderno, por meio de diversos tipos de instituições que promoveram a construção dos corpos dóceis, cultivados pelas escolas, exército, hospitais, prisões e fábricas (FOUCAULT, 1991:127).

FOUCAULT apontou que houve “durante a época clássica uma descoberta do corpo como alvo de poder”, sujeito a processos de disciplinamento (FOUCAULT, 1991:125); além disso, viu a gênese da disciplina militar entre os romanos:

A era clássica viu nascer a grande estratégia política e militar segundo a qual as nações defrontam suas forças econômicas e demográficas; mas viu nascer também a minuciosa tática militar e política pela qual se exerce nos Estados o controle dos corpos e das forças individuais. (FOUCAULT, 1991:151)

Para MEIER (1996:263), esse desenvolvimento do militarismo estratégico surgido na Antigüidade foi estabelecido por CÉSAR no *Bello Gallico*, depois de sua experiência na conquista da Gália. Pensando na mesma linha, FOUCAULT indicou que se tratava aí da primeira apresentação do que se tornou o ideal militar do século XVIII, vindo a alcançar o seu ápice durante o governo napoleônico:

A referência romana que acompanha esta formação inclui claramente este duplo índice: os cidadãos e os legionários, a lei e a manobra. (FOUCAULT, 1991:152)

Tais assertivas sobre a relação entre a Roma de César e o governo napoleônico aproximaram o mundo civil do militar, denotando uma interdependência no ideal de constituição de Estado e na conformação de sua ordem. Sobre isso, o *De Bello Gallico* de CÉSAR teve muito a oferecer, tratando-se de uma obra de caráter militar evidente, a “pacificação” da Gália. Todavia, não são apresentadas descrições de batalhas ou do heroísmo particular de CÉSAR; a obra apresentou estratégias militares e formas de ação para obter sucesso de modo pragmático e a guerra foi exposta como fruto de trabalho racional, científico e calculado (AMES, 2000b:7). Todos os passos dados por CÉSAR foram apresentados analiticamente, no momento em que a Gália constituiu-se como objeto de estudo, sendo ressaltados o planejamento racional das ações, a disciplina militar e o cálculo estratégico. O resultado desse trabalho foi a “pacificação” da Gália, depois de sua romanização (AMES, 2000a:5).

O significado da imagem de mundo proposta por CÉSAR ecoou na obra de Auguste COMTE, que atribuiu função destacada à autoridade no projeto de instituição da ordem na sociedade positiva. Este destaque dado à disciplina conduz a reflexão para o reconhecimento de uma forma de ordenação política que corresponda ao imperativo de ordem ora encomiado. Neste cenário, seria necessário a implantação de uma ditadura, regime de força em que a autoridade produz a ordem.

Entretanto,

...a nova ditadura deve reconhecer a toda supremacia espiritual, para garantir a liberdade de exposição, e mesmo de discussão, necessária a elaboração teórica...⁹⁸ (COMTE, 1957:186)

A ditadura protegeria o interesse de todos, garantindo a ordem e consolidando o progresso teórico. O elemento da liberdade aliou-se à ditadura, tal como na obra de CÉSAR, onde não existia a incompatibilidade da liberdade com a disciplina rígida (MEIER, 1996:258). Pode-se dizer, assim, que a natureza de liberdade política adotada por COMTE afastou-se da proposta por CONDORCET (1822:47), mas se aproximou novamente ao considerar a liberdade como essencialmente necessária para o progresso, mesmo quando dependente de uma solução de força, através da ditadura.

A problemática acerca da autoridade e da liberdade estava muito em voga desde a primeira metade do século XIX. Foi a partir deste contexto que Hannah ARENDT (1992:127-187) iniciou a discussão a respeito da idéia de autoridade na Europa, tentando identificar a gênese dos autoritarismos do século XX. Não é sem razão que COMTE preocupava-se com este problema que, antes de ser teórico, era um dilema vivenciado com os constantes embates políticos entre liberais e conservadores. Abaladas pela falta de continuidade no poder, ambas correntes deixaram de pensar nas implicações da restrição à liberdade em governos autoritários e a extinção dela em regimes ditatoriais (ARENDR, 1992:133). Os liberais, crentes no progresso, apostavam na

⁹⁸ "...la dictature nouvelle devait renoncer à toute suprématie spirituelle, pour garantir la liberté d'exposition, et même de discussion, nécessaire à l'élaboration théorique..."

inevitabilidade da liberdade, considerando que governos autoritários eram sobrevivências temporárias do passado; os conservadores objetivavam seu fortalecimento no poder, ao sentirem a perda constante de autoridade. Mas que posição é ocupada por Auguste COMTE? Ele adere à ditadura como forma de conservar o poder político e confia no progresso como destinação futura, que congrega em si a liberdade; apresenta-se, deste modo, na fronteira entre o liberalismo e o conservadorismo, mas aposta que a autoridade disciplinadora cesariana é o valor que conduziria à confiança no sistema positivo. Além disso, tem-se que perceber que o próprio elemento religioso da Doutrina seria um elemento de libertação e de coesão social, através do altruísmo, tomando, assim, um caminho diverso dos liberais, que percebiam no movimento político, que envolvia a diversidade de opiniões para seu crescimento, a ação libertária; a religião serviu para pensadores conservadores como o caminho para a unidade social, concepção que teve voz em DE MAISTRE e DU BONALD.

COMTE considerou CÉSAR o principal responsável pela transformação do regime correspondente à evolução das formas de atividade, absolutamente necessário para o Estado Positivo e obtido através da implantação de uma ditadura (COMTE, 1883a:388), que protegeu a população das demandas abusivas da casta senatorial⁹⁹ e que pode consolidar a ordem necessária para a incorporação completa e

⁹⁹ "Quand César, l'un des plus grands hommes dont notre espèce puisse s'honorer, succomba sous l'attaque concertée du fanatisme métaphysique avec la rage aristocratique, ce meurtre, aussi insensé qu'odieux, n'eut d'autres conséquences que d'élever, comme chefs du peuple contre le sénat..." (COMTE, 1895:281)

permanente dos assim chamados politeístas progressivos (os gregos). Isto foi determinante para que ocorresse a segunda transição necessária: a de atividade. Portanto, CESAR cumpriu uma função determinante para a formulação da Doutrina Positivista, onde atua como referência e modelo.

Contudo, essa função de CÉSAR, que tinha um caráter de atividade guerreira, comportava uma destinação provisória, até subordinar-se à via industrial - agregação em torno do trabalho (COMTE, 1957:154), precisamente como deveria ocorrer em um momento imediatamente anterior à implantação da sociedade positivista. Denota-se, nessa medida, a permanência da atividade guerreira como forma de ação política, convertendo-se em uma existência prática associada ao movimento intelectual. Além disso, no momento da evolução à sociedade positiva, o homem já teria passado pela terceira transição, a afetiva, e pela abolição da escravidão.

A condenação da escravidão por parte de COMTE originou-se no exemplo da escravidão antiga, que segundo a lei de evolução das formas de atividade havia demonstrado "...que a escravidão produz individualmente a impossibilidade de melhorar a situação pelo trabalho."¹⁰⁰ (COMTE, 1883a:60). Assim, a situação de escravidão era inadmissível dentro do projeto positivista; este era um estado que deveria ser necessariamente superado para o avanço da sociedade. Este parece ser um caráter universalista na concepção do filósofo, quando se faz a aproximação com o pensamento de CONDORCET sobre a escravidão,

que deveria ser extinguida para diminuir o conflito entre os homens. Além disso, COMTE considerou que a escravidão não configurava um trabalho útil à sociedade, pois não auxiliava para o desenvolvimento da coesão social.

O Calendário Positivista¹⁰¹ dedicou-se à consagração de cientistas, políticos, literatos e santos, sistematizou as personalidades mais representativas da história, representando as sucessivas épocas da cadeia de desenvolvimento da abstração humana. Este calendário iniciou a sua contagem em 1º de Janeiro de 1789, consagrando referências históricas substantivas para o desenvolvimento da humanidade, com grande destaque para figuras notáveis do mundo grego e romano, entre outros. O mito da fundação do tempo histórico adquire aí grande expressão, estabelecendo um nexu perceptível entre passado, presente e futuro.

¹⁰⁰ "...que l'esclavage produit individuellement l'impossibilité d'améliorer la situation autrement que par le travail."

¹⁰¹ Ver Anexo VIII

CONCLUSÃO

Como pudemos perceber, a doutrina de Auguste COMTE dependia diretamente da estruturação de um quadro histórico amplo, em que as épocas históricas fossem apreciadas e valorizadas conforme o tipo de contribuição acrescentada à evolução da humanidade. Neste quadro, o filósofo compreendeu que a experiência das civilizações greco-romanas foi essencial para a produção histórica da sociedade em que viveu. Não se tratava, como com freqüência ocorreu e ocorre para o pensamento Ocidental, de um modelo a ser seguido, mas sim de etapas dotadas de qualidades e limites, significativas como momentos de uma seqüência histórica evolutiva. A meta histórica - representação de um futuro desejável - era a sociedade positiva, uma etapa definitiva (futuro sem futuro) de natureza eterna. Na sua concepção de História, as etapas da sociedade foram encadeadas de modo a ter propiciado o presente e a produzir um futuro necessário, o estado positivo como destinação histórica da humanidade.

Na formação do pensamento de COMTE, pode-se perceber duas vertentes, ambas também implicando em noções e valorações relativas ao clássico greco-romano.

Uma dessas vertentes foi a do pensamento Iluminista, propagadora e incentivadora do movimento revolucionário, representada no pensamento comtiano por CONDORCET, que, afora os erros apontados pelo filósofo, foi primeiro a consolidar um tipo de classificação histórica em que a política tem grande destaque.

Desta vertente, desenvolveu-se a idéia comtiana de progresso, para analisar as realidades sociais históricas. Através do conceito de dinâmica social, a ciência se tornou uma forma de estruturação da sociedade. Isto, em algumas passagens, ressaltou características ateístas do pensamento comtiano, legando cada vez mais valor para o poder temporal da sociedade. Deste modo, ficou excluído o pensamento religioso como forma única de controlar a política. Da perspectiva do pensamento Iluminista, a busca das causas era necessária para fazer a contraposição ao mundo absolutista, que se calcava na arbitrariedade heteronômica como forma de controle. Entretanto, COMTE se afastou do pensamento Iluminista, pois considerava que nele não existiam propostas concretas para organizar a sociedade, o que ficou claro quando os revolucionários não se mantiveram no poder e ocorreu o subsequente retorno das antigas dinastias. A partir deste momento, COMTE deixou a busca de causas e passou a buscar unicamente a identificação das leis sociais, através da observação. Em resumo: a preocupação de

compreender as causas intrínsecas transmutou-se em intenção de compreender as leis naturais que regem a sociedade.

A outra vertente importante para a formação do pensamento de COMTE foi a do pensamento conservador europeu, onde notou-se como principal influência a obra de Joseph DE MAISTRE. Este viu na autoridade despótica a responsabilidade pela unidade, resultando na manutenção da ordem social. A visão de DE MAISTRE era profundamente influenciada pelo pensamento religioso, que estava ligado com a assim chamada etapa metafísica da sociedade, considerada ultrapassada por COMTE. O pensamento conservador desenvolveu-se como reação contra-revolucionária, visando a volta das dinastias despóticas ao poder na Europa; defendia a idéia de que jamais seria possível uma sociedade se organizar sem uma unidade que mantivesse a ordem. Assim, o pensamento conservador teve na religião a forma de justificativa do poder.

A religião, enquanto instituição histórica, era componente daquilo que foi chamado por COMTE de estática social, ou seja, algo permanente na sociedade. Nesta medida, COMTE valorou o aspecto religioso, que era necessário para que a sociedade fosse reorganizada, algo que havia escapado da perspectiva do pensamento Iluminista. Sendo assim, percebeu que deveria ser levado em consideração aquilo que era defendido por Joseph DE MAISTRE: a religião, a ordem, a unidade e o poder espiritual, pois era da religião que a unidade se originava, a qual mantinha a ordem social, consolidando o poder espiritual.

Entretanto, para COMTE as proposições conservadoras deveriam estar isoladas para se tornarem aliadas daquilo que foi defendido pelo pensamento de CONDORCET.

COMTE compreendeu a diversidade intrínseca e mutável da sociedade que se expressava na dinâmica social; contudo, defendeu a idéia de que há princípios permanentes que se mantiveram na ordem social ao longo da história, tornando-se, desse modo, necessário entender as teias de unidade social que permeiam a relação entre os homens.

Recolhendo elementos destas duas vertentes e agregando formulações originais, COMTE desenhou a Doutrina Positivista, baseada na ordem e no progresso. A ordem foi vista como absolutamente necessária para o progresso, e o progresso do pensamento positivo, foi tido como necessário para que ocorresse a evolução social. Desse modo, seria assegurada a permanência da unidade, através do poder espiritual para sustentar a eficácia do temporal. Em seu projeto, o poder espiritual apareceu de forma privilegiada de realização do plano histórico positivista, com a fundação da Religião Positivista, reverenciando o Grande Ser, que se configurava na Humanidade, como forma de manter a unidade através do altruísmo e do amor. Ao lado do poder espiritual, o temporal deveria ser fomentado através do controle da sociedade pelos cientistas, que deveriam organizá-la através das leis sociais descobertas pela ciência. Configurou-se, desse modo, o projeto político a doutrina

positivista com os dois poderes agindo para a reorganização da sociedade.

A Antigüidade Clássica comparece na obra de Augusto COMTE de duas maneiras: primeiramente, no seio de sua Doutrina, classificando os períodos históricos dentro das etapas da evolução da humanidade. Uma segunda presença da Antigüidade Clássica dá-se pela inscrição de COMTE em um contexto histórico, em que diferentes modalidades de leitura e de interpretação do clássico se apresentam, desde a renascença até o Iluminismo pré e pós revolucionário.

Na Doutrina Positivista COMTE classificou Grécia e Roma em duas fases, respectivamente, como politeísmo progressivo e politeísmo militar ou social. Nestas fases do desenvolvimento humano, ocorreram as duas primeiras transições no desenvolvimento da humanidade: a intelectual (Grécia), mais vinculada ao progresso, e a de atividade (Roma), exemplo de ordem. Assim, o mundo greco-romano foi colocado em posição de destaque entre as civilizações. Mesmo os representantes destas civilizações, para COMTE, que não contribuíram para seus devidos sistemas, foram importantes para explicar os percalços teóricos que impediram o pleno desenvolvimento e o avanço da humanidade ao Estado Positivo.

A segunda forma de presença da Antigüidade em COMTE transcende a classificação histórica no programa de sua Doutrina teleológica. Trata-se de identificar as idéias de COMTE como uma expressão da releitura da Antigüidade, não simplesmente como

paráfrases, pois seu olhar não é paralítico sob a égide de um rigor original ou completamente indiferente às mesclas simbólicas inseridas em uma textura de concepções.

A importância que COMTE deu a Antigüidade filiou-se à longa tradição européia de busca da origem, dando importância aos modelos da história humana. Apesar do fim temporal do clássico, a tradição greco-romana jamais deixou de ter acolhida entre estudiosos que buscaram avanços e novas perspectivas de pensamento. Parece ser uma reserva inesgotável de idéias e modelos políticos, que são reapropriadas e, em seguida, rerepresentadas com nova inspiração. Porém, em COMTE e seu contexto, os exemplos não são apenas genéricos sobre a antigüidade, ocorre a separação, sobre os valores presentes na Grécia (Esparta e Atenas) e em Roma.

A Grécia no pensamento comtiano inscreve-se como a fonte intelectual do Ocidente. A origem "intelectual" tornou-se a origem do pensamento científico, um estatuto que já havida sido dado especialmente por CONDORCET, o qual avançou sua influência sobre o século XIX. As lutas teóricas sobre os modelos de Estado levaram em consideração a experiência grega. Atenas, afora o seu desenvolvimento sem igual dos marcos intelectuais para pensar a política, não foi adotada como modelo, pois sua imagem estava vinculada à visão de uma cidade perdedora (principalmente no pensamento conservador) frente ao poderio espartano de guerra. Por esse motivo, quando COMTE elogia as formulações mentais dos gregos, apenas os Lacedemônios receberam

uma visão mais positiva de política, embora eles não tenham sido “pais” de qualquer movimento intelectual.

Roma atingiu, na percepção de COMTE, o estatuto de modelo institucional e político, este tipo de inspiração atingiu o ápice com as vestes romanas do Império Napoleônico. Roma foi considerada um exemplo na medida que incorporou a civilização helênica, manifestando-se uma mescla do exemplo de Estado e da elaboração intelectual grega. Dentro dos períodos históricos de Roma, o Imperial foi aquele sobre o qual os elogios foram mais abertamente favoráveis, em virtude do ideal de autoridade e disciplina. No Império Romano, estes valores foram identificados , principalmente em CÉSAR que gozava de grande prestígio no século XIX, prosseguindo a uma tradição que se reportava ao século XVI, quando suas qualidades de literato, militar e político começaram a provocar grande fascínio.

Os valores de autoridade e disciplina pareciam ser muito importantes em um ambiente de incertezas futuras, sistematizado pelo período pós-revolucionário, quando o Antigo Regime foi despedaçado em prol ao mundo liberal, até então não experimentado. Dentro do trabalho de Auguste COMTE, o papel histórico cumprido por CÉSAR foi antes o da afirmação de valores positivos do que a função política que desempenhou, embora jamais deixem de ser reconhecidos seus feitos militares.

A apropriação de referências e valores históricos constituiu um procedimento importante de todo o projeto político, adequando as imagens do passado aos objetivos do presente.

Esta dissertação visou acima de tudo destacar a relevância destes procedimentos na obra de Auguste COMTE , em especial no que tange à Antigüidade Clássica. Ainda há muito que se pesquisar nesta temática, não apenas na obra do fundador do positivismo, mas também em outros autores e contextos.

BIBLIOGRAFIA

- AMES, Cecilia. Estudios Romanos y Modernidad: un espacio de reflexión a partir de la recepción del discurso cesariano. Universidad Nacional de Cordoba, Arg., mimeo. Texto apresentado pela autora na XXI Semana de Estudios Romanos da Univesidad Catolica de Valparaíso, outubro de 2000a.
- _____. Discurso político y cambio institucional: Julio César y los orígens de una tradición en Occidente. Mimeo, 2000b.
- ARENDR, HANNAH. A Condição Humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- _____. Entre o Passado e o Futuro. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.
- BACON, Francis. Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- BOU Troux, Émile. Science et Religion. Paris: Ernest Flammarion, 1908
- BRUNSHVIG, Léon. Le Progrès de la Conscience das la Philosophie Occidentale – tome II. Paris: Press Universitaires, 1953.
- COMTE, Auguste. Calendrier Positiviste, ou Système Général de Commémoration Publique. Paris: Éditions Fata Morgana, 1993.
- COMTE, A.. Écrite de jeunesse. Paris: Vrin, 1975.
- _____. Os Pensadores: COMTE – Curso de Filosofia Positiva; Discurso Preliminar sobre o Conjunto. do Positivismo; Catecismo Positivista. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

- _____. Cours de Philosophie Positive. Tomo V. Paris: J. B. Baillere Éditeur, 1932.
- _____. Sociologie: texte choisis. Paris: Presses Universitaires de France, 1957.
- _____. Système de Politique Positive, ou traité de sociologie, instituant la Religion de l'Humanite. Tomo III. Paris: chez Carilion Goeur, 1883a.
- _____. Système de Politique Positive, ou traité de sociologie, instituant la Religion de l'Humanite. Tomo IV. Paris: chez Carilion Goeur, 1883b.
- _____. Système de Politique Positive, ou traité de sociologie, instituant la Religion de l'Humanite. Tomo I. Paris: chez Carilion Goeur, 1883c.
- _____. Système de Politique Positive, ou traité de sociologie, instituant la Religion de l'Humanite. Tomo II. Paris: chez Carilion Goeur, 1883d.
- _____. Discurso sobre o Espírito Positivo. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- _____. Opúsculos de Filosofia Social. Porto Alegre: Globo, 1972.
- _____. Reorganizar a Sociedade. Lisboa: Guimarães, 1977.
- _____. La Philosophie Positive D'Auguste COMTE – tomo I. Versão condensada por Harriet Martineau. Paris/Rio de Janeiro: Louis Bahl/F. Brigue & C., 1894.
- _____. La Philosophie Positive D'Auguste COMTE – tomo II. Versão condensada por Harriet Martineau. Paris/Rio de Janeiro: Louis Bahl/F. Brigue & C., 1895.
- CONDORCET. Esquisse d'un Tableau Historique des Progrès de l'Esprit Humain: réflexions sur l'esclavage des nègres. Paris: Chez Masson et Fils, 1822.
- CROCE, B. Zur Theorie und Geschichte der Historiographia. Tübingen: s/ed., 1915.
- DAWSON, Christopher. Progrès et Religion. Paris: Librairie Plon, 1935.

- DE MAISTRE, Joseph. Consideraciones sobre Francia. Madrid: Ediciones Rialp, 1955.
- DESCARTES. Discurso do Método. Obra Escolhida. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962. pp. 61.
- ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- FAGUET, Émile. Initiation Philosophique. Paris: Hachette, 1913.
- FORTES, Luiz Roberto Salinas. O Iluminismo e os Reis Filósofos. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: história das violências nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1991.
- GADILLE, J. O movimento religioso no século XIX. In: NÉRÉ, Jacques. História Contemporânea. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.
- GAY, Peter. The Enlightenment: an interpretation – The rise of modern paganism. New York/London: W.W. Norton & Company, 1995 [1966].
- GOUHIER, Henri. L'Histoire et sa Philosophie. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1952.
- GRANGER, Gilles-Gaston. A Ciência e as Ciências. São Paulo: Unesp, 1994.
- GRUBER, R. P. Auguste COMTE: fondateur du Positivisme, sa vie – sa doctrine. Paris: Pl Lethielleux, 1982.
- HOBSBAWM, Eric J. A Era das Revoluções: 1789-1848. Rio de Janeiro: 1997.
- HARMAN, P. M. A Revolução Científica. São Paulo: Ática, 1995.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento do Brasil. São Paulo: Brasiliense/Publifolha, 2000.
- LINS, Ivan. Perspectivas de Augusto COMTE. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1965.
- LIND, Michael. A Segunda Queda de Roma. Folha de São Paulo: Mais!, 8 de outubro de 2000.

- MANNHEIM, Karl. Ideologia e Utopia. PoA/RJ/SP: Editora Globo, 1952.
- MARSHALL, Francisco. Classicismo e Paganismo: sendas e monumentos. Mimeo. 2001
- MEIER, Christian. Caesar: a biography. New York: BasicBooks ,1996.
- MORAES Filho, Alfredo de. Humanidade: a deusa do futuro. Rio de Janeiro: Gráfica Editora do Livro, 1982.
- NISBET, Robert. História da Idéia de Progresso. Brasília: UnB, 1985.
- PETITFILS, Jean-Christian. Os Socialismos Utópicos. São Paulo: Círculo do Livro, 1977.
- PETIT, Annie. História de um sistema: o positivismo comtiano. In: TRINDADE, Hélio. O Positivismo: teoria e prática. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1998.
- PEZAT, Paulo Ricardo. Auguste COMTE e os 'fetichistas': estudo sobre as relações entre a Igreja Positivista do Brasil, o Partido Republicano Rio-Grandense e a política indigenista na República Velha. Dissertação de Mestrado – UFRGS, 1997.
- ROSSI, Paolo. Os Filósofos e as Máquinas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ROUANET, Sérgio Paulo. Mal-Estar na Modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- RUDÉ, Georges. A Europa no Século XVIII. Lisboa: Gradiva, 1988.
- SOARES, Mozar Pereira. O Positivismo no Brasil: 200 anos de Augusto COMTE. Porto Alegre: Age; Editora da Universidade 1998.
- SEZNÉC, Jean de. The Survival of the Pagan Gods. New York, Harper TorchBooks - The Bolling Library, 1953 [London, 1940].
- TACUSSEL, Patrick. Auguste Comte, l'Oeuvre Vécue. In: COMTE, Auguste. Calendrier Positiviste, ou Système Général de Commémoration Publique. Paris: Éditions Fata Morgana, 1993.
- TAGUIEFF, Pierre-André. Paradigma Tradicionalista: horror da modernidade e antiliberalismo, Nietzsche na retórica reacionária. In: BOYER, Alain

[et. al.]. Por Que Não Somos Nietzscheanos. São Paulo: Ensaios, 1993.

TRABULSI, José A. Dabdad. Religion Grecque et Politique Française au XIX^e Siècle: Dionysos et Marianne. Paris: L'Harmattan, 1998.

TRINDADE, Liana S. As Raízes Ideológicas das Teorias Sociais. São Paulo: Ed. Ática, 1994.

VERNANT, Jean-Pierre. As Origens do Pensamento Grego. Rio de Janeiro: Bertrand Braisl, 1996.

VEYNE, Paul. Acreditavam os Gregos nos seus Mitos?. Lisboa: Edições 70, 1987.

_____. Como se Escreve a História; Foucault Revoluciona a História. Brasília: Ed. UnB, 1995.

VIDAL-NAQUET, Pierre. A Democracia Grega: ensaios de historiografia antiga e moderna. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993.

ZINGANO, Marcos. Razão e Sensação em Aristóteles: um ensaio sobre De Anima III 4-5. Porto Alegre: L&PM, 1998.

ANEXOS

ANEXO I	Classificação e Hierarquia das Ciências
ANEXO II	Biblioteca Positivista no Século XIX
ANEXO III	Quadro Sociolátrico
ANEXO IV	Programa das Aulas de 1826
ANEXO V	Hierarquia Teórica das Concepções Humanas
ANEXO VI	Série das Ciências
ANEXO VII	Quadro da História da Humanidade
ANEXO VIII	Calendário Positivista (Culto Concreto da Humanidade)
ANEXO IX	Culto Abstrato da Humanidade

ANEXO I

Preâmbulo Sintético: FILOSOFIA PRIMEIRA

1º LÓGICA. Ciência do ESPAÇO.....	(MATEMÁTICA)
	(ASTRONOMIA)
2º FÍSICA. Ciência da TERRA.....	(FÍSICA)
	propriamente dita
	(QUÍMICA)
	(BIOLOGIA)
3º MORAL. Ciência da HUMANIDADE.....	(SOCIOLOGIA)
	(MORAL)
	propriamente dita

ANEXO II

BIBLIOTECA POSITIVISTA NO SÉCULO XIX

1ª — POESIA (trinta vols.)

Homero. A Ilíada, e a Odisseia. — Esquilo. Tragedias. — Sófocles. Edipo-Rei. — Aristófanes. Comedias. — Plácaro. Odes. — Teócrito. Idílios. — Longo. Dáfnis e Cloé. — Plauto. Comedias. — Terêncio. Comedias. — Virgílio. — Obras completas. — Horácio. Obras escolhidas. — Lucano. A Farsália. — Ovídio. Obras escolhidas. — Tibulo. Obras. — Juvenal. Sátiras. — Fabliaux du Moyen-Age, por Legrand d'Aussy. — Dante. A Divina Comédia. — Ariosto. Orlando furioso. — Tasso. Jerusalém Libertada. — Petrarca. Poesias escolhidas. — Metastasio. Teatro escolhido. — Alfieri. Teatro escolhido. — Manzoni. Os Noivos. — Cervantes. D. Quixote. Novelas exemplares. — Teatro Espanhol escolhido, coleção editada por D. José Segundo Flores (em espanhol). — Romanceiro Espanhol, escolhido, compreendendo o Poema do Cid. — Corneille. Teatro escolhido. — Molière. Obras completas. — Racine. Teatro escolhido. — Voltaire. Teatro escolhido. — La Fontaine. Fábulas. — Lamotte. — Fábulas escolhidas. — Florian. Idem. — Lesage. Gil-Bras. — Mme. de Lafayette. A Princesa de Clèves. — Bernardin de St. Pierre. Paulo e Virginia. — Chateaubriand. Último Abencerrage. Os Mártires. — Shakespeare. Teatro escolhido. — Milton. O Paraíso Perdido e as Poesias Líricas. — De Foe. Robinson Crusoe. — Goldsmith. O Vigário de Wakefield. — Fielding. Tom Jones. — Walter Scott. As suas sete obras-primas: Ivanhoe, Waverley, A Formosa Donzela de Perth, O Oficial de Fortuna (Legenda de Montrose), Os Puritanos, A Prisão de Edimburgo, O Antiquário. — Byron. Obras escolhidas (suprimindo nomeadamente o D. Juan). — Goethe. Obras escolhidas. — As Mil e Uma Noites.

2ª — CIÊNCIA (trinta vols.)

Condorcet. Aritmética. — Clairaut. Álgebra e Geometria. — Lacroix ou Legendre. Trigonometria. — Descartes. Geometria. — A. Comte. Geometria Analítica. — Poisson. A Estática, seguida de todas as memórias do mesmo autor sobre mecânica. — Carnot. Reflexões sobre o cálculo infinitesimal. — Navier. Curso de Análise. Curso de Mecânica. — Carnot. Ensaio sobre o equilíbrio e o movimento. — Lagrange. A Teoria das Funções. — A. Comte. A Astronomia Popular. — Fontenelle. Pluralidade dos Mundos. — Fischer. Física Mecânica, traduzida e anotada por Biot. — John-Carr. Manual Alfabético de Filosofia Prática. — Lavoisier. Química. — Berthollet. Estatística Química. — Graham. Elementos de Química. — Meckel. Manual de Anatomia. — Bichat. Tratado sobre a vida e a morte. Anatomia Geral. — Blainville. Organização dos animais. 1º volume (único publicado). — Richerand. Fisiologia, anotada por Berard. — Segond. Ensaio sistemático sobre a Biologia. Anatomia Geral. — Barthez. Novos Elementos da Cirurgia do Homem (2ª ed. 1806). — Lamarck. Filosofia Zoológica. — Duméril. História Natural. — Guglielmini. Tratado sobre a natureza dos rios. — Buffon. Discursos sobre a natureza dos animais. — Hipócrates. Tratado sobre os

ares, as águas, e as localidades. — Hufeland. Arte de prolongar a vida humana. — Cornaro. Discurso sobre a Sobriedade. — Hipócrates. Aforismos. — Broussais. Proposições de Medicina. História das Flegmasias Crônicas. — Fontenelle. Elogios dos Cientistas. — Condorcet. Idem.

3ª — HISTÓRIA (sessenta vols.)

Malte-Brun. Resumo de Geografia Universal. — Rienzi. Dicionário Geográfico. — Cook, Viagens. — Chardin, Viagem na Pérsia. — Miguet. História da Revolução Francesa. — Herren. Manual da História Moderna. — Voltaire. Século de Luis XIV. — Mme. de Motteville. Memórias. Richelieu, Testamento Político. — Vida de Cromwell. — Davila. História das Guerras Cívicas de França. — B. Cellini. Memórias. — Comines. Memórias. — Bossuet. Resumo da História de França. — Denina. Revoluções de Itália. — Ascargota. História de Espanha. — Robertson. História de Carlos V. — Hume. História de Inglaterra. — Hallam. Europa durante a Idade-Média. — Fleury. História Eclesiástica. — Gibbon. História da Decadência Romana. — Heeren. Manual da História Antiga. — Pictet. História de Heródoto. História. — Tucídides. História da guerra do Peloponoso. — Plutarco. Vidas dos homens ilustres. — César. Comentários. — Arriano. Expedições de Alexandre. — Barthélemy. Viagem de Anacarsis. — Winckelmann. História da Arte entre os Antigos. — Leonardo da Vinci. Tratado da Pintura. — Gretry. Memórias sobre a Música.

4ª — SINTESE (trinta vols.)

Aristóteles. Política e Moral. — Bíblia, completo. — Alcorão, completo. — Santo Agostinho. A Cidade de Deus, Confissões. — S. Bernardo. Tratado sobre o amor de Deus. — Tomás de Kempis. Imitação de J. C. (o original latino, com a tradução em verso de Corneille). — Bossuet. Exposição da doutrina católica. — Catecismo de Montpellier. — Santo Agostinho. Comentário sobre o sermão da Montanha. — Bossuet. História das Variações Protestantes. — Bacon. Novum Organum. — Descartes. Discurso sobre o Método. — Diderot. Interpretação da Natureza. — Cicero. Pensamentos escolhidos. — Epitêto. Idem. — Marco Aurélio. Idem. — Pascal. Idem. Vauvenargues. Idem. — Mme. de Lambert. Conselhos de uma Mãe. — Duclos. Considerações sobre os Costumes. — Bossuet. Discurso sobre a História Universal. — Condorcet. Bosquejo Histórico. Bossuet. Política extraída das Escrituras Sagradas. — De Maistre. Tratado do Papa. — Diderot. Dissertação sobre os Surdos e os Cegos. — Hume. Ensaio Filosófico. — Adão Smith. Ensaio sobre a História da Astronomia. — Diderot. Ensaio sobre o Belo. — Barthez. Teoria do Belo. — Cabanis. As Relações entre o Físico e o Moral do Homem. — Leroy. Cartas sobre os Animais. — Gall. Tratado sobre as Funções do Cérebro. — Broussais. Tratado sobre a Irritação e a Loucura (1ª edição). — Augusto Comte. Filosofia Positiva (condensada por Miss Martineau). Política Positiva. Catecismo Positivista. Síntese Subjetiva.

ANEXO III

CATECISMO POSITIVISTA

O Amor por principio,
e a ordem por base;
o Progresso por fim.

QUADRO SOCIOLÁTRICO
RESUMIDO EM 81 FESTAS ANUAIS
a adoração universal da Humanidade

Viver para outrem
(a Família, a Pátria
a Humanidade)

LAÇOS FUNDAMENTAIS	}	1.º Mês A HUMANIDADE	1.º Dia do ano Festa simbólica do Grande Ser	}	religiosa histórica nacional comunal	
			Festas hebdomadas da União Social			
		2.º Mês O CASAMENTO	completo casto desqual subterno			
		3.º Mês A PATERIDADE	completa			natural artificial
		4.º Mês A HIJACAU	incompleta			espiritual temporal
		5.º Mês A FRATERIDADE				
6.º Mês A DOMESTICIDADE	permanente passageira	completa incompleta				
ESTADOS PREPARATÓRIOS	}	7.º Mês O FETICHISMO	espontâneo sistemático	}	nômada (Festa dos Anímas) sacerdotal (Festa do Fogol) sacerdotal (Festa do Sol) mágica (Festa do Ferro)	
			conservador			(Festa dos Castes)
		8.º Mês O POLITEISMO	intelectual (Salamina)			estático (Homero, Esquilo, Fídias)
			social			trênico (Tales, Pitágoras, Arquimedes) Apolônio, Hércules (Cíclo, César, Trajano)
		9.º Mês O MONOTEISMO	teocrático			(Abraão, Moisés, Salomão) (São Paulo)
			católico			(Carlos Magno) (Alfredo) (Hildebrando) (Gothe) (São Romano) (Maomé)
	islâmico (Lepanto) metafísico	(Dante) (Descartes) (Frederico)				
FUNÇÕES NORMAIS	}	10.º Mês A MULHER	mãe esposa linda trina	}	incidental (Festa da Amizade) preparatório (Festa da Ciência)	
		11.º Mês O SACERDÓCIO	Providência intelectual			definitivo secundário principal (Festa dos Anciãos)
		12.º Mês O PATRIARDO	Providência material			banco (Festa dos Cavaleiros) comércio fabricação agricultura
		13.º e último Mês O PROLETARIADO	Providência geral			ativo (Festa dos Inventores: Gutenberg, Colombo, Vaucanson, Watt, Montgolfier)
			contemplativo			passivo (São Francisco de Assis)
			Diu complementu Deu tessetu			Festa universal dos MORTOS Festa geral das MULHERES SANTAS

ANEXO IV

CURSO DE FILOSOFIA POSITIVA

(em 72 aulas, de 1.º de abril de 1826 a 1.º de abril de 1827)

Preliminares gerais (2 aulas): 1.ª — exposição do objetivo deste curso;
2.ª — exposição do plano

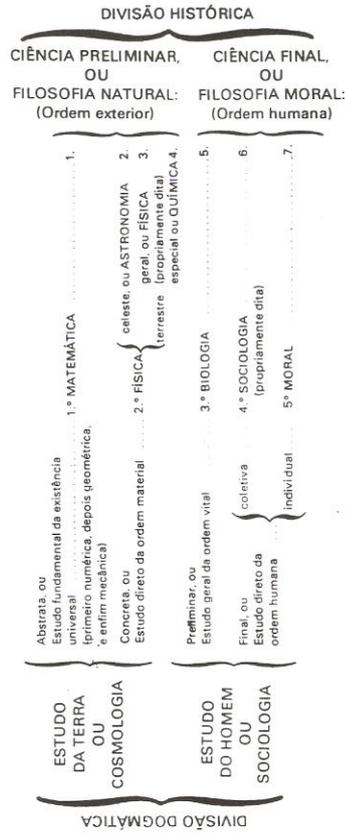
Matemática (16 aulas): Cálculo (7 aulas); Geometria (5 aulas);
Mecânica (4 aulas)

Ciência dos Corpos Brutos: Astronomia (10 aulas — Geométrica, 5
aulas; Mecânica, 5 aulas); Física (10 aulas); Química (10 aulas)

Ciência dos Corpos Organizados: Fisiologia (10 aulas); Física Social
(14 aulas)

(B) HIERARQUIA TEÓRICA DAS CONCEPÇÕES HUMANAS
 OU QUADRO SINTÉTICO DA ORDEM UNIVERSAL
 SEGUNDO UMA ESCALA ENCICLOPÉDICA DE CINCO OU SETE GRAUS

FILOSOFIA POSITIVA, ou conhecimento sistemático da HUMANIDADE



Paris, 10 de Dante de 64 (sábado, 24 de julho de 1852)

AUGUSTO COMTE

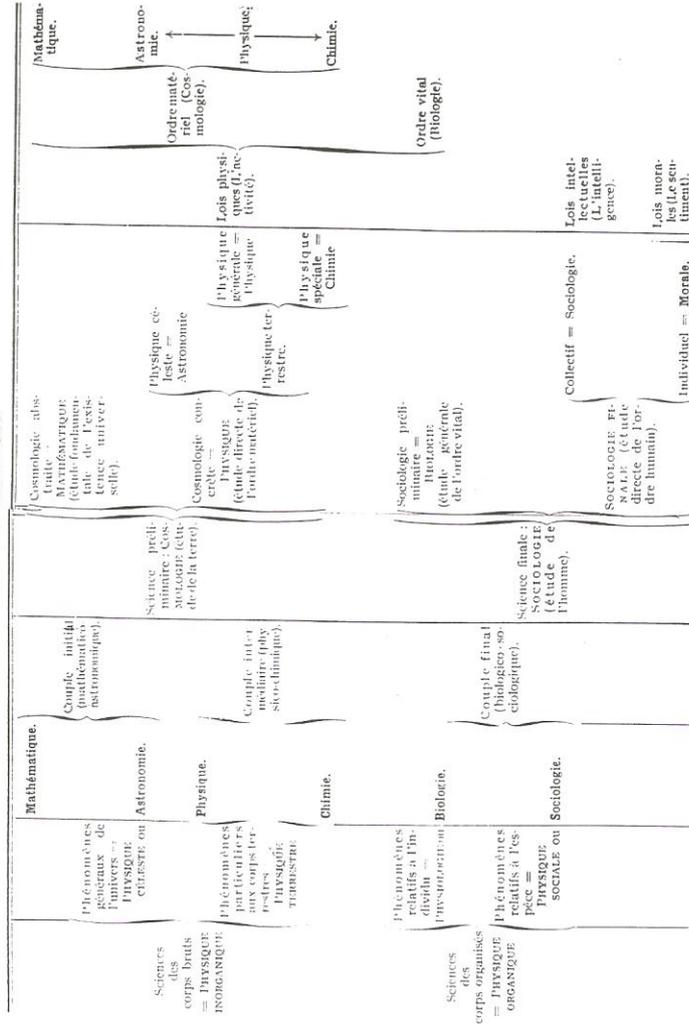
Autor do Sistema de Filosofia Positiva e do Sistema de Política Positiva
 (10, rua Monsieur-le-Prince)

ANEXO V

CATECISMO POSITIVISTA

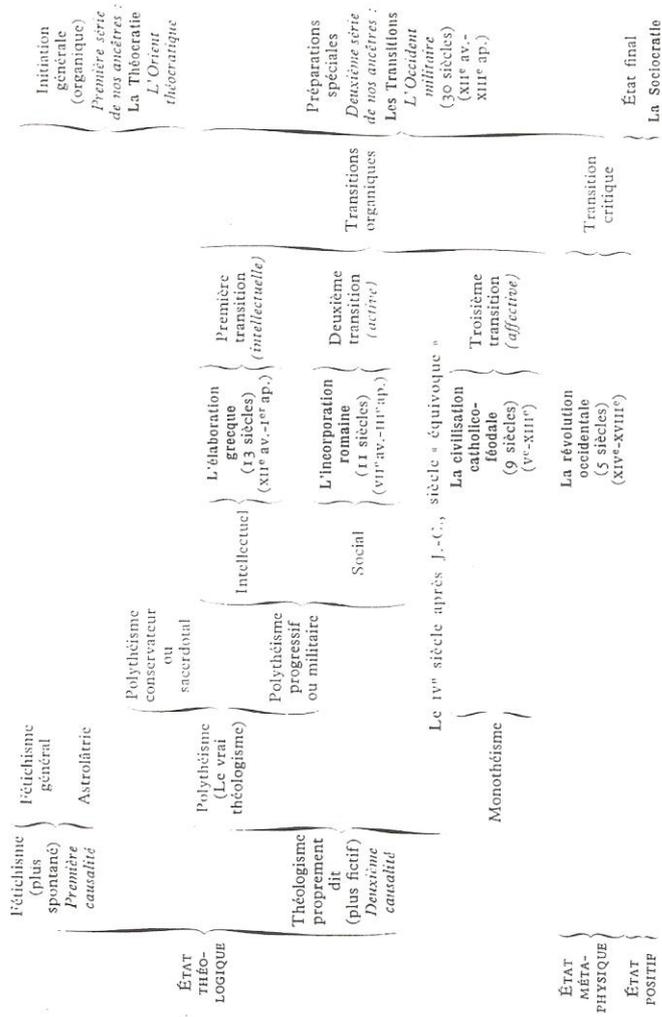
ANEXO VI

LA SÉRIE DES SCIENCES



ANEXO VII

TABLAU DE L'HISTOIRE DE L'HUMANITÉ



ANEXO VIII

CALENDÁRIO POSITIVISTA PARA O ANO 2000

QUADRO CORRELATIVO DO DIA DO MÊS

PRIMEIRO MÊS	SEGUNDO MÊS	TERCEIRO MÊS	QUARTO MÊS	QUINTO MÊS	SEXTO MÊS	SÉTIMO MÊS
MOIÇA	HOMEM	AMBIOTILES	ARQUIMEDES	CEARÁ	SÃO PAULO	CARLOS MARCO
A TOCERACIA INICIAL	A FORTIA ANTIGA	A FILOSOFIA ANTIGA	A CIÊNCIA ANTIGA	A CIVILIZAÇÃO NEUFEM	O CATÓLICO	A CIVILIZAÇÃO PRÉDIAL
1. Praxiteles 2. Orestes 3. Ulisses 4. Sócrates 5. Sócrates 6. Sócrates 7. Sócrates 8. Sócrates 9. Sócrates 10. Sócrates 11. Sócrates 12. Sócrates 13. Sócrates 14. Sócrates 15. Sócrates 16. Sócrates 17. Sócrates 18. Sócrates 19. Sócrates 20. Sócrates 21. Sócrates 22. Sócrates 23. Sócrates 24. Sócrates 25. Sócrates 26. Sócrates 27. Sócrates 28. Sócrates 29. Sócrates 30. Sócrates	1. Sócrates 2. Sócrates 3. Sócrates 4. Sócrates 5. Sócrates 6. Sócrates 7. Sócrates 8. Sócrates 9. Sócrates 10. Sócrates 11. Sócrates 12. Sócrates 13. Sócrates 14. Sócrates 15. Sócrates 16. Sócrates 17. Sócrates 18. Sócrates 19. Sócrates 20. Sócrates 21. Sócrates 22. Sócrates 23. Sócrates 24. Sócrates 25. Sócrates 26. Sócrates 27. Sócrates 28. Sócrates 29. Sócrates 30. Sócrates	1. Sócrates 2. Sócrates 3. Sócrates 4. Sócrates 5. Sócrates 6. Sócrates 7. Sócrates 8. Sócrates 9. Sócrates 10. Sócrates 11. Sócrates 12. Sócrates 13. Sócrates 14. Sócrates 15. Sócrates 16. Sócrates 17. Sócrates 18. Sócrates 19. Sócrates 20. Sócrates 21. Sócrates 22. Sócrates 23. Sócrates 24. Sócrates 25. Sócrates 26. Sócrates 27. Sócrates 28. Sócrates 29. Sócrates 30. Sócrates	1. Sócrates 2. Sócrates 3. Sócrates 4. Sócrates 5. Sócrates 6. Sócrates 7. Sócrates 8. Sócrates 9. Sócrates 10. Sócrates 11. Sócrates 12. Sócrates 13. Sócrates 14. Sócrates 15. Sócrates 16. Sócrates 17. Sócrates 18. Sócrates 19. Sócrates 20. Sócrates 21. Sócrates 22. Sócrates 23. Sócrates 24. Sócrates 25. Sócrates 26. Sócrates 27. Sócrates 28. Sócrates 29. Sócrates 30. Sócrates	1. Sócrates 2. Sócrates 3. Sócrates 4. Sócrates 5. Sócrates 6. Sócrates 7. Sócrates 8. Sócrates 9. Sócrates 10. Sócrates 11. Sócrates 12. Sócrates 13. Sócrates 14. Sócrates 15. Sócrates 16. Sócrates 17. Sócrates 18. Sócrates 19. Sócrates 20. Sócrates 21. Sócrates 22. Sócrates 23. Sócrates 24. Sócrates 25. Sócrates 26. Sócrates 27. Sócrates 28. Sócrates 29. Sócrates 30. Sócrates	1. Sócrates 2. Sócrates 3. Sócrates 4. Sócrates 5. Sócrates 6. Sócrates 7. Sócrates 8. Sócrates 9. Sócrates 10. Sócrates 11. Sócrates 12. Sócrates 13. Sócrates 14. Sócrates 15. Sócrates 16. Sócrates 17. Sócrates 18. Sócrates 19. Sócrates 20. Sócrates 21. Sócrates 22. Sócrates 23. Sócrates 24. Sócrates 25. Sócrates 26. Sócrates 27. Sócrates 28. Sócrates 29. Sócrates 30. Sócrates	1. Sócrates 2. Sócrates 3. Sócrates 4. Sócrates 5. Sócrates 6. Sócrates 7. Sócrates 8. Sócrates 9. Sócrates 10. Sócrates 11. Sócrates 12. Sócrates 13. Sócrates 14. Sócrates 15. Sócrates 16. Sócrates 17. Sócrates 18. Sócrates 19. Sócrates 20. Sócrates 21. Sócrates 22. Sócrates 23. Sócrates 24. Sócrates 25. Sócrates 26. Sócrates 27. Sócrates 28. Sócrates 29. Sócrates 30. Sócrates

Dia complementar: Festa universal dos MORTOS
Dia bissexto: Festa geral das SANTAS MULHERES.

ANEXO IX

CULTE ABSTRAIT DE L'HUMANITÉ,
ou
 CÉLÉBRATION SYSTÉMATIQUE DE LA SOCIABILITÉ FINALE.

ÉTATS FONDAMENTAUX.	Janvier.	L'HUMANITÉ.	Fêtes hebdomadaires de l'Union.	Occidentale. Nationale. Provinciale. Communale.
	Février.	Le MARIAGE.		
	Mars.	La PATERNITÉ.		
	Avril.	La FILIATION.		
	Mai.	La FRATERNITÉ.		
	Juin.	La DOMESTICITÉ.		
ÉTATS PRÉPARATOIRES.	Juillet.	Le FÉTICHISME.		
	Août.	Le POLYTHÉISME.		
	Septembre.	Le MONOTHÉISME.		
FONCTIONS NORMALES.	Octobre.	La FEMME, ou la vie affective.		
	Novembre.	Le SACERDOCE, ou la vie contemplative.		
	Décembre.	Le PROLÉTARIAT, ou la vie active.		
	Final.	L'INDUSTRIE, ou le pouvoir pratique.	Fêtes hebdomadaires.	Banque. Commerce. Fabrication. Agriculture.

Jour complémentaire. Fête générale des MORTS.

Jour additionnel des années bissextiles. Fête générale des SAINTES FEMMES.